

REGIANE RIBEIRO DE AQUINO



INVENTÁRIO DE PERCEPÇÃO DE SUPORTE FAMILIAR (IPSF) E

ESCALA DE VULNERABILIDADE AO ESTRESSE NO TRABALHO

(EVENT): EVIDÊNCIA DE VALIDADE

ITATIBA  
2007

REGIANE RIBEIRO DE AQUINO



INVENTÁRIO DE PERCEPÇÃO DE SUPORTE FAMILIAR (IPSF) E  
ESCALA DE VULNERABILIDADE AO ESTRESSE NO TRABALHO  
(EVENT): EVIDÊNCIA DE VALIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Gaduação *Stricto  
Sensu* da Universidade São Francisco para obtenção do título de  
Mestre em Psicologia.

ORIENTADOR: PROF. DR. MAKILIM NUNES BAPTISTA

ITATIBA  
2007

WM 172      Aquino, Regiane Ribeiro de.  
A669i      Inventário de Percepção de Suporte  
Familiar (IPSF) e Escala de Venerabilidade ao  
Estresse no Trabalho (EVENT): evidência de  
validade / Regiane Ribeiro Aquino. -- Itatiba, 2007.  
132 p.

Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-  
Graduação em *Stricto Sensu* em Psicologia da  
Universidade São Francisco.  
Orientação de: Makilim Nunes Baptista

1. IPSF. 2. EVENT. 3. Estresse no trabalho.  
4. Suporte familiar. I. Baptista, Makilim. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelas Bibliotecárias do Setor de  
Processamento Técnico da Universidade São Francisco.

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA  
MESTRADO

INVENTÁRIO DE PERCEPÇÃO DE SUPORTE FAMILIAR (IPSF) E  
ESCALA DE VULNERABILIDADE AO ESTRESSE NO TRABALHO  
(EVENT): EVIDÊNCIA DE VALIDADE

Autora: Regiane Ribeiro de Aquino

Orientador: Prof. Dr. Makilim Nunes Baptista

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação de mestrado defendida por Regiane Ribeiro de Aquino e aprovada pela comissão examinadora.

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Makilim Nunes Baptista

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Leal Calais

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Acácia Ap. Angeli dos Santos

ITATIBA  
2007

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter-me dado coragem, paciência e persistência para a realização de mais essa importante etapa da minha vida.

Aos meus pais pelo apoio e compreensão das minhas ausências. Nunca conseguirei expressar toda minha gratidão. Ao meu irmão que me deu uma sobrinha linda e que amo demais.

Ao Junior pelo incentivo, amor e carinho. Sem seu apoio tudo teria sido muito mais difícil, muito obrigada.

Ao Prof. Dr. Makilim Nunes Baptista, meu orientador, pelo auxílio na construção e reconstruções deste trabalho e por me mostrar outras formas de leitura na Psicologia.

À querida amiga Maria Tereza Campos - Teka, por tudo que me tem contribuído em minha formação e principalmente pela amizade nestes anos, meu respeito e mil vezes obrigada.

À querida amiga e “irmã mais velha” Solange Monteiro de Carvalho, por ter me “contaminado” com o desejo da pesquisa neste momento e antes dele, por todos o incentivo e amizade, pela coleta de dados... enfim... Valeu.

À minha “irmãzinha” mais nova Rosangela Barboza, pela amizade e colaboração em todos os momentos, principalmente nos mais tumultuados.

À querida Cássia Souza pela ajuda na coleta de dados, pelo apoio e amizade. À Keila Gutierrez e a Maria de Lurdes Valino pela contribuição na coleta de dados.

A todas as outras pessoas que tem contribuído com minha formação, colegas da UNICSUL, Simone pela oportunidade e, em especial ao Luís Carlos Gatto, pelas supervisões em clínica, pela amizade, minha admiração e respeito.

Às Professoras Dras. Sandra Leal Calais e Acácia Ap. Angelini Santos pelas contribuições no exame de qualificação.

Às queridas e especiais amigas que fiz no mestrado: Silvana Alba Scortegagna, Fernanda Argentini Sartori, Karine Silva Oliveira, Sandra Padilha e Bianca Carolina Vendemiatto, obrigada pelo acolhimento e pela oportunidade de conhecê-las nunca me esquecerei de vocês!!!

À Mayra Silva de Souza por compartilhar comigo orientações, tarefas, acertos e pela amizade.

Aos coordenadores dos cursos que autorizaram a coleta de dados e em especial, aos participantes desta pesquisa, em disponibilizar e compartilhar informações tão pessoais e tão importantes.

A todos que são especiais para mim, que deixaram suas marcas e enriqueceram minha vida, meu carinho e gratidão.

## RESUMO

Aquino, R. R. (2007). *Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF) e Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho (EVENT): Evidência de Validade*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba.

O Suporte familiar é caracterizado pelas variáveis psicológicas presentes nas relações familiares, que têm papel fundamental no desenvolvimento de seus membros, influenciando a forma como são vivenciados e reproduzidos comportamentos, afetividade e valores sociais. O conceito de suporte familiar tem o caráter protetivo para as situações de estresse, inclusive as que estão relacionadas ao trabalho. O presente estudo teve como objetivo buscar evidências de validade baseada na relação com outras variáveis entre o Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF) e a Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho (EVENT). Participaram da pesquisa 414 estudantes universitários de uma instituição particular da cidade de São Paulo. A idade média dos participantes foi de 25 anos, sendo idade mínima 17 e máxima 54, sendo que 56,8% ( $n=235$ ) eram do sexo feminino e participaram estudantes dos cursos da saúde, humanas e exatas. Além do IPSF e da EVENT, foi utilizado também um questionário de identificação, para caracterização da amostra, com questões sobre o sexo, idade, curso, tipo de trabalho, horas de trabalho, dados da família nuclear e poder econômico. Os instrumentos foram aplicados de forma coletiva, nas salas de aula e com duração aproximadamente de uma hora por sala. Foram encontradas correlações negativas entre as dimensões do IPSF e da EVENT conforme o esperado, indicando que quanto maior o suporte familiar, menor a vulnerabilidade ao estresse. Ambos os instrumentos foram correlacionados com eventos de vida estressantes, sendo que foram encontradas correlações negativas com o IPSF e positivas com a EVENT. Nas análises secundárias do IPSF os resultados encontrados revelaram que os homens possuem maior autonomia familiar quando comparado com as mulheres, que os cursos da área da saúde tiveram médias inferiores para adaptação familiar e que quanto maior o poder econômico das famílias, maior foi a média no suporte familiar. Em relação ao Estresse foi encontrado que os trabalhadores com contrato formal de trabalho, tiveram médias maiores que os grupos autônomo e temporário; que aqueles que trabalham acima de 40/44 horas semanais, também apresentaram médias maiores do que aqueles que trabalham entre 20 e 30 horas e, os que possuem quantidade de tarefas compatível com o cargo tiveram médias menores de estresse, quando comparados com os que exercem mais e quem exerce menos tarefas. Espera-se que este trabalho possa contribuir para as evidências de validade da EVENT, bem como com pesquisas na área de família e trabalho, embora se faz necessário que outras pesquisas sejam realizadas, dadas as limitações deste estudo, inclusive pelas características bem particulares da população.

Palavras-chave: IPSF; EVENT; Eventos de vida; trabalho; família.

## ABSTRACT

Aquino, R.R. (2007). Inventory of Perception of Family Support (IPSF) Scale of Vulnerability to the Stress in Work (EVENT): Evidence of Validity. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós- Graduação Stricto Sensu, Universidade São Francisco, Itatiba.

The familiar support is characterized by the psychological variables in family relations, that have a fundamental rule in the development of its members, having influenced the form as they are lived and reproduced the social behaviors, affectivity and values. The concept of familiar support has its support in the character of the situations of stress, also the ones that are related to the work. This study looks for evidences about the validity between the relation of the Inventory of Perception of Family Support (IPSF) and Scale of Vulnerability to the Stress in Work (EVENT). 414 university students of a private institution of the city of São Paulo had participated in the research. The average age of the participants was of 25 years, starting at the age of 17 to 54, considering that 56.8% (n=235) was females. Considering the EVENT and the IPSF, to characterization of the sample, questions about the sex, age, course, type of work, working hours, and data about the family and economic data. The instruments had been applied collectively, in the classrooms and the duration was of one hour. Negative correlations between the dimensions of the IPSF and in agreement to the EVENT had been found, as expected, indicating that the bigger the family, lesser the support. Both instruments had been correlated with stressing events of life, having negative correlations in the IPSF and positive with the EVENT founded. In the secondary analyses of the IPSF the results had disclosed that a men has a greater familiar autonomy then a women, and the courses in the field of health had an inferior average for familiar adaptation and that the bigger the economic power of the families, the greater the average in familiar support. About the stress, was found that the workers with written contracts, had bigger averages that the independent groups and temporary workers; and those that work above of 40/44 weekly hours, had also presented bigger averages of those that work between 20 and 30 hours and, the ones that have compatible amount of tasks in their positions had a lesser average of stress, comparatively with the ones that have more or less amount of tasks. Expects that this work can contribute for the evidences of the validation of the EVENT, as well as the research in the field of family and work, altought it makes necessary that other researches are carried through, given the limitations of this study, also considering the characteristics of the population.

Keywords: IPSF; EVENT; Events of life; work; family.



**SUMÁRIO**

LISTA DE TABELAS .....	viii
Apresentação .....	1
Capítulo I .....	5
Família .....	5
Capítulo II .....	13
Suporte Familiar .....	13
Capítulo III .....	26
Estresse .....	26
Capítulo IV .....	43
Trabalho .....	43
Capítulo V .....	52
Trabalho e Família .....	52
Método .....	59
Participantes .....	59
Instrumentos .....	59
Questionário de Identificação .....	59
Inventário de Percepção de Suporte Familiar – IPSF .....	60
Escala de Vulnerabilidade ao Estresse do Trabalho – EVENT .....	62
Procedimentos .....	64
Resultados .....	66
Análise Descritiva dos Dados .....	66
Caracterização da Amostra .....	66
Análise Inferencial dos Dados .....	79
Análises Secundárias .....	84
Discussão .....	100
Conclusões .....	114
Referências .....	118
Anexos .....	126

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Freqüência da amostra por estado civil .....	67
Tabela 2. Porcentagem das áreas por sexo .....	68
Tabela 3. Freqüência e porcentagem da compatibilidade do cargo e função .....	69
Tabela 4. Freqüência das classes de critério econômico .....	70
Tabela 5. Freqüência e porcentagem do responsável por gerenciar a família financeiramente .....	71
Tabela 6. Freqüência e porcentagem do nível de escolaridade dos pais .....	72
Tabela 7 . Freqüência e porcentagem do número de irmãos dos participantes .....	72
Tabela 8. Freqüência e porcentagem das famílias consideradas intactas e não-intactas .....	73
Tabela 9. Freqüência e porcentagem para eventos de vida relacionados ao trabalho .....	74
Tabela 10. Freqüência e porcentagem para eventos de vida relacionados à escola .....	75
Tabela 11. Freqüência e porcentagem para eventos de vida relacionados ao trabalho .....	75
Tabela 12. Freqüência e porcentagem para eventos de vida relacionados à saúde .....	76
Tabela 13. Freqüência e porcentagem para eventos de vida relacionados à perda / luto .....	76
Tabela 14. Freqüência e porcentagem para eventos de vida relacionados à mudança .....	77
Tabela 15. Freqüência e porcentagem para eventos de vida relacionados a namoro .....	77
Tabela 16. Freqüência e porcentagem para eventos de vida relacionados às questões legais. .....	77
Tabela 17. Freqüência e porcentagem para eventos de vida relacionados à Família .....	78
Tabela 18. Freqüência e porcentagem para eventos de vida relacionados ao matrimônio..	78
Tabela 19. Correlação de Spearman para as dimensões do IPSF e EVENT .....	80
Tabela 20. Correlação de Spearman para os Eventos de vida e as dimensões do IPSF .....	82
Tabela 21. Correlação de Spearman para os Eventos de Vida e as dimensões do EVENT .	83

Tabela 22. Comparações entre as dimensões da EVENT e IPSF e a variável sexo.....	85
Tabela 23. Comparações entre o estado civil e as dimensões do EVENT e do IPSF .....	86
Tabela 24. Comparação por curso nos resultados do EVENT e IPSF .....	86
Tabela 25. Comparação entre atividade remunerada e voluntário com o IPSF e EVENT... 88	
Tabela 26. Resultados da EVENT e a relação entre tarefas e cargo .....	88
Tabela 27. Comparação dos resultados da EVENT entre tarefas compatíveis e mais tarefas .....	89
Tabela 28. EVENT, tarefas compatíveis e menos tarefas .....	89
Tabela 29. EVENT, mais tarefas e menos tarefas .....	90
Tabela 30. Tipo de trabalho exercido e EVENT .....	90
Tabela 31. Comparação entre os grupos informal e temporário e a EVENT .....	91
Tabela 32. Comparação entre os grupos informal e autônomo .....	91
Tabela 33. Comparações entre os grupos de trabalho formal e temporário e a EVENT.....	92
Tabela 34. Comparações entre os grupos formal e autônomo e a EVENT.....	92
Tabela 35. Comparação entre a Carga horária de trabalho e a EVENT .....	93
Tabela 36. Comparações entre carga horária até 30 horas e de 30 até 40/44 com EVENT. 93	
Tabela 37. Comparações entre a carga horária de 31 a 44 horas e acima de 44 horas com a EVENT .....	94
Tabela 38. EVENT e jornada de trabalho até 30 e acima de 44 horas. ....	95
Tabela 39. Comparações entre EVENT e IPSF entre as situações de moradia.....	96
Tabela 40. IPSF e EVENT por nível econômico .....	97
Tabela 41. Comparação de média entre as Classes Alta e Média-Alta e Média Baixa e Baixa.....	98
Tabela 42. Comparação entre as famílias intactas e não-intactas e o EVENT e o IPSF .....	99

## **Apresentação**

As pesquisas na área de psicologia, principalmente envolvendo instrumentos têm sido bastante discutidas nos últimos anos e tema de grande preocupação de pesquisadores (Noronha, 2002). Para Pasquali (2001) os testes psicológicos como qualquer instrumento de medida, devem apresentar qualidades psicométricas e características que aprovelem a confiabilidade dos mesmos, permitindo seu uso. Anastasi e Urbina (2000) ressaltam a importância dos testes psicológicos, sejam para medir características individuais para uso clínico ou para pesquisa, sendo que independente do uso destes instrumentos, a pergunta mais importante a ser formulada é sobre sua validade. A validade do teste se refere ao grau em que mede aquilo que se propõe e isso implica em afirmar quão bem o teste cumpre sua tarefa. Para determinar a validade dos instrumentos devem ser feitos, dentre outros, estudos de comparação por meio de critérios apropriados e para Pasquali (2001) a validade do teste será estabelecida pela avaliação empírica da verificação de hipóteses, sempre determinando inicialmente o construto (processo psicológico, comportamento, capacidade ou aptidão) a ser medido.

Anastasi e Urbina (2000) apontam três tipos principais de validade, a saber, de Conteúdo, de Construto e de Critério. A validade de Conteúdo diz respeito a verificação do conteúdo de um instrumento para determinar se nele estão presentes uma amostra que represente o universo de comportamento ou característica a ser medido, isto é, deve-se assegurar que todos os aspectos importantes do construto estejam incluídos. A validade de Construto se refere a extensão em que é possível dizer que o teste mede um construto teórico ou traço e este tipo de validade infere o grau que o indivíduo possui determinada característica. A validade de critério está relacionada com os escores do teste com outros

critérios geralmente externos, por exemplo, descrever o desempenho acadêmico/profissional, ou mesmo critério obtido por meio do uso de instrumentos relacionados.

Segundo os *Standards for Educational and Psychological Testing* produzido pela *American Educational Research Association, American Psychological Association e National Council on Measurement in Education* (AERA, APA & NCME, 1999), a validade é um conceito único, mas várias são as possibilidades de evidenciar a validade e a decisão sobre ela deve servir para clarificar a posição que apóia a interpretação do teste e seu score.

Para este estudo em específico, será considerada a definição de Evidência de validade baseada na relação com outras variáveis, definida pela análise de comparações de resultados de testes e variáveis externas que podem incluir medidas de algum critério que o teste tem expectativa de ser preditor, bem como a relação com outros testes hipotéticos para medir algum construto ou teste avaliando construtos diferentes. Estas relações devem ser consistentes com o construto proposto para permitir interpretação, podendo ainda ser do tipo Convergente ou Discriminante. Evidência convergente se refere quando os resultados de testes e outras medidas avaliam construtos similares, enquanto que testes medindo construtos diferentes, fornecem evidência discriminante. Os estudos para este tipo de evidência de validade podem ser experimental, bem como correlacional (AERA, APA & NCME, 1999).

A presente dissertação tem como objetivo demonstrar evidências de validade baseada na relação com outras variáveis para os construtos de suporte familiar e vulnerabilidade ao estresse laboral, por meio de dois instrumentos de avaliação psicológica, a saber: Inventário de Percepção de suporte familiar – IPSF e Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho - EVENT. O trabalho está dividido em Fundamentação Teórica com

cinco capítulos, em Método, com participantes, instrumentos e procedimentos, em resultados, discussão e finalmente conclusão.

No primeiro capítulo, denominado de família, são discutidos a importância da família na sociedade, seu papel e de seus membros, conceituações e a necessidade em estudar tema tão complexo e que tem relação com outros setores da vida humana. São utilizados autores nacionais e internacionais, principalmente trabalhos americanos.

No segundo capítulo são apresentados o conceito de suporte familiar e sua importância. O Suporte Familiar compreende as variáveis psicológicas presentes nas relações familiares, mas que contribui com a saúde, por seu efeito protetivo para as situações de estresse. O conceito de Suporte Familiar utilizado neste trabalho é baseado no modelo circumplexo de Olson.

O Estresse é apresentado e discutido no capítulo três, no qual são retomadas as três principais teorias acerca deste construto, visto como resposta, estímulo e integração ambiente-indivíduo. É dada ênfase ao estresse ocupacional, um dos mais estudados na literatura pelo seu impacto no ambiente laboral.

O Trabalho é contextualizado no quarto capítulo e são discutidas suas crescentes preocupações no meio científico. As mudanças no ambiente laboral refletiram na saúde do trabalhador, na sociedade e também na família, além de suas peculiaridades em relação ao sexo.

O quinto e último capítulo da introdução é uma interface das discussões desenvolvidas entre trabalho e família. São apresentadas pesquisas que focam essa relação e as variáveis comuns. Por se tratar de ambientes que se relacionam, ambos interferem mutuamente, por isso, também é discutido o conflito trabalho-família, embora não seja

construto diretamente utilizado neste trabalho, serviu de referência para o teste de algumas hipóteses.

Nos capítulos seguintes encontram-se apresentados resultados, com todos os cálculos estatísticos realizados no programa SPSS, e na seqüência, os mesmos são relacionados com a literatura pesquisada.

Por fim e não menos importante, a conclusão busca retomar os achados mais significativos, retornando às hipóteses principais levantadas, além de algumas análises secundárias.

## Capítulo I

### Família

A família tem sofrido o impacto de todas as mudanças ocorridas na sociedade, incluindo os aspectos econômicos, políticos, tecnológicos e culturais. Por ser considerado o primeiro grupo do qual o ser humano faz parte, a saúde mental das pessoas e o ambiente familiar experienciado são relacionados com frequência (Ackerman, 1978; Féres-Carneiro 1983).

A Organização Panamericana de Saúde cita a Organização Mundial da Saúde que em 1976 definiu que a família é a unidade básica da sociedade mais acessível para efetuar intervenções preventivas e terapêuticas. A saúde da família vai além dos aspectos físicos e mentais de seus membros, pois também promove o desenvolvimento natural, o social e a realização de todos. Na família se estabelecem ainda, pela primeira vez, os comportamentos e as decisões em termos de saúde, de onde se originam a cultura, os valores e as normas sociais (OPS, 2003).

Schwab, Stephenson e Ice (1993) ao discutirem a história da família ocidental, ressaltaram o trabalho considerado pioneiro do francês Frederic Le Play, que estudou a família após a Revolução Francesa no século XIX e definiu três tipos de família. O primeiro tipo era a patriarcal ou tradicional constituída de esposo, como chefe de família, mulher e filhos. Os filhos casados viviam a uma pequena distância da família, sendo que o papel autoritário pertencia ao pai e, aos filhos caberia herdar a propriedade. Neste tipo, a família pertencia à camada considerada mais privilegiada e teve participação ativa no desenvolvimento da sociedade. O segundo tipo foi denominado de *stem family*, entendido como a união da família nuclear e de agregados, constituída dos pais, dos filhos não casados e dos filhos casados que tinham sido escolhidos pelo pai para continuar seu



trabalho ou dos interesses inerentes das propriedades familiares. Este tipo maximizava o interesse tanto individual quanto grupal, combinando pai autoritário e liberdade individual e, foi considerado o responsável pelo sucesso da sociedade inglesa e americana. O terceiro tipo foi chamado de “instável”, pois era o resultado de dois adultos livres, desvinculados de grandes bens e de propriedades e que haviam sido abandonados pelos pais ou sofriam esta perda precocemente. Neste caso, as dificuldades de sobrevivência levaram estas famílias aos grandes centros.

Longas horas de trabalho diminuíram o número de horas dedicadas à integração familiar. Doenças psicossomáticas, como alguns tipos de problemas coronarianos foram vistos como efeitos da industrialização em 1910. Verificou-se que todas essas transformações que ocorreram na sociedade reforçavam que na ocorrência de privações familiares os conflitos eram gerados, na forma de níveis de ansiedade, estresse e dificuldades nas formas de enfrentamento (Schwab, Stephenson & Ice, 1993).

Enquanto papel social, a família desempenha funções como prover alimentos, abrigo e outras necessidades materiais; oferecer proteção frente às diversidades externas; promover os primeiros laços afetivos; favorecer que a identidade pessoal seja construída a partir da identidade familiar; proporcionar integridade e promover a aquisição de capacidades para o enfrentamento das situações e experiências novas; servir como modelo de papéis sexuais; exercitar a integração de papéis e da responsabilidade social e apoiar a criatividade e iniciativa pessoal, como fomento de aprendizagem (Ackerman, 1978). Ainda nesse mesmo sentido, Caldas (2003), Carvalho e Almeida (2003) ressaltaram a importância da família enquanto provedora de necessidades emocionais e econômicas, visto que essas situações permitem que o indivíduo se sinta valorizado e compreendido, no intuito de produzir, reunir e distribuir recursos para a satisfação de necessidades.

Sobre o funcionamento da família são encontradas descrições de sua dinâmica, em que são observadas diferenças nos comportamentos familiares e o fato destes serem considerados como mais ou menos problemáticos, substituindo discussões sobre a configuração da família para sua forma de funcionamento. Olson, Russel e Sprenkle (1983) organizaram uma teoria que pretende compreender a família como um sistema em funcionamento, que implica no resultado do desenvolvimento de seus membros e nas maneiras de enfrentamento de situações complexas.

Na revisão de literatura realizada por Baptista, Baptista e Dias (2001) sobre estrutura e relação familiares com os fatores de risco de depressão em adolescentes, foi observado que as famílias que ofereciam mais estabilidade aos filhos, não estavam relacionadas à estrutura familiar (íntacta, divididas ou reconstituídas), mas sim à sua funcionalidade em promover condições favoráveis ao desenvolvimento. Baptista (1998) destacou que a família pode ser capaz de influenciar na transmissão de princípios morais, regras e crenças, como também promover o desenvolvimento de características pessoais e a maneira dos indivíduos se relacionarem com o trabalho, a escola e os amigos por exemplo.

Campos (2004) destacou as divergências encontradas na literatura para conceituar família, sendo possível encontrar denominações como: *laços conjugais* – entendido como a união entre um homem e uma mulher que dará origem a filhos, *consangüinidade* laços entre avós, tios etc, *parentesco* no qual se destacaram os laços originados por casamentos e/ou adoção e por fim, *residência comum* compreendido enquanto grupo de pessoas (podendo incluir ou não pais e filhos) que viveriam juntos. Carvalho e Almeida (2003) apontaram que a família extrapola o conceito de residência e nesse sentido, trata-se de uma comunidade moral, de um grupo com o qual os membros se identificam e mantêm envolvimento emocional.

Para compreender o termo família, se faz necessário diferenciar os conceitos de estrutura e suporte familiar. Compreende-se como estrutura as características físicas da família, tais como, o número de pessoas que a compõem e como estão dispostas, se é nuclear ou foi dividida, entre outros. Já o suporte familiar relaciona-se com as variáveis psicológicas presentes nas relações familiares como: expressão de carinho, atenção, comunicação, proximidade afetiva, permissão de autonomia, liberdade, superproteção, independência, diálogo entre outros (Baptista & Oliveira 2004). Para Campos (2004), as funções da família poderiam ser destacadas como: afetiva (oferecer carinho, amor e apoio), socializadora (intermediar o acesso ao mundo externo) e cuidadora (envolvendo tanto necessidades emocionais quanto necessidades de recursos financeiros, sociais, saúde, alimentação etc).

Mota, Franco e Motta (1999) ressaltaram que famílias inteiras podem vivenciar situações de estresse particulares (como mudanças de vida e eventos importantes) e esses fatores podem desencadear repercussões sobre a saúde do grupo. Diante disso, receber suporte adequado pode contribuir para capacitar a família a funcionar com “versatilidade e maiores recursos”. O suporte familiar agiria como protetor para eventos vitais estressantes à medida que estaria presente e principalmente percebido como disponível. A idéia de proteção envolve não apenas evitar o surgimento de doenças, mas também proteger quanto ao grau de incapacitação da mesma.

Ackerman (1978) ressaltou a necessidade do estudo das relações familiares em seu contexto micro e macrosocial e a ambivalência da função exercida pelo grupo familiar. O papel da família se relaciona aos aspectos positivos como desenvolvimento, saúde, sentimentos de realização e aos negativos, representados pela enfermidade, fracasso e a não promoção de saúde, ou seja, a família favorece a saúde, mas também pode contribuir para o

aparecimento da doença. A importância da família no contexto micro está ligada a sua base para os relacionamentos humanos e num aspecto macro em sua relação com a sociedade e a cultura, pois a interface entre esses dois pontos ressalta as vicissitudes familiares que são valorizadas de diferentes formas pela cultura.

A família possui múltiplos papéis no processo de estresse. Ao ser vista como uma instituição social, a vida familiar pode ser considerada propícia a um clima de tensão, pois observa-se que algumas pessoas podem descarregar sua carga emocional, vivida em outros ambientes, nos membros familiares. Por um lado, uma tensão vivida no trabalho, pode dar lugar a uma reação punitiva diante de uma transgressão infantil ou uma criança que sofreu humilhação no momento de lazer ou na escola, poderia demonstrar rebeldia às normas familiares. Por outro lado, a sociedade contemporânea atribuiu à família, o papel de oferecer aos seus membros momentos de tranquilidade. O lar pode representar para muitas pessoas não apenas o lugar preferido após situações de aflição, mas o único lugar em que receberiam aceitação e suporte (Pearlin, 1982).

Além de oferecer sossego e suporte, a família também pode infligir dor emocional e punição. As mudanças institucionais e estruturais da família contemporânea podem contribuir para as questões de estresse em fatores como urbanização, espaço geográfico, diferenças sociais e econômicas entre os pares, mudanças ou perdas de papéis, crescimento dos filhos e/ou morte do parceiro entre outros. Com o aumento da longevidade, muitas pessoas adiam seu desejo de serem pais e só o realizam após a estabilização profissional. Em alguns casos, o declínio da saúde física dos pais ou doenças debilitadoras em pais de filhos jovens, pode fazê-los assumir o papel de cuidadores, desempenhando responsabilidades, ainda muito jovens, o que pode comprometer sua autonomia futura (Pearlin, 1982).

McFarlane, Bellissimo e Norman (1995) em seu estudo sobre a influência do rompimento familiar e o bem-estar da família, indicaram que pais que se relacionaram com os filhos (modo parental) de maneira empática e protetora, propiciaram a integração familiar e o bem estar dos membros. O modo parental referido foi independente da estrutura familiar (intacta, só um dos pais, pais adotivos), entretanto, observaram que diante da perda de um dos pais durante a infância, foi possível ocorrer interferências na integração social do adulto, pois além da perda emocional, em muitas situações verificaram-se concomitantemente mudanças de ordem econômica, educacional, oportunidades sociais que funcionariam como mecanismos de proteção e, diante da perda desses recursos, as situações de riscos poderiam ser maiores.

Mota, Franco e Motta (1999), em seu levantamento teórico, destacaram a preocupação da ciência sobre os fatores de risco e de proteção que estão relacionados com a presença ou ausência de saúde nos grupos expostos a interferências ambientais e das condições sócio-econômicas. Os autores apontaram que para compreender e determinar os estados de saúde e doença, em seu estudo, fez-se necessário analisar os padrões de organização familiar e de interação mãe-criança, além de compreender o processo de adaptação aos eventos vitais e mudanças ocorridas, muitas vezes, denominados de estressores.

Alchaer-Alchaer, Bahsas-Bahsas, Hernández-Nieto e Salinas (1994) destacaram que a família influencia no desenvolvimento, enfermidades, morbidade, mortalidade e também, na recuperação de enfermidades. Seu nível de funcionamento poderia ainda, refletir positiva ou negativamente na saúde dos indivíduos. No estudo com 500 habitantes venezuelanos maiores de 13 anos, os resultados demonstraram que os maiores níveis de disfunção familiar estavam relacionados com participantes adolescentes, com enfermidades

psicossomáticas, em divorciados, situação sócio-econômica baixa, população operária, indivíduos obesos, alcoólicos e com níveis maiores de estresse. Foi destacado também, que o nível de eventos de vida estressantes e de ansiedade tiveram valor preditivo do funcionamento familiar, ainda que com correlação baixa. Foram encontrados ainda, que participantes com maiores níveis de eventos de vida estressantes, tenderam a produzir disfunção familiar moderada e severa. Embora não foram encontradas influências no funcionamento familiar em virtude do sexo, estado civil e alguns riscos de saúde, observou-se que, entre os eventos de vida estressantes e o funcionamento familiar, a correlação negativa foi altamente significativa. Como disfunção familiar, destaca-se a maneira de compartilhar decisões, satisfação na família, comunicação, solução de problemas e tempo utilizado juntos. Nesse estudo 50,57% da amostra referiram má relação com os membros da família.

Alguns autores observaram que adolescentes de ambos os sexos, expostos aos mesmos estressores, reagem de maneira diferente a esses eventos. Ystgaard, Tambs e Dalgard (1999) verificaram que o impacto dos eventos de vida estressantes é mais forte nos meninos, embora as meninas demonstrassem perceber o suporte familiar como menor. Gonzáles-Forteza, Palo e Tapia (1997), observaram que, nos meninos a principal fonte geradora de estresse foi retratada pela violência familiar, briga e castigos físicos dos pais, denunciando a conduta punitiva dos pais em relação aos meninos. Nas meninas, foram observadas que além da violência familiar, os problemas de saúde dos pais e de relação entre os irmãos, foram descritos como fontes mais estressoras e, segundo os autores, sugerem que as meninas sejam mais vulneráveis à dinâmica familiar, reforçando que durante a socialização do indivíduo, as meninas são orientadas para as relações interpessoais, ao passo que os meninos são estimulados para os contatos externos e menos

estimulados às trocas afetivas e de cuidados. Outra hipótese levantada para explicar essa diferença entre os sexos, sugeriu que diante dos eventos de vida estressantes as adolescentes do sexo feminino, receberiam menos suporte ou ajuda e de forma menos efetiva que a dada aos garotos, fato este que pode ser intensificado de acordo com as particularidades de cada cultura.

Cooke, Rossmann, McCubbin e Patterson (1988) consideraram que aqueles que sofrem com fatores estressantes, crises ou transições na vida podem buscar no suporte social e familiar, recursos potenciais para favorecer o bem estar. A ação do suporte tanto poderia ocorrer no indivíduo como na família, sendo necessário destacar que as alterações ocorridas na sociedade envolvem o indivíduo, a interação e a configuração familiar. Diante disso, a seguir serão apresentados estudos sobre Suporte Familiar.

## Capítulo II

### Suporte Familiar

Baptista, Baptista e Dias (2001) ao discutirem suporte familiar, apontaram a abrangência do termo e encontraram vários estudos destacando o suporte social proveniente da família ou dirigido a ela, com o objetivo de oferecer auxílio, assistência, expressão afetiva e outros. Em seus estudos bibliográficos, observaram que o suporte familiar e o suporte social teriam efeitos atenuantes sobre a ação dos fatores estressantes do cotidiano.

Baptista (2005) ressaltou que o suporte social, mais especificamente o suporte familiar, pode ser considerado como amortecedor do efeito da ação de diversos estressores na vida dos indivíduos. McFarlane, Bellissimo e Normam (1995) apontaram que o suporte familiar adequado oferece maior auto-estima e proporciona proteção contra depressão. Independente do tipo de estrutura familiar encontrado nesta revisão de literatura, o suporte familiar quando oferecido como empático, protetor, livre de intrusão excessiva e infantilização, proporcionou a melhor integração familiar e bem estar aos indivíduos sendo, portanto, definido como o tipo de relação estabelecida entre os membros familiares, nas demonstrações de empatia, apoio, afeto e carinho e o tipo de comunicação estabelecida.

Segundo Castro, Campero e Hernández (1997) o suporte familiar é um conceito multidimensional, complexo e que se associa com a saúde dos indivíduos. Tendo sido visto, também, como uma das variáveis que explica as oscilações do impacto do estresse sobre a saúde. Verificou-se que o efeito do suporte é compreendido de duas formas: (1) como efeito direto: que favorece os níveis de saúde independente do nível de estresse e (2) como efeito amortecedor: que protege o indivíduo dos efeitos dos eventos de vida estressantes. O fenômeno é complexo, mas observou-se que o indivíduo que possui relações de apoio seja



na forma de família, igreja, amigos entre outros, com frequência possui melhores condições de saúde física e mental.

Apesar de alguns estudos terem em foco o suporte social, os mesmos ressaltaram o papel da família no ambiente e a sua importância nas relações entre os participantes, de forma que os processos psicossociais contribuam para o aumento ou diminuição da vulnerabilidade de doenças (Matsukara, Marturano & Oishi, 2002; Cooke & cols., 2001; Krahn, 1993). Isto sugere que tanto o suporte social quanto o familiar estariam inter-relacionados, pois como ressaltado anteriormente, a família funciona para as crianças como provedora dos aspectos emocionais, materiais e informativos, que irão suprir seu senso de segurança e fornecer subsídios para o estabelecimento de futuras relações adequadas e promover a saúde mental.

Cobb (1976) ressaltou a importância do suporte social como moderador nas conseqüências de crises e mudanças sentidas, pois facilita ao indivíduo lidar com elas. O suporte social, para este autor foi definido como informação que pertence a três classes: (1) que conduz o indivíduo a acreditar que é amado e que as pessoas se preocupam com ele, (2) que é apreciado e que tem valor e (3) que o leva a acreditar que pertence a uma rede de comunicação e obrigação mútua.

A importância dada às interações de apoio entre as pessoas não deve ser considerada nova. Cobb em 1976, já relatava que o suporte social tem efeito protetivo não apenas em situações de crise, como também nos períodos de transições que ocorrem ao longo da vida. Observou ainda, que o suporte pode contribuir inclusive no ambiente hospitalar, facilitando desde a permanência das pessoas durante a internação bem como o envolvimento do paciente frente ao seu tratamento.

Olstad, Sexton e Sogaard (2001) denotaram a possibilidade do suporte ou rede de apoio exercer um efeito *buffering* (amortecedor, proteção) diante das ameaças do estresse na saúde mental. Para melhor compreender essa relação, foi realizado um estudo de corte transversal, com 909 pessoas da população geral de cinco municípios da Noruega, em três observações nos anos de 1987, 1990 e 1993. Os autores deste trabalho observaram que existiam duas hipóteses sobre a relação entre o suporte e seu efeito na saúde: o suporte ou a rede social influenciaria a saúde mental diretamente, apesar do nível de estresse e a segunda hipótese, testada e escolhida pelo estudo, assumiu que o suporte ou rede social possuía efeito protetivo ou moderador (*buffer*) do estresse na saúde mental. Foram avaliados os níveis de saúde mental utilizando o QSG – Questionário de Saúde Geral e a rede social foi medida pelo número de familiares que o participante tinha contato freqüente. O suporte social foi visto em duas dimensões: a instrumental que o relacionava às questões práticas do cotidiano (ajuda com o transporte, vizinhos) e o suporte emocional, caracterizado pela ajuda de familiares em relação ao trabalho, momentos de tristeza e/ou saúde.

O estresse foi medido por meio dos estressores, eventos de vida, tensões crônicas e das complicações diárias (*daily hassles*), que interagiam com o nível de saúde mental, a partir da avaliação da somatória do nível de estresse bem como o efeito específico de um ou mais tipos de estressores, dos resultados do suporte e da rede social. Os dados encontrados demonstraram que a correlação entre estresse somático e estresse no trabalho foi muito baixo ( $r=0,06$ ). A interação entre o estresse total e a rede/suporte sobre a saúde mental foi fraca, porém significativa, isto é, estes resultados indicaram que uma rede de suporte adequada possui efeito protetor no estresse no trabalho apenas, porém este estudo necessita ser ampliado.

Campos (2004) considerou importante o suporte familiar, que contribui de maneira significativa para a manutenção e a integridade física e psicológica do indivíduo. Seu efeito é tido como benéfico, no membro da família que o recebe, na medida em que o suporte é percebido como disponível e satisfatório. Essa percepção permite que o indivíduo sinta-se reconhecido, amado, acolhido e participante de uma rede em que há trocas de informações, em que os recursos são partilhados, favorecendo assim bem-estar psicológico.

Tasman e Schrodtt (2002) destacaram que as “emoções, reações físicas e comportamentos não são desencadeados pelos eventos em si, mas pela avaliação cognitiva da pessoa sobre o evento” (p.576). Isto é, para o indivíduo experimentar uma reação emocional ou manifestar um comportamento, se faz necessário que o acontecimento seja percebido e seu significado processado. A maneira de pensar individual pode ser o fator de mediação crítico entre a saúde e a doença.

Krahn (1993) observou que alguns pesquisadores têm enfatizado a distinção entre a percepção do suporte visto como disponível (se necessário) e se realmente o suporte obtido teve efeito. Destacou que o melhor e mais freqüente efeito do suporte é a avaliação cognitiva de pessoas em relação à redução das situações de estresse, geradas pela percepção da ajuda disponível. Em virtude disso, muitos instrumentos medem a percepção do suporte disponível, pois a ajuda oferecida nem sempre é vista como tal.

Procidano e Heller (1983) observaram que não são idênticos o que é percebido e o oferecido, e que provavelmente a percepção encontra-se influenciada por fatores pessoais, traços estáveis e mudanças temporais. Santos (2006), também apontou a importância da percepção, embora ressaltou que suporte recebido e a percepção estejam diretamente ligados. A isso implica dizer que as mudanças familiares (separação, morte, casamento dos filhos entre outros) são sentidas de maneira e intensidade diversificadas entre seus

membros, o que pode representar insegurança e perda da estabilidade para alguns, não teria o mesmo significado para outros (Castro, Campero & Hernández, 1997).

Pesquisas com a renda familiar têm indicado que melhores condições econômicas podem interferir no processo de suporte, pois foram observadas que pessoas com maior nível de escolaridade e melhores empregos, apresentaram melhor nível de suporte. As maiores fontes encontradas para as mulheres foram os cônjuges, filhos e parentes próximos, coincidindo com a tendência de que as relações familiares são consideradas importantes fontes de apoio (Matsukara, Marturano & Oishi, 2002). Dias (2005) em seu estudo sobre o suporte familiar de crianças hospitalizadas em Unidades de Terapia Intensiva Pediátrica, observou que em relação à renda familiar não foram encontradas diferenças significativas, entretanto por seu estudo ter tido amostra pequena ( $N=14$ ) esse resultados devem ser vistos com cautela.

Kashani, Canfield, Borduin e Soltys (1994) verificaram indicações de que a percepção infantil de baixo suporte familiar tem sido forte discriminante entre tentativas de suicídio e não tentativas. O referido estudo avaliou a qualidade do suporte que a família forneceu e o impacto no ajustamento infantil. Foram participantes da pesquisa 100 crianças com idades entre seis e 12 anos que estavam hospitalizadas em um centro de saúde mental. Os resultados encontrados permitiram observar que crianças que receberam menos suporte apresentaram mais problemas de comportamento, incluindo comportamentos agressivo e destrutivo, bem como sentimentos de desesperança, inibição e menos atenção recebida. O número de pessoas que a criança poderia identificar como provedores (geralmente foram identificados pessoas da família e adultos próximos) e o grau de satisfação com essas relações caracterizaram o suporte avaliado.

Kashani e cols. (1994) ressaltaram que seus resultados devem ser vistos com cautela, pois limitações são observadas. Uma das mais relevantes é que embora a percepção das crianças possa servir de base para suas relações interpessoais e problemas de comportamento, as respostas quanto ao suporte foram relatadas pelas próprias crianças e se faz necessários incluir medidas de observação do suporte familiar oferecido, por meio do estudo da relação familiar e o comportamento de outras pessoas (pais, filhos, professores e outras crianças). Ressaltaram ainda, que no estudo os participantes estavam hospitalizados e os resultados dessa amostra talvez não se estendam totalmente à população geral. Por fim, a ênfase do estudo não foi dimensionar a relação causal entre suporte e problemas, mas observar a relação entre eles.

Nos estudos de Baptista (2005) para a construção e validação de uma escala para avaliar a percepção sobre o suporte familiar, foi adotado o construto de suporte familiar baseado em Olson, Russell e Sprenkle (1983). O “*circumplex model*” apresenta três dimensões definidas como: *coesão, adaptabilidade e comunicação*.

A coesão familiar é considerada como uma variação entre separação e conexão dos membros familiares (ou vínculos) de acordo com ligações de amizade e interesses comuns. Os níveis de coesão encontrados são quatro. Variam por grau e é possível encontrar desde familiares despreendidos, em que o nível de coesão é considerado muito baixo; níveis centrais em que os membros são definidos como pertencentes ao grupo, mas separados individualmente, que equivale a uma interpretação de coesão baixa a moderada e o outro extremo, se reflete em indivíduos muito conectados, em que o grau de coesão é visto de moderado a alto. Os autores apontam os níveis centrais de coesão compreendem um melhor funcionamento familiar, pois ao mesmo tempo em que há um encorajamento acerca de autonomia de pensamento, há limites em que se relacionar com a família torna-se possível,

experimentando sentimentos de liberdade e de pertencimento ao grupo. Em situações que a coesão é muito acentuada, há muita identificação entre as pessoas, não havendo distinção entre o indivíduo e seu grupo. O outro extremo implica que alguns componentes da família podem sentir que não fazem parte do grupo.

Adaptabilidade familiar diz respeito à habilidade do casal ou do sistema familiar em mudar seu poder de estruturação, os papéis no relacionamento e a responsabilidade diante de situações de estresse, que é medida por meio da assertividade, controle e disciplina familiar, implicando em estilos de negociações, relacionamentos e definição de papéis. Seus níveis podem ser rígido, caracterizado por nível muito baixo, estruturado (de baixo a moderado) e flexível (de moderado a alto) que são considerados níveis centrais e, o nível mais alto compreendido pelo caótico. Nesta dimensão os níveis centrais também conduzem a um bom funcionamento familiar, enquanto que os extremos também são vistos como problemáticos. Os níveis centrais indicam estabilidade com possibilidade de mudanças entre os pares familiares.

A comunicação é vista como a terceira dimensão e é considerada facilitadora entre as outras duas. Os pares e membros familiares se movimentam entre as outras dimensões utilizando-se da comunicação, na qual destacaram-se aspectos como empatia, escuta reflexiva, comentários suportivos e a capacidade dos membros em dividirem sentimentos, em um nível considerado positivo, enquanto que mensagens duplas, duplos vínculos, criticismo e censura se restringe a comunicação negativa e dificulta a movimentação no modelo.

Os autores (Olson, Russel & Sprenkle, 1983; Olson, 1986) destacam que é importante questionar aos indivíduos, não apenas o funcionamento familiar, mas seu nível de satisfação com seu sistema atual. Esta satisfação envolve descrições sobre como a

família é percebida e idealizada. A relação entre a percepção e a idealização é vista como uma avaliação da satisfação familiar e quanto mais congruente a percepção e a idealização, mais adequado será o funcionamento familiar.

A criação desse tipo de modelo representa o intuito de prover um conceito de trabalho a ser usado em terapia de família e de casal, porém, o modelo criado pode ser utilizado na forma de diagnóstico, no estabelecimento de planos de tratamento e na verificação de eficácia dos tratamentos. Os autores tentaram preencher a lacuna entre teoria, pesquisa e prática, uma vez que se observaram mudanças da família comparando o antes e o após ao tratamento, as relações entre os sintomas e os tipos de sistemas familiares. (Olson, Russel & Sprenkle, 1983; Olson, 1986).

No Brasil vários estudos tem sido realizados para compreender as variáveis psicológicas presentes nas famílias e o papel dos pais no desenvolvimento psicológico de seus membros. Pasquali e Araújo (1986) desenvolveram um Questionário de Percepção dos Pais com o objetivo de avaliar qual a percepção que os filhos tinham tanto da figura materna quanto da figura paterna. É interessante destacar que neste estudo, o objetivo foi além de oferecer um instrumento para avaliar o conceito parental, este estava respaldado principalmente na percepção que os filhos têm dos pais, como figuras importantes em suas vidas. Os participantes desta amostra foram 574 jovens de ambos os sexos, estudantes do 1º grau (9%), 2º grau (50%) e universitários (41%). Da amostra 60% eram do sexo feminino e 75% dos jovens viviam com os pais juntos. As análises estatísticas (fatorial, congruência de fatores, precisão e validade) foram realizadas e os resultados encontrados apontaram fatores de pais ideais, centrados em duas correntes: amor e disciplina, sendo que a figura do pai não comportou nada de preciso, denotando que os jovens não parecem ter uma clareza deste importante papel. O resultado encontrado com a figura feminina apresentou-se de

forma mais clara, na qual o amor representaria características de idealização, como amizade, apoio, proteção, ao mesmo tempo em que promoveria a auto-afirmação e independência.

Outros estudos propuseram focar o papel da maternidade e da paternidade, ligados à estrutura familiar. Trindade, Andrade e Souza (1997) discutiram as possíveis transformações masculinas na paternidade, entrevistando 80 pais da região de Vitória / ES, separados em grupos em virtude do ano em que se tornaram pais (década de 1960 com escolaridade superior, década de 1960 que não completaram o primeiro grau, década de 1980 com nível superior e década de 1980 que não completaram o primeiro grau), sobre sua história de vida e os elementos da paternidade e da maternidade presentes nas práticas cotidianas. Embora o modelo tradicional de paternidade esteve presente em toda a amostra, os homens que se tornaram pais na década de 1980 e que tinham escolaridade de nível superior referiram mais afetividade nos relacionamentos pais e filhos e reconheciam aspectos negativos ao contrário do restante da amostra, o que denota que as transformações sociais estão sendo refletidas na família e principalmente na construção dos papéis.

Os achados de Fleck e Wagner (2003) também refletem as mudanças na família, em virtude de mudanças sociais e econômicas. Ao avaliar três famílias, composta por pai, mãe e no mínimo um filho, o objetivo do trabalho foi conhecer a família quando a mulher é a principal responsável pelo sustento econômico do lar. Utilizando como instrumentos o Desenho da Família e o Family System Test – FAST, que possui figuras esquemáticas e serve para elucidar dados referentes às hierarquias dos membros, os resultados refletem que os homens se colocam nos desenhos como gostariam de estar no grupo familiar, em primeiro lugar. As mulheres, embora sendo responsável pela manutenção e estabilidade econômica das famílias, desenharam em primeiro lugar o marido, referindo também a uma



representação clássica da família. Outro dado que reforça esse comportamento tradicional, é que mesmo as mulheres estando igual ou maior tempo que seus maridos fora do ambiente familiar, continuam sendo as responsáveis pelas atividades domésticas e pelo cuidado com os filhos e, para ficar com eles abdicam de lazer e até mesmo reduzem o tempo dedicado ao convívio conjugal, o que diminui o nível de intimidade entre o casal em favor do coesão dos pais com os filhos.

Carências de estudos que discutem o suporte familiar já foram citadas (Baptista, 2005, 1998; Baptista, Baptista & Dias, 2001; Baptista & Oliveira 2004) e em virtude disso, pesquisas recentes têm sido realizadas utilizando um novo instrumento para medir o Suporte Familiar. Os estudos com o Inventário de Percepção de Suporte Familiar - IPSF de demonstram evidências de validade e apresentam resultados importantes na área de avaliação psicológica e da família (Santos 2006; Rigotto 2006; Dias, 2005). O Inventário de Percepção de suporte familiar (Baptista 2005) tem resultados psicométricos consistentes e foi criado para contribuir com estudos sobre família e com formas de avaliar características importantes presentes no grupo como Afetivo-Consistente, remetendo sobre expressão de afetividade entre os membros, por interesse, proximidade, acolhimento respeito, empatia e habilidades na resolução de problemas. Outro fator importante deste instrumento se refere à Adaptação familiar, que pontuado de maneira invertida, indica os sentimentos e comportamentos negativos expressos no ambiente, como raiva, isolamento, incompreensão, vergonha e agressividade, de forma que escores altos nesta dimensão apontam a inadaptabilidade familiar. O terceiro e último fator é denominado de Autonomia familiar e indica relações de confiança, liberdade e privacidade entre os membros.

Dias (2005) em sua tese de doutorado, a partir de um levantamento descritivo e longitudinal por meio da comparação em quatro momentos de investigação, buscou avaliar

se a percepção de Suporte Familiar e a Saúde Mental de mães de crianças hospitalizadas em UTI Pediátrica (UTIP), se modificariam durante a internação e após a alta hospitalar. Para isso, utilizou como instrumentos Entrevista para Rastreamento de Transtornos Mentais e/ou Comportamentais, o Questionário de Saúde Geral - QSG, Ficha de caracterização e IPSF. A amostra composta por 14 cuidadoras do sexo feminino, sendo 13 mães e uma avó materna, todas assistidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e com crianças internadas. Os resultados encontrados apresentaram variação para o nível de saúde mental das mães em virtude dos eventos estressantes ocorridos, apenas para o QSG, e diminuição destes após a alta hospitalar. Em relação ao suporte familiar, no período de seis meses não houve variação, mas verificou-se que as mulheres casadas apresentaram maior nível de suporte familiar comparadas com as mães solteiras.

Santos (2006) em sua dissertação de mestrado também utilizando suporte familiar, buscou evidências de validade entre o IPSF e Traços de personalidade, por meio do modelo dos Cinco Grandes Fatores – Big Five. Sua amostra composta por 349 estudantes universitários de uma instituição particular do interior de São Paulo, com idade média de 25 anos, maioria feminina e solteira, teve resultados bastantes consistentes. Os fatores socialização e extroversão do Big Five correlacionaram-se positivamente com Afetividade Familiar (IPSF) indicando que características como tipo de interação, doação e cuidados aos outros, sociabilidade e docilidade estão relacionadas com o fato de demonstrar sentimentos, importar-se afetivamente com os outros. O fator Realização (Big Five) correlacionou-se positivamente com consistência e autonomia familiar (IPSF) indicando que pessoas com características de serem responsáveis, honestas, conhecedoras das regras também vivenciam isso em seu ambiente familiar. O fator Abertura (Big Five) correlacionou-se positivamente com autonomia familiar (IPSF), sugerindo que

características de personalidade como segurança e flexibilidade de pensamento estão relacionadas com a percepção sobre si mesmo e sua autonomia perante a família. O fator neuroticismo correlacionou-se positivamente com inadaptação familiar e negativamente com afetividade e consistência familiar, indicando que características como ansiedade, instabilidade emocional e sofrimento psicológico estão relacionados com relações afetivas negativas intrafamiliares, enquanto que a ausência destas características indicou percepção de suporte familiar adequado.

O terceiro estudo de evidência de validade para o IPSF foi realizado por Rigotto (2006) buscando validade convergente por meio do Questionário de Suporte Social (QSS) e do Inventário de Esquemas de Gênero de Autoconceito (IEGA). A autora avaliou 254 alunos de duas universidades particulares do interior de São Paulo, maioria feminina e com idade média de 21 anos (DP=5) e os resultados encontrados também evidenciam as propriedades psicométricas do IPSF, por meio das quatro hipóteses principais testadas. Foram encontradas correlações positivas entre as dimensões afetivo-consistente e autonomia (IPSF) com número de pessoas percebidas como suportivas e satisfação com o suporte social, sugerindo que afetividade e consistência no ambiente familiar está relacionada com o número de pessoas percebidas que oferecem suporte. Foram encontradas correlações positivas entre as dimensões afetivo-consistente e autonomia (IPSF) com tolerância, sensualidade, emotividade, responsabilidade, racionalidade e ousadia do IEGA, indicando que quando as relações familiares favorecem a expressão de afeto, interesse, carinho bem como proporciona o enfrentamento de situações problemas, o indivíduo apresenta valores sociais condizentes com responsabilidade, cumprimento de normas e deveres, importantes para o seu desenvolvimento pessoal e sua participação não apenas no grupo familiar como na sociedade.

A terceira hipótese confirmada deste estudo indicou fraca correlação positiva entre inadaptação (IPSF) e número de pessoas percebidas como suportivas e satisfação com o suporte social, sugerindo que quanto maior a percepção de adequação familiar, maior é o número de pessoas que oferecem apoio e mais satisfeito com o suporte o indivíduo demonstra. A última hipótese principal evidenciou que dimensões Afetivo-Consistente, Autonomia e Inadaptação se correlacionaram fraca e negativamente com insegurança, negligência, indiferença e agressividade (IEGA), o que confirma que quanto maior o índice de características positivas presentes nas relações familiares, menor são os índices de insegurança, medos, irresponsabilidades entre outros. Os resultados apontados por Rigotto (2006) refletem o quanto o ambiente familiar é capaz de influenciar o desenvolvimento de seus membros e como se faz necessário que o grupo, desenvolva relações saudáveis.

No construto em questão, destaca-se que a percepção de suporte familiar pode ser considerada como “amortecedora do efeito de diversos estressores”. O suporte funciona como elemento de avaliação e de subsequente enfrentamento do estresse (Procidano & Heller 1983) e nas situações de conflito entre trabalho e família, foi observado a relação entre insatisfação no trabalho e os sintomas de estresse e o reflexo deste clima no grupo familiar (Noor, 2002). Atualmente discute-se com muita frequência o estresse e seus impactos na vida das pessoas, em virtude disso a seguir são apresentadas discussões sobre este outro construto na literatura psicológica.

### Capítulo III

#### Estresse

Nos estudos atuais sobre estresse, os pesquisadores consideram que o desgaste físico e emocional atinge as pessoas quase como uma epidemia da modernidade, refletindo seu impacto na saúde física e mental. O termo estresse ocupa lugar de destaque tanto no senso comum, quanto na imprensa e na comunidade científica, relacionado às dificuldades dos indivíduos frente às situações adversas experienciadas como a violência, os problemas financeiros, questões familiares, no trabalho entre outros. (Salmond & Ropis 2005, Calnan, Wadsworth, May, Smith & Wainwright, 2004).

Selye (1982) é apontado como o precursor em estudos sobre estresse e, em seus registros apontou que a crise que a humanidade vem enfrentando, não difere muito de situações adversas vividas desde a pré-história. Naquele tempo os problemas enfrentados pela humanidade eram em virtude do frio, do trabalho pesado, do medo de animais ferozes, de fome e doenças. Com o desenvolvimento das sociedades, o homem enfrentou guerras mundiais e grandes mudanças tecnológicas, presentes até a atualidade. No século XXI, os problemas vivenciados são outros, mas permanecem os sentimentos de tensão, insatisfação, pressão e fragilidades sentidas, principalmente no que diz respeito ao estresse e sua relação com trabalho (Myers & Myers, 2004).

Embora se trate de um construto de grande relevância, vários autores destacaram que não há uma definição amplamente aceita sobre o conceito de estresse, quando ocorre, como observá-lo e quantificá-lo. As dificuldades de conceituação do construto relacionam-se à variedade de modelos teóricos existentes, pois alguns o caracterizam em termos de respostas e outros o descrevem como um conjunto de estímulos. Há, ainda, modelos que

sugerem que o estresse pode ser desencadeado pela falta de fortalecimento do indivíduo, dos efeitos da falta de suporte para a adaptação e de ameaças ambientais, focando a relação entre o ambiente e o homem (Baum & Posluszny, 1999; Mota, Franco & Motta, 1999).

O conceito de estresse como resposta pode ser observado nos estudos de Selye (1982), que o definiu como o conjunto de reações que um organismo desenvolve ao ser submetido a uma situação que exige esforço e adaptação. Diante da ação do estressor, o organismo se prepara para a fuga ou luta e esta ação produzida por agentes nocivos, é chamada de Síndrome Geral de Adaptação (*General Adaptation Syndrome*), ou seja, a expressão somática em que o corpo se arma de forças defensivas. Esta síndrome foi dividida em três fases: *alarme* ou *alerta*, *resistência* e *exaustão*, sendo que a fase de reação de alarme foi compreendida como a emergência na qual o organismo é exposto ao agente capaz de eliciar sua reação. Nessa fase há aumento da frequência cardíaca e da pressão arterial, incluindo reações neuroendócrinas, há ainda, maior irrigação de sangue nos vasos, aumento de oxigenação, maior energia para os músculos, entre outras reações. A fase de resistência é a consequência da anterior, caso o agente agressor continue a ação. Nesta fase pode ocorrer aumento de atividade no córtex supra-renal, atrofia das estruturas linfáticas, ulcerações no aparelho digestivo, além de sintomas como irritabilidade, insônia, alterações de humor e diminuição de desejo sexual. A terceira fase chamada de exaustão é descrita como uma falha dos mecanismos adaptativos. Nas situações em que se torna possível o controle do organismo diante dos eventos estressores há o retorno à fase de alarme e na seqüência o retorno à homeostase, contudo, diante da persistência e do aumento da intensidade do estímulo estressor o organismo pode não ter sucesso em sua busca de adaptação podendo ter inúmeros prejuízos, inclusive, o desenvolvimento de doenças graves.

Aos eventos que podem desencadear a resposta no organismo, denominou-se estressores e o processo resultante desta interação foi chamado de estresse (Selye, 1982). Alguns autores apontaram que, quando o processo adaptativo desencadeado foi considerado positivo, ou seja, quando a pessoa reagiu adequadamente à demanda, dá-se o nome de *eustresse*. Quando o processo adaptativo foi considerado inadequado, podendo gerar inclusive doenças, denominou-se *distresse* (Lipp, 1996; França & Rodrigues; 1999; Lopes & Farestein, 2001; Sparrenberger, Santos & Lima, 2004). Outros autores se contrapõem a essas definições e destacaram que o distresse estaria relacionado ao desencadeamento do processo de estresse em situações avaliadas como desagradáveis (ex: afastamento social) e quando fosse decorrente de situações avaliadas como agradáveis (ex: casamento), seria denominado de eustresse (Souza, Baptista & Xidieh, 2001; Arice, Baptista, Morais, Souza & Reis 2004).

Apesar do modelo proposto por Selye (1982) ser bastante difundido no meio científico, recebe algumas críticas. Zegans (1982) apontou que a resposta ao estresse é mais complexa do que o proposto, pois envolve percepção, interpretação, comportamento e ajustamento fisiológico, o considerando não somente como uma reação do indivíduo, e sim como um processo que ocorre desde a sua discriminação. Após a identificação do estímulo nocivo no estágio de alarme, o estágio seguinte implicaria em uma avaliação da natureza da reação provocada pelo estressor, incluindo a reavaliação de decisões anteriores e das ocorrências de estímulos significativos. A avaliação do estímulo é considerada complexa, pois além da percepção do evento, as conseqüências da avaliação podem implicar em distorções, negação, exagero ou minimização dos riscos. Nesse sentido, uma adequada avaliação do estímulo implicaria em identificar o estressor e clarificar a sua significância

para o indivíduo, se é mais relevante ignorar temporariamente, reavaliar ou agir imediatamente.

A busca de enfrentamento geralmente implica uma disforia emocional provocada pelo estressor, que é diminuída diante da antecipação do controle de enfrentamento ou do sucesso da estratégia. Entre os recursos utilizados para enfrentar a ocorrência, além de buscar formas de enfrentamento utilizadas no passado com sucesso, ou utilizar a ansiedade provocada para buscar atitudes mais adequadas, diante da impossibilidade da resolução do conflito, o indivíduo pode encontrar alternativas para o controle e/ou minimização de seu impacto. A resposta ao estressor como reações emocionais podem ser vistas como raiva, pesar, ansiedade, pânico e estariam relacionadas às alterações corporais.

O estresse visto como estímulo foi usado para descrever novas, intensas, rápidas e imprevisíveis mudanças. Esses estímulos poderiam trazer prejuízos ao bem estar psicológico e fisiológico do indivíduo e foram definidos como fontes estressoras à medida que sobrecarregam ou excedem os recursos adaptativos da pessoa, uma vez que as mudanças geralmente são sentidas como inesperadas. Diante desses eventos, foram ressaltadas pelo menos duas classes de fatores associados ao risco de sofrimento psicológico: circunstâncias reconhecidas como estressantes, incluindo os significados particulares a essas situações e, os fatores que modulam as respostas diante da exposição, como por exemplo, a postura de evitação, a busca de recursos pessoais próprios de resistência ao estresse e a presença de rede social de suporte (Mota, Franco & Motta, 1999; Fox & Dwyer, 1999; Zegans, 1982).

Estudar esses eventos de vida que foram considerados como estressores é importante, pois pode ser uma maneira de contribuir para o estudo do estresse. A exigência de adaptação a qualquer mudança que ocorra na vida das pessoas gera um certo nível de



estresse. No caso de existirem eventos de vida para um número representativo de pessoas, estes poderão ser reconhecidos, tratados e prevenidos (Savoia, 1999).

Entre os instrumentos utilizados para o estudo e mensuração dos eventos vitais, estão a *Entrevista de Eventos Recentes de Paykel*, traduzida para o português por Oliveira, Fonseca e Del Porto (2002) e a *Escala de Avaliação de Reajustamento Social de Holmes e Rahe*, destacada por Savoia (1999) como o instrumento mais conhecido para essa finalidade. A entrevista de eventos recentes foi desenvolvida por Eugene Paykel em 1967 nos Estados Unidos e possui dez categorias de eventos relacionados ao trabalho, educação, finanças, saúde, luto, migração, namoro e coabitação, questão legal, matrimônio, família e social. A escala de Avaliação de Reajustamento Social de Holmes e Rahe (1967) é baseada na proposição de que o esforço exigido do indivíduo para se adaptar à sociedade, a partir de mudanças significativas ocorridas, cria desgaste e podem levar a comprometimentos e/ou doenças sérias (Savoia, 1999). No entanto, o modelo de Holmes e Rahe (1967) considerou que alguns eventos requerem enfrentamento mais intenso ou prolongado, mas os autores não discutiram o valor interpretativo que é dado pelo sujeito diante das ocorrências, como eventos considerados positivos ou negativos, pois apregoavam que os eventos de vida seriam etiológicos do estresse por solicitarem adequação por parte das pessoas.

A conceituação de estresse proposta por Folkman e Lazarus (1985) visou integrar a relação entre ambiente e pessoa. Nesse modelo, o estresse envolve um processo mediado por avaliação e julgamento à reação de estresse, julgamento do ambiente e/ou das demandas internas esgotadas ou excedidas no gerenciamento destes esforços. Para enfrentar as situações consideradas estressantes, além do indivíduo utilizar sua avaliação do tipo de experiência, é necessário avaliar também como manejar suas atitudes para enfrentá-las.

Durante o processo evolutivo, as pessoas se depararam com inúmeras situações a serem enfrentadas e, para isso num primeiro momento, é exigido do organismo que avalie a situação, verifique o que ocorre, se há e quais são os riscos existentes. A esse mecanismo deu-se o nome de *appraisal*, entendido aqui como a avaliação que a pessoa faz não apenas da situação, mas do seu potencial de ação para enfrentá-la. Neste processo, depende também como os indivíduos percebem e avaliam os eventos, quais as características de sua personalidade, além de reações neuroendocrinológicas, como por exemplo, a mudança do nível de cortisol (Holroyd & Lazarus, 1982; Folkman & Lazarus, 1985).

Após a avaliação realizada pelo organismo, o esforço para administrar demandas internas, do ambiente e os conflitos diante dessas exigências, pode-se utilizar o processo de *coping*. A definição desse conceito está focada na ênfase que é dada pelas pessoas durante um acontecimento estressante. Esta proposta considera inclusive, respostas diferentes a eventos parecidos e os diferentes traços de personalidade, além da motivação para o enfrentamento, história de vida, entre outros. Essas variáveis são separadas por tipo: pessoal e social, sendo que o tipo pessoal envolve características individuais auto-estima, ansiedade e habilidades para a solução de problemas e as variáveis sociais incluem ambiente suportivo, família, vizinhos e amigos (Zegans, 1982; Holroyd & Lazarus, 1982; Folkman & Lazarus 1985).

Paradigmas biológicos tentaram isolar a resposta que o indivíduo dá ao estresse do contexto social e psicológico. Em virtude disso, muitas pesquisas envolviam discussões acerca da mobilização da medula adrenal e do córtex adrenal como a mais importante resposta ao estresse. A diversidade genética e as diferentes reações biológicas predominaram no meio científico e objetivavam responder a variância de um determinado grupo, utilizando explicações e variações hereditárias (Farber, 1982).

Outros estudos já haviam destacado a relação entre estresse e seu impacto nos sistemas biológicos dos indivíduos. A saúde do coração, por exemplo, está intrinsecamente relacionada à ocorrência de estresse. Durante as mudanças tecnológicas e o surgimento das nações industrializadas, estimava-se que 63% da possibilidade de ocorrência de problemas cardíacos estavam diretamente ligados a questões hereditárias. No entanto, observou-se que nem todos os indivíduos considerados de risco desenvolviam as doenças, o que permitiu observar componentes que estariam associados ao seu desenvolvimento. No caso de doenças do coração, além das questões genéticas, observou-se que comportamentos de risco como uso de álcool, obesidade, inatividade física, além de pressão arterial alta e de características de personalidade também contribuíram para o desencadeamento de patologias coronarianas (Farber, 1982). Baum e Polanski (1999) apontaram os efeitos no estresse nas ativações dos sistemas psicológicos e biológicos, sua reação no sistema nervoso simpático, adrenocortical entre outras reações.

Morais, Baptista, Calais e Inocente (2004) em um estudo teórico sobre a psicobiologia do estresse apontaram o quanto estímulos físicos e psicossociais podem exigir do indivíduo respostas adaptativas incompatíveis com sua possibilidade de ação. Os autores consideraram quatro grupos de elementos que podem influenciar o desenvolvimento do estresse, seja contribuindo para seu aparecimento ou amenizando-o. Os elementos destacados foram: fatores orgânicos (alimentação, descanso); cognitivos (crenças, pensamentos, atenção seletiva); comportamentais (repertório comportamental que a pessoa possui) e fatores ambientais (pressão do ambiente e a atenuação dos efeitos do estresse pelo suporte social). Estes fatores não devem ser considerados estresse, mas influenciam seu curso e desta forma, estão relacionados com as respostas neurobiológicas aos estímulos estressores que se dão de duas maneiras: ativação do sistema nervoso

autônomo simpático e ativação do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal. Essas alterações provavelmente estão relacionadas com os danos do estresse sobre a saúde.

Em situações estressantes é ativado o sistema nervoso autônomo simpático que libera a adrenalina e a noradrenalina pela glândula supra-renal. Estas alterações preparam o organismo para a ação (luta ou fuga). Concomitante a essas ativações, o núcleo paraventricular do hipotálamo libera um peptídeo (fator de liberação de corticotrofinas), que regulam a liberação do hormônio Adrenocorticotrófico (ACTH), que liberam os glicocorticóides (pelo córtex da glândula supra-renal). O eixo hipotálamo-hipófise-adrenal e a liberação de glicocorticóides possuem papel importante na ação dos recursos de energia do organismo. Alterações fisiológicas do Sistema Nervoso Autônomo Simpático aumentam a atividade muscular e cerebral, aumentam a oxigenação do organismo, fornecem energia para músculos e cérebro, aumenta a captação de oxigênio e frequência respiratória, melhora a eficiência visual entre outras funções, sempre com o objetivo de preparar o organismo para agir. (Morais & cols., 2004).

A relação mente e corpo foi objeto de estudo ao longo da evolução científica, desde as discussões filosóficas acerca do corpo (mortal) e da alma (parte imortal) até a contribuição de Descartes para o avanço da Medicina, ao desespiritualizar o corpo. Nas últimas décadas a medicina passou a considerar a relação de fatores psicológicos no curso das doenças, como perdas, mudanças no *status* social e perdas de rede de apoio. Nesse sentido, observou-se que tanto questões sociais como físicas alteravam o desenvolvimento da saúde/doença, sistemas endócrinos e imunológicos (Zegans, 1982).

Certos ambientes e eventos intrapsíquicos poderiam iniciar a resposta ao estresse e estariam relacionados com a forma de enfrentamento. As possibilidades de enfrentamento dos estímulos estressores, segundo Zegans (1982), são descritas como domínio, exaustão e

desorganização. O domínio é alcançado quando a estratégia de enfrentamento foi adequada e apropriada. A exaustão indica que a reação de enfrentamento é adequada, porém houve prolongamento do grau de duração, gerando fadiga, depressão, desesperança, inabilidade de concentração, inércia física e irregularidades da função neuroendócrina e autônoma. A desorganização pode ocorrer, quando estratégias de resolução deficientes ocorrem em conjunto com ansiedade, sentimentos de pânico e, concomitante, o problema não foi claramente resolvido, o que pode gerar um colapso adaptativo, além de alterações no sistema límbico, neuroendócrino, sistema imunológico e sistema nervoso central.

Além das diferenças fisiológicas e emocionais de reação ao estresse, conhecer o contexto social implica em discutir as dificuldades das pessoas entre o real e o ideal, principalmente o que é valorizado cultural e socialmente. Os múltiplos papéis exercidos pelas pessoas ao longo da vida envolvem, por exemplo, separação de tempo, espaço, mudanças econômicas e a todo esse processo, é necessária adaptação (Pearlin, 1982).

É possível observar a ocorrência de estresse em diversas situações vividas pelo indivíduo, entre elas encontra-se destaque especial às situações relacionadas ao trabalho, um dos objetos de estudo desta dissertação. Murta e Tróccoli (2004) ressaltaram que a atividade produtiva é geradora de satisfação, entretanto com a tecnicidade, os altos níveis de exigência, de controle e de pressão exercidos, são cada vez mais notáveis os reflexos negativos no trabalhador (Mallar & Capitão, 2004; Souza, Baptista & Xidieh, 2001). Stacciarini e Tróccoli, (2000) ao criar o inventário de estresse em enfermeiros (IEE) utilizam o conceito de Cooper que definiu o estresse ocupacional como a incapacidade do indivíduo em lidar com as fortes pressões do trabalho.

Edwards e Cooper (1990) discutiram sobre a abordagem do estresse ocupacional envolvendo a pessoa e o ambiente, em que o estresse aconteceria quando há perda de

correspondência entre as características pessoais em termos de habilidades e valores e o atendimento às demandas do ambiente. Essa relação pessoa-ambiente pode ser descrita como objetiva porque se refere às variáveis existentes e independentes de percepções individuais e, subjetiva porque as variáveis dependem da percepção do indivíduo. Ainda dentro dessa relação encontram-se duas situações que merecem destaque, pois por um lado o ambiente pode ser sentido como motivador, ao ressaltar objetivos e valores, enquanto que em contrapartida, o mesmo ambiente tem demandas que vão exigir do indivíduo tipos de habilidades e capacidades pessoais para enfrentá-las. Trata-se de um modelo complexo e mais amplo do que o exposto, entretanto, vale ressaltar sua importância e o destaque de que o estresse ocupacional envolve não apenas as reações do indivíduo (que envolvem questões perceptivas individuais), mas o papel do próprio ambiente enquanto demandas que são exigidas.

Mudanças ambientais são observadas desde a revolução industrial, envolvendo a natureza e a organização do trabalho. Essas mudanças propiciaram uma nova reorganização social que deu lugar especial ao trabalho na vida das pessoas, que permitiu um grande crescimento inesperado no padrão de vida, mas também expôs as pessoas a situações complexas e os riscos de acidentes eram mais frequentes. A consequência menos óbvia foi a produção de grande perda de autonomia sobre o sistema laboral e a organização, o entendimento do valor e da divisão do trabalho. Neste sentido, compreender o estresse ocupacional é buscar estudar os aspectos do trabalho que estão relacionados a efeitos desagradáveis. O ambiente de trabalho pode favorecer ou não o conforto, diante de fatores físicos (temperatura, umidade etc) e fatores psicológicos como expor trabalhadores em condições perigosas de trabalho, excesso de horas dispensadas às atividades laborais (Holt, 1982).

Além do estresse, outras manifestações ocupacionais têm chamado a atenção de pesquisadores, entre elas encontra-se a Síndrome de *Burnout*. São encontradas dificuldades em conceituar essa síndrome e não há consenso na literatura quanto à diferenciação entre estresse e *Burnout*. Benevides-Pereira (2002) observou que é possível encontrar ambos os termos como sinônimos, ao qual alguns autores referem que *Burnout* é um estresse de trabalho crônico, enquanto que outros fazem questão de considerar construtos distintos. Maslach e Jackson (1981) consideram que o estresse crônico ao se tornar rotina na vida dos trabalhadores, estes podem tornar-se vulneráveis a desenvolver um conjunto de sintomas compreendido por *Burnout*, que além de resultar da má adaptação do homem ao trabalho, incluem a exaustão emocional, a despersonalização (negativismo do trabalhador em relação às pessoas com as quais trabalha) e a reduzida satisfação pessoal (Freudenberger, 1974; Souza, Baptista & Xidieh, 2001; Arice, Baptista, Morais & cols. 2004; França & Rodrigues, 1999).

Outras propostas foram realizadas para compreender o modelo das dimensões psicossociais no trabalho, Karasek (1979) propôs um modelo para a compreensão do estresse ocupacional que privilegiou duas dimensões: o controle sobre o trabalho e a demanda psicológica advinda do trabalho. Este modelo distinguiu situações de trabalho que geravam riscos à saúde do trabalhador, desde repercussões sobre a saúde física (doenças cardiovasculares, hipertensão arterial) e psicológica, incluindo distúrbios psíquicos, depressão, entre outros. Esta proposta, bidimensional entre demanda e controle, relacionou as exigências psicológicas que o trabalhador enfrenta a partir de uma demanda da instituição e o controle do indivíduo em seu trabalho, dividido em aspectos de habilidades pessoais que são utilizadas e aspectos referentes à autonomia na tomada de decisão, a capacidade individual e a influência no grupo. Esta visão privilegiou o estresse relacionado

ao ambiente psicossocial do trabalho. Posteriormente a este modelo foi incluído o apoio social, visto como o nível de interação entre os colegas de trabalho e o suporte dos supervisores, de forma que a escassez destas interações poderia trazer conseqüências negativas ao trabalho.

Moreno-Jiménez (2000) ressaltou a importância em ampliar o enfoque dado à saúde do trabalhador, que até então fora discutido em termos de idade e sexo do profissional. Essa ampliação deve focar fatores psicossociais e organizacionais cada vez mais evidentes. O autor critica o enfoque que é dado ao estresse laboral, como resposta ao estresse e suas conseqüências, enquanto faltam estudos pautados nos fatores que desencadeiam o estresse e seus riscos para a saúde das pessoas.

Para medir a presença, ausência ou intensidade do estresse, geralmente os pesquisadores utilizam instrumentos do tipo auto-informe, no qual o respondente, ao descrever mudanças de comportamento, alteração de estados afetivos, desorganização interpessoal e de relações sociais, evidencia a presença de estresse (Derogatis, 1982). Observa-se uma variedade de instrumentos utilizados, o que retrata as diversas definições e entendimentos acerca do estresse.

Um dos instrumentos que tem sido utilizado em pesquisas no Brasil é o *Job Stress Scale*, traduzido e adaptado para a língua portuguesa por Alves, Chor, Faerstein, Lopes e Werneck (2004). Após a tradução do original em inglês para o português e com a retradução para a língua de origem, foram realizados testes para verificar a clareza da formulação dos itens e possíveis dificuldades de respostas a serem indicadas pelos voluntários da primeira fase do estudo. Após as devidas correções o estudo de confiabilidade teste-reteste foi realizado e os resultados de estabilidade das respostas variaram entre 0,82 e 0,91. Os índices de consistência interna (alfa de Cronbach)



encontrados estavam entre 0,63 e 0,86. Este instrumento foi baseado nos estudos de Robert Karasek, considerado o pioneiro a procurar resultados associados entre o estresse no trabalho e seu desfecho na saúde. A versão reduzida apresentou 17 itens com respostas do tipo *likert* 4 pontos e possui três dimensões (Controle, Demanda e Suporte Social).

Araújo, Graça e Araújo (2003) também utilizaram o modelo de Karasek para avaliar os aspectos psicossociais do trabalho e foi utilizado o *The Job Content Questionnaire* (JCQ). Os objetivos deste estudo foram apresentar os pressupostos teóricos e metodológicos do modelo Demanda-Controle e discutir os resultados do instrumento no contexto brasileiro e relacionar com a prevalência de distúrbios psiquiátricos menores (medidos pelo SRQ-20). Esta versão do JCQ apresentou 49 itens, englobando o controle sobre o trabalho (uso de habilidades e autoridade decisória); demanda psicológica; demanda física, suporte social (proveniente de colegas e chefia); insegurança no trabalho e nível de qualificação exigida para a execução das tarefas. Embora os resultados publicados tenham sido preliminares, foram considerados satisfatórios pelos autores, pois observou alta prevalência de distúrbios psíquicos em trabalhadores relacionados à demanda psicológica. Observou-se ainda, que os resultados encontrados evidenciaram a relação entre a alta exigência no trabalho e sua relação com os efeitos sentidos como negativos. A demanda psicológica foi destacada como mais relevante do que o controle sobre o trabalho.

Com o objetivo de avaliar os índices de saúde mental e os fatores psicossociais de risco, foi realizado um estudo com 400 trabalhadores de uma universidade do interior paulista, sendo 63% da amostra feminina, 49% casados e 55% com dependentes de zero a três anos. Para isso foi utilizado o *SWS Survey (Self, Work and Social)* que avalia o estresse ocupacional e os fatores de risco; os estressores e os fatores de apoio nas dimensões social, pessoal e trabalho. Com estudos de adaptação e validade no Brasil, os resultados

encontrados sugerem que os índices de saúde mental aumentam conforme aumentam os fatores de apoio e diminuem os fatores de estresse. Os resultados denotaram ainda, que combinado ao excesso de trabalho, o fato de ser mulher favoreceu com que este grupo apresentasse mais fatores de risco e de estresse, enquanto que os homens apresentaram melhores índices de saúde mental. Mesmo diante dos benefícios que o trabalho remunerado pode representar, verificou-se que o estresse pessoal e social teve contribuição negativa na vida das mulheres e isso pode ter reflexo além do ambiente laboral. Por serem atribuídas às mulheres responsabilidades da casa, da família e dos filhos, elas sentem-se sobrecarregadas e isso pode gerar conflitos familiares, entre mães e filhos, pela dificuldade do encontro, sentimentos de culpa e ausência, entre outros. Observou-se também que as dificuldades de relação também podem ser vistas no casal, representadas pelas questões de divisão de tarefas (Areias & Guimarães, 2004).

No Brasil, um dos instrumentos mais utilizados, é o Inventário de Sintomas de Stress para Adultos – ISSL, validado em 1994 por Lipp e Guevara, visa identificar de maneira objetiva os sintomas que o sujeito apresenta, avaliando se o indivíduo possui estresse, o tipo de sintoma presente (físico e/ou psicológico) e, na prevalência do estresse em qual a fase em que o indivíduo se encontra. Este modelo baseia-se no criado por Hans Selye, embora a autora, após 15 anos de estudos identificou que existia uma outra fase entre a resistência e a exaustão, a qual denominou de quase exaustão (Lipp, 2000).

Estudos brasileiros sobre estresse ocupacional têm ressaltado o papel do ambiente como fatores estressantes. Stacciarini e Tróccoli (2000) na criação de seu inventário de estresse em enfermeiros (IEE) utilizaram o conceito de Cooper como já citado, e destacaram os estressores presentes no ambiente de trabalho como fatores laborais, papéis, relações, desenvolvimento de carreira, estrutura organizacional e a interface trabalho-casa.

No referido estudo 461 enfermeiros funcionários de serviço público em Brasília, maioria feminina (87,2%), casada (57,8%) e com idade entre 31 e 39 anos (53,0%), foram submetidos ao instrumento com 44 itens. Para validá-lo os autores utilizaram a análise fatorial, que resultou na divisão em três fatores, sendo Relações Interpessoais abordando as relações com outros profissionais, pacientes e familiares destes, alunos, grupo de trabalho e com a própria família. O segundo fator chamado de Papéis Estressores da Carreira incluía indefinição, falta de reconhecimento, autonomia, e a impotência diante da impossibilidade de executar tarefas e aspectos organizacionais. O terceiro e último fator foi denominado de Fatores Intrínsecos ao Trabalho, que incluía as funções desempenhadas, a carga horária e os recursos inadequados. Nesta pesquisa os autores encontraram resultados psicométricos satisfatórios ( $KMO=0,87$  e *eigenvalues* acima de 1) e, ressaltaram que o ambiente organizacional e a falta de suporte social são vistos como fontes de estresse.

Em novo estudo (Stacciarini & Tróccoli, 2001) de investigação exploratória para levantar o que a classe de enfermeiros definia como estresse, os autores realizaram entrevistas semi-dirigidas com 33 profissionais divididos em três grupos: docentes, assistenciais e administrativos. A entrevista tinha como tema quatro blocos sendo o primeiro de dados pessoais, o segundo com informações sobre o significado do estresse, o terceiro bloco mais relacionados à problemática do estresse vivenciado e o quarto mais livre para alguma informação adicional. De maneira geral, basicamente os três grupos indicaram estressores divididos em fatores parecidos, indicando que embora o estresse seja um fenômeno individual, alguns estressores são comuns como: relações de trabalho (com pacientes, equipes), papéis de estressores (carga emocional) e fatores intrínsecos ao trabalho (recursos inadequados, carga horária e questões salariais). Uma questão importante que foi ressaltada quando analisaram estresse em mulheres trabalhadoras, tange a interface

trabalho-família. O mais interessante é que esta interação ora representa dificuldades no cuidado com os filhos, casa e responsabilidades, em outros momentos funcionam como suporte e apoio para o enfrentamento do estresse.

Em uma pesquisa com profissionais de análise de sistemas da região metropolitana de São Paulo do setor público e privado, buscou-se verificar as repercussões do trabalho na saúde de homens e mulheres. Foram avaliadas questões demográficas, sobre a saúde, relação conjugal, de lazer e atividades domésticas. A amostra foi composta por 553 analistas de sistemas, sendo 40,7% mulheres, a maioria estando na faixa etária de 25 a 34 anos, enquanto que a faixa etária predominante do sexo masculino foi entre 25 a 44 anos. Não foram encontradas diferenças significativas quanto às posses de bens materiais e o grau de instrução, embora as mulheres com curso superior representassem 89,8% das analistas, sendo o percentual para homens de 80,2%. As diferenças acentuadas foram encontradas na predominância masculina nos cargos de chefia (83,3%), maior satisfação no trabalho em relação à flexibilidade de horário, conhecimento do valor do trabalho e de capacidade tecnológica da empresa na visão masculina. Não foram encontradas diferenças de estresse atribuídas ao sexo, apenas em relação à prevalência de sintomas de estresse em mulheres foram cansaços visual e muscular, além de irritabilidade, depressão e fadiga. Essas diferenças foram atribuídas ao fato de que as mulheres desempenham com frequência dupla jornada de trabalho e ainda são consideradas responsáveis pelos cuidados da casa e da família (incluindo filhos), no qual a superposição de papéis no lar, na organização e a percepção subjetiva do trabalho estão relacionadas ao sexo, pois se verificou que embora 65,6% dos homens serem casados, os cuidados com os filhos ficava a cargo da esposa. (Rocha & Debert-Ribeiro, 2001).

Miguel (2006), em sua dissertação de mestrado, buscou evidência de validade para a Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho – EVENT (Sisto, Baptista, Noronha & Santos, 2007). Na referida pesquisa de validade, foram correlacionados a EVENT e o ISSL, além de outro instrumento de inteligência emocional. A amostra foi composta por 116 pessoas, com idades variando entre 19 a 67 anos, de três ambientes de trabalho (universidade, órgão público e um hospital), sendo maioria (85) do sexo feminino. Os resultados encontrados foram que a EVENT não apresentou correlação significativa com idade, escolaridade, nem média de diferença entre os sexos. Ao ser correlacionada com o ISSL, os fatores da EVENT não se correlacionaram em separado, apenas a soma total da escala, embora a correlação foi considerada baixa ( $r=0,20$   $p<0,05$ ) pelo estudo, entendeu-se que os construtos estão relacionados, visto que embora se trate de estresse, são leituras teóricas diferentes, já que a EVENT visa a vulnerabilidade ao estresse laboral e o ISSL sintomas associados ao estresse. Os dados psicométricos da EVENT foram considerados satisfatórios, visto que o valor de alfa de Cronbach foi de 0,90.

Todas essas mudanças conceituais, instrumentais e de pesquisas, refletem a necessidade de estudos envolvendo estresse e as relações com o trabalho, visto que as mudanças econômicas, organizacionais e tecnológicas têm gerado instabilidade no trabalhador, também pelo alto nível de exigência do mercado de trabalho e de controle rigorosos empresa-trabalhador. Reconhecer fatores que interferem na vida do indivíduo, sugerem não apenas compreender a origem do estresse laboral, seus processos interativos, bem como aspectos de saúde e segurança, focando principalmente a prevenção e a redução dos estressores, objetivando a saúde no ambiente de trabalho (Moreno-Jiménez, 2000). Ambiente este, cada vez mais alvo de preocupações, dada sua relevância na sociedade atual, como será apresentado na seqüência.

## Capítulo IV

### Trabalho

Abreu, Stoll, Ramos, Baumgardt, e Kristensen (2002) ressaltaram como central o papel do trabalho na vida das pessoas, sendo reconhecido como fator relevante na formação da identidade e na inserção social. O trabalho é fundamental, também, para o desenvolvimento das diferentes áreas da vida humana. Esta relação depende, ainda, dos suportes afetivos e sociais que as pessoas recebem durante seu percurso profissional, já que a presença de suporte afetivo fornece sentimentos de segurança, conforto e confiança.

Arantes e Vieira (2002) destacaram que o trabalho, ao mesmo tempo em que se trata de uma conquista para o trabalhador, pela conotação econômico-financeira e de ascensão profissional, pode vir acompanhada de desgaste ao pressupor relações e laços sociais, que implicam uma condição de estar no mundo, na qual homens e mulheres vendem sua força de trabalho. O desgaste apontado está relacionado às diferenças e aos interesses gerados pelas pessoas envolvidas na divisão do trabalho, no conteúdo das tarefas, no sistema hierárquico de poder, nas modalidades de comando e na distribuição de responsabilidades.

Essa concepção de estresse vinculado ao trabalho apresentou considerável avanço nos últimos anos, deixa de ser vista como concepção física, para ser entendida do ponto de vista médico e psicológico, o que favorece a abertura de espaço para a compreensão dos sofrimentos somáticos e físicos decorrentes do trabalho. As fontes de estresse, para as autoras, incluíam a função exercida, o papel dentro da organização, o desenvolvimento na carreira, as relações de trabalho entre o clima, a estrutura organizacional e a interface trabalho-família, esta última destacando que o indivíduo tem uma história pessoal e familiar que pode ajudá-lo a enfrentar o desgaste na organização ou enfraquecê-lo (Arantes & Vieira, 2002).

Dentro da perspectiva da psicologia social, o trabalho implica questões em níveis micro (do trabalho) e em níveis macro (de estrutura social) em que relações diferentes são estabelecidas, com exigências de controle diferentes, muitas vezes numa mesma instituição. Neste conceito multifacetado que é o trabalho, encontram-se ainda, preocupações em estabelecer estratégias para motivar o trabalhador e torná-lo envolvido em suas atividades, embora essa preocupação excessiva pode indicar tentativa de controle externo, pois o que realmente interessa é que os objetivos da instituição sejam alcançados conforme previsto (Codo & Jacques, 2002).

Dejours (1992) discutiu a relação homem-trabalho desde seu surgimento com o desenvolvimento do capitalismo industrial e, aponta que o trabalhador busca adaptar sua tarefa às suas aspirações e competências, procurando integrar espontaneamente seus desejos, projetos e esperanças à realidade da atividade a ser desempenhada na organização. Quando a relação homem-trabalho não está equilibrada, o trabalhador se considera mais uma ferramenta no ambiente e não consegue fazer nenhuma mudança para que suas atribuições se relacionem com suas necessidades. A tarefa se torna repetitiva, sem sentido, perigosa e aparecem sentimentos de angústia, entre outros. Neste momento surge o sofrimento, porque a busca de realização pessoal no trabalho foi interrompida e como conseqüências desse desgaste, podem ocorrer manifestações somáticas, irritabilidade, e outros comportamentos que estão relacionados a este desgaste.

Historicamente, muitas questões relacionadas à saúde do trabalhador foram negligenciadas por inúmeros motivos e, entre eles se destacam a alienação, a fadiga, o esgotamento, entre outros. Entretanto, deve-se ampliar a relação homem-trabalho, de maneira que seja possível promover que as pessoas repensem o tipo de homem que se promove por meio da organização de trabalho vigente. (Dejours, 1992).

As transformações nas relações de trabalho no mundo contemporâneo trouxeram a inauguração de um novo momento: com o desenvolvimento da tecnologia e da globalização, a especialização e a robotização têm sido cada vez mais valorizadas. Essa situação tem trazido prejuízos às condições humanas de trabalho, pois as exigências favorecem as longas jornadas, sentimentos de excesso de trabalho e de desgaste, que agravados pelos problemas humanos, aumentam ainda mais o potencial do ambiente de trabalho em gerar conflitos (Mallar & Capitão, 2004).

Maslach e Leiter (1999) destacaram que o trabalho sofreu mudanças fundamentais, quanto ao local de trabalho, como também em relação à natureza das atividades exercidas pelos trabalhadores. Cada vez mais, atenta-se para o ambiente hostil do trabalho, coincidindo com as exigências do próprio indivíduo, empresa e família. A estas dificuldades, freqüentemente, observa-se excessiva descrença no que tange às mudanças desse quadro e ao envolvimento sadio, entre pessoas e trabalho.

Os estudos do impacto do trabalho sobre a saúde do homem apontam que cada vez mais esta relação está cercada de caráter rotineiro. Pode-se observar também que a perda da valorização do trabalho vem ganhando conotação de sofrimento e tem sido considerada geradora de doenças na atualidade, não só de caráter ocupacional, mas tem ameaçado as condições para a manutenção da saúde mental (Mallar & Capitão, 2004; Heloani & Capitão, 2003).

A pressão contra os trabalhadores tem sido observada em quase todo o mundo. Situação que tem feito com que as pessoas se sintam ameaçadas e vulneráveis frente às pressões, às exigências de qualificação e à instabilidade de seu emprego, ao qual a sua força de trabalho por si só não assegura mais garantias. As exigências de ampliação de jornada implicaram no fato de que o homem tem passado a maior parte de seu tempo trabalhando e,



suas relações fora de casa que poderiam ter um valor afetivo de extrema importância, passam a ser passageiras, imediatas, competitivas e não favorecem a formação de vínculos. Numa situação extrema, além do desemprego, associa-se a solidão e a perda de identidade produtiva tão valorizada na sociedade (Heloani & Capitão, 2003).

De acordo com as transformações vivenciadas no século XIX, com os avanços científicos e tecnológicos, a revolução industrial também trouxe situações de exploração abusiva nas fábricas, em que os homens eram vistos como máquinas, devendo responder às exigências como tais. Estas mudanças levavam muitas vezes, de maneira precoce, esses trabalhadores ao sofrimento extremo e muitos esforços eram necessários na tentativa de pôr fim a essas práticas de exploração, no sentido de que o trabalhador também tivesse satisfação em sua atividade (Maslach & Leiter, 1999).

Os baixos níveis de saúde no trabalho estão ligados à pressão no trabalho, condições desfavoráveis de segurança e outras situações que impõem ao trabalhador habilidades para enfrentá-las (Murta & Tróccoli, 2004). De acordo com Capitão e Heloani (2003) a maneira como o trabalho está organizado na sociedade capitalista, tem provocado crescente sofrimento à medida que exige, rotiniza e amortiza o sentido da vida, apesar de não ser possível generalizar essa observação.

Grazzotti e Vasques-Menezes (1999) ressaltaram que a falta de suporte afetivo, apoio oferecido pelas pessoas queridas e próximas, provavelmente semelhante ao suporte familiar, provoca fragilidade emocional, favorecendo grande sofrimento, não só na vida particular como também no campo profissional. Na decorrência de falta de alternativa para compartilhar suas dificuldades, anseios e preocupações, a tensão emocional pode vir a elevar-se, deixando a pessoa propensa ao desenvolvimento de estresse e/ou *Burnout*, no ambiente laboral.

Hammer, Saksvik, Nytro, Torvatn e Bayazit (2004) destacaram que a influência do trabalho na saúde psíquica é entendida sob pontos de vistas diferentes: algumas possibilidades relacionam as características do trabalho em si e outras incluem fatores sociais e econômicos. Na pesquisa realizada com 1.346 funcionários da indústria alimentícia na Noruega, sobre o ambiente psicossocial do trabalho e o conflito trabalho-família, as correlações entre estresse e saúde apontaram que em virtude de demandas, de procedimentos de trabalho e de normas empresariais (específicos para cada organização) foram observados desequilíbrios entre o esforço e a baixa recompensa sentidos pelos funcionários, evidenciando que o ambiente de trabalho envolve as relações sociais dos empregados.

Observou-se, no estudo de Hammer e cols. (2004), que algumas pessoas apresentaram dificuldades em conciliar as obrigações da família, em virtude do tempo ou do desgaste exigido pela intensidade do trabalho. Essas dificuldades podem ser consideradas como fontes de estresse no trabalho e/ou pela demanda exigida pela família e podem interferir na habilidade do funcionário. Os resultados encontrados sugerem ainda que situações na qual a autonomia encontra-se rebaixada e a demanda do trabalho aumentada podem ter sido combinadas para gerar o aumento da tensão. Outro fator que merece destaque nesse estudo é que, embora tenha sido considerada importante a percepção individual frente ao trabalho desenvolvido, os autores apontam como foco a concepção psicossocial encontrada nos resultados, que ressaltam que as relações sociais na empresa e fora dela (família, por exemplo) são merecedoras de atenção e destaque.

Elloy e Mackie (2002) apontaram que o ingresso da mulher no mercado de trabalho surge não apenas pela necessidade econômica, mas também para desenvolvimento pessoal e independência financeira. Como resultado dessas modificações, poucas famílias passam a

apresentar os moldes vigentes no qual o homem é considerado o “arrimo da família” e a mulher como “dona-de-casa”. Com o acúmulo de múltiplos papéis o estresse é gerado e na relação trabalho-família, principalmente, verificando que um interfere no outro, resultando sobrecarga, conflitos e ambigüidade de papéis. Matsukara, Marturano e Oishi (2002) observaram que as mulheres que vivenciam dupla jornada de trabalho apresentaram condições de vida precárias, como por exemplo, diminuição na realização do prazer e conflitos de sexualidade.

Elloy e Mackie (2002) defenderam que o suporte propicia de forma fundamental o enfrentamento nas situações que surgem no trabalho e na família. O suporte favorece a saúde geral dos indivíduos e a hipótese levantada pelos autores, foi que seria possível observar seu efeito moderador na sobrecarga sentida no trabalho ou nas tarefas familiares. A sobrecarga de trabalho é vista como a quantidade de exigência ao desempenho do trabalhador. Casais que trabalham fora tendem a se sentir sobrecarregados, mais vulneráveis às exigências domésticas, à responsabilidade familiar e ao manejo de conflitos. O conflito trabalho-família foi observado em três condições: o tempo necessário para o desenvolvimento de papéis no trabalho, torna difícil devotar tempo suficiente para outras tarefas; a tensão que uma atividade exige, impede de destacar a atenção em outra área e; comportamentos específicos na organização que não são iguais para o ambiente familiar.

Neste estudo de Elloy e Mackie (2002), o conflito no trabalho apareceu como o mais importante preditor de conflito com a família, porque as pessoas têm menos controle sobre seu trabalho do que em sua vida familiar. A hipótese levantada foi de que quanto maiores a flexibilidade no trabalho e o suporte oferecido pelos supervisores eram observadas associações com baixo nível de conflito trabalho-família e insatisfação no trabalho. Foram enviados 678 questionários, para uma amostra inicial de 347 advogados e

331 contadores na Austrália, mas apenas 81 questionários foram devolvidos por parte dos advogados e 111 dos contadores, representando 26,3% do total de instrumentos enviados. Da amostra estudada, 65 foram classificados como casal com dupla renda. Não foram encontradas diferenças significativas entre idade e sexo no que diz respeito ao conflito trabalho-família, sobrecarga de trabalho e suporte social. Em relação à sobrecarga no trabalho e o suporte do supervisor foram relacionados ao conflito entre trabalho e família, sendo que o suporte oferecido pelos colegas de trabalho, amigos e parentes, não foi significativo, porém o suporte oferecido pelo supervisor aliviou o conflito trabalho-família. A demanda exigida na carreira e a responsabilidade no lar são potenciais para o aumento de conflitos, pois o trabalho tem exigido mais empenho nas funções e as pressões de tempo no trabalho são maiores. Os resultados encontrados não evidenciaram que o suporte do supervisor tem efeito protetivo no conflito trabalho-família, a isto foram atribuídas algumas limitações do estudo, como população não representativa e a falta de maiores informações dos programas organizacionais oferecidos em algumas empresas.

Hammer e cols. (2004), denotaram que o bem estar do funcionário e os componentes do ambiente psicossocial do trabalho recebem influências não apenas das características da organização (liderança, colegas, normas e demandas) como também das relações sociais externas, entre elas a família. Estas relações têm sido negligenciadas pela literatura e se faz necessários estudos a respeito.

Schwartzberg e Dytell (1996) em seu estudo verificaram a relação entre trabalho e estresse familiar e a importância desta para o bem estar psicológico de pais e mães que trabalham fora, com pelo menos uma criança em idade escolar morando em casa. A amostra foi composta por 94 mães e 48 pais no subúrbio de Nova York. Os autores enfatizaram que homens e mulheres possuem expectativas diferentes diante do trabalho, o

que pode estar relacionado com a questão cultural, que favorece com que o homem seja considerado responsável pelo sustendo econômico da família e a mulher pelo cuidado com a prole, as rotinas diárias e organização doméstica. Em relação às medidas de auto-estima, depressão e níveis de estresse no trabalho e na família, não houve diferenças significativas entre homens e mulheres. Em relação ao estresse familiar em separado, mulheres que trabalhavam fora relataram sentir muita falta de divisão de tarefas, enquanto que os homens apontaram sentir grande falta de desafios nos papéis familiares. Nos homens a perda de suporte da esposa denotava mais estresse familiar, o que reforça que o bem estar deles está relacionado ao bem estar da esposa. As limitações do estudo estão relacionadas à diversidade do tipo de trabalho envolvido e das várias idades dos filhos dos casais pesquisados, pois cada idade exige cuidados específicos.

Fox e Dwyer (1999) apontaram os efeitos do tempo e da disponibilidade devotados à família e às atividades no trabalho, verificando o conflito dessa relação. Para favorecer a compreensão dos fatores, foram incluídos os papéis parentais, maritais e também os cuidados com dependentes (crianças e idosos). A amostra foi composta por 113 enfermeiras de um hospital de porte médio, com idades entre 25 e 63 anos. Observou-se que a falta de tempo disponível para realizar as atividades é um fator que pode desencadear conflitos, uma vez que, o tempo gasto em uma atividade acarreta prejuízos para a realização de outras tarefas. Os referidos conflitos familiares eram gerados pela falta de apoio emocional do esposo no auxílio nas tarefas domésticas e auxílio no cuidado com os filhos. Observou-se que o apoio recebido no ambiente organizacional, o envolvimento com o trabalho e o suporte do supervisor auxiliaram no manejo do conflito trabalho-família. Como sugestão para diminuição dos conflitos e do estresse gerado, os autores pontuaram que o ambiente de

trabalho seja suportivo, que as mulheres realizem atividade física, relaxamento muscular, atendimento psicológico e treinamento de técnicas de assertividade.

Hammer e cols. (2004), Fox e Dwyer (1999) chamaram a atenção para o impacto do estresse na relação entre trabalho e família. Ressaltaram que a exposição aos estressores no trabalho pode limitar a habilidade de tratar as demandas da família. Fox e Dwyer (1999) já haviam observado que quando as demandas da família e do trabalho são incompatíveis, o conflito pode ser desencadeado. Em decorrência desses assinalamentos é necessário, além de discutir as questões que envolvem o trabalho e compreender sua relação com o ambiente familiar.

## Capítulo V

### Trabalho e Família

Edwards e Rothbard (2000) discutem que, ao contrário do que se pensou no passado, família e trabalho não são independentes e estão sim interconectados na vida humana. Essa relação é importante para a organização, família e a sociedade, diante de todas as mudanças organizacionais que exigem mais dos funcionários (viagens a trabalho) e as mudanças sociais que obrigam que pais tenham carreira e se desenvolvam profissionalmente para que possam suprir os gastos familiares e darem melhores condições aos seus filhos. Os autores não buscaram criar um novo modelo teórico, mas objetivaram levantar os mecanismos que ligam os construtos trabalho (atividade instrumental e intencional para oferecer bons serviços e suporte de vida) e família (pessoas relacionadas por vínculos biológicos, casamento, tradição social ou adoção).

Na relação trabalho família estes autores identificaram cinco mecanismos presentes. *Spillover* entendido como os efeitos do trabalho e família ou outro aspecto em geral similar entre os dois. Trata-se de questões comuns que afetam a família e o trabalho como humor, satisfação, valores, que podem ser positivos, por exemplo: a satisfação no trabalho também é direcionada ao ambiente familiar, ou valores negativos, como a fadiga do trabalho que é direcionada ao lar. *Compensation* (compensação) referente ao esforço feito para diminuir a insatisfação em um domínio, encontrando satisfação em outro. Por exemplo, o indivíduo pode diminuir seu envolvimento em um domínio por insatisfação e aumentar seu envolvimento no outro domínio que é mais satisfatório. *Segmentation*, é a separação ente os domínios para que um não afete o outro, inicialmente foi visto como uma divisão natural, atualmente esse mecanismo tem sido considerado como uma forma de enfrentamento (*coping*). *Resource drain* se refere a transferir recursos pessoais como tempo, atenção e

energia de um domínio para outro. *Congruence* refere a similaridade entre trabalho e família ou uma terceira variável que atue como causa comum como: personalidade, comportamento, questões culturais. O último mecanismo *Work-family conflict* que é a forma de conflito entre os dois papéis e que envolve demandas mutuamente incompatíveis, em que a demanda em um domínio dificulta conhecer a demanda no outro.

Existem três formas de conflito trabalho-família baseado no tempo, na tensão e no comportamento. Conflito baseado no tempo ocorre quando o tempo gasto em um domínio consome o necessário para conhecer a demanda de outro. Baseado na tensão ocorre quando a insatisfação, tensão, ansiedade ou fadiga em um domínio, gera dificuldades no outro. Conflito baseado no comportamento surge quando o comportamento esperado em um domínio é incompatível com o desenvolvido em outro (Major, Klein, & Ehrhart, 2002; Edwards & Rothbard, 2000).

Cooke e Rousseau (1987) já apontavam o valor significativo do suporte como moderador de impacto nos estressores relacionados ao trabalho. Em sua pesquisa com professores, observou-se que pessoas casadas possuíam saúde física e mental melhor que a saúde de pessoas solteiras e estas melhor que o índice de saúde das divorciadas e separadas. Mesmo que as relações familiares apresentassem conflitos de papéis, por exemplo, esse efeito foi contrabalanceado pelo suporte e outras contribuições vindas do parceiro. Neste mesmo estudo, verificou-se que nos homens, o casamento e a paternidade podem apresentar efeito positivo na auto-estima e na motivação voltada ao trabalho, pois há maior demonstração de envolvimento e identificação com a organização. Por outro lado, as mulheres trabalhadoras com filhos, foram mais afetadas pelo estresse e conflito de papéis do que as mulheres solteiras e sem filhos.



Outro fator que está relacionado ao conflito trabalho-família e tem merecido preocupação por parte da sociedade e dos estudiosos é em relação às longas horas de trabalho e a possibilidade delas terem conseqüências negativas para a família e os trabalhadores. A literatura demonstra que há correlação positiva entre o número de horas trabalhadas e a interferência familiar (Major, Klein & Ehrhart, 2002; Wharton & Blair-Loy, 2006).

Enfatizando o tempo de trabalho e estresse Wharton e Blair-Loy (2006) avaliaram como as pessoas percebiam os efeitos das longas horas de trabalho em sua vida pessoal. Os resultados encontrados ressaltam que as mulheres se preocupam mais com o efeito das horas trabalhadas na vida familiar principalmente quando há filhos envolvidos. Os efeitos também são vistos como aumento da ansiedade de emoções negativas em que responder às demandas do trabalho poderia esgotar sua atenção à família. No entanto os resultados de Major, Klein e Ehrhart (2002), são um pouco diferentes. Não foram encontradas diferenças entre os sexos e para famílias que tenham crianças, no entanto, outras hipóteses foram confirmadas: longas horas de trabalho aumentam o conflito entre trabalho e família, e indiretamente aumentam o estresse sentido e os outros problemas associados como alta rotatividade de funcionários, absenteísmo e baixo desempenho no trabalho, além de sintomas de depressão e transtornos somáticos. Outro dado interessante é que o papel da organização também é discutido, pois se observou correlação negativa entre a recompensa por tempo gasto a mais no trabalho e as horas trabalhadas, o que sugere que nem todos que realizam horas a mais são recompensados pela organização. Embora ambas as pesquisas não tenham avaliado o impacto da família no trabalho, reconhecem que essa direção também é possível.

Lapierre e Allen (2006) avaliaram formas de evitar o conflito entre trabalho e família, considerando ambas as direções (trabalho-família e família-trabalho). Os participantes da pesquisa trabalhavam em casa, usando o telefone e com horários flexíveis e embora sejam duas situações que aparentemente devotariam mais tempo em casa com a família, esse tempo poderia ser alvo de conflito, pois apesar de estar em casa com a família, o funcionário estaria trabalhando. Os resultados encontrados revelam que quando familiares oferecem sustentação emocional, ou seja, a família não esvazia a energia devotada ao trabalho, menos tensão da família interfere no trabalho e quando o supervisor também apóia e oferece compreensão também diminui a interferência do trabalho na vida familiar, o que reforça a idéia de que o suporte deve ser oferecido na família e da empresa, a fim de que essas duas áreas não estejam em constante conflito.

O papel da organização na vida do trabalhador foi avaliado por Judge e Colquitt (2004) sob o aspecto da justiça organizacional e o estresse. Mesmo que o conceito de justiça organizacional seja subjetivo e individual verifica-se que há implicações no comportamento dos funcionários e foi encontrada sua relação com o estresse, definido como experiências e sensações psicológicas desagradáveis no ambiente de trabalho. A idéia de justiça organizacional reporta à idéia do oferecimento de suporte organizacional, de maneira que contribua para que o funcionário perceba que tem controle e informações acerca de seu trabalho, de forma que a empresa e/ou o supervisor tem papel importante no aparecimento do conflito entre as demandas do trabalho que interferem na vida familiar. Empresas que oferecem recursos aos funcionários com políticas que tornam possível atender as demandas familiares com o apoio de supervisores, apontam que o conflito entre trabalho e família é menor e com isso os níveis de bem estar e de saúde são mais elevados quando comparados com empresas que não oferecem esse recurso, embora existam pessoas

que relutem em utilizar esse tipo de apoio por preconceito ou por não se sentirem no direito de terem acesso a tais recursos (Mauno, Kinnunen & Pyykkö, 2006).

Wang (2006) buscou investigar a associação entre os níveis de percepção de estresse no trabalho e o desequilíbrio entre a vida no trabalho e a familiar, incluindo as desordens de ansiedade e depressão em uma amostra trabalhadora canadense. Os resultados desta pesquisa são interessantes, pois o autor parte do pressuposto que desordens mentais são prevalentes em locais de trabalho e tem um impacto no funcionamento ocupacional do indivíduo. Observou-se que os trabalhadores que tiveram níveis de estresse no trabalho no 1º e 2º quartil, a prevalência de desordem mental foi bem parecida, no entanto, a prevalência de desordem mental foi mais alta no 3º quartil e no 4º maior que em todos os grupos. A relação entre trabalho e família foi observada claramente, visto que o desequilíbrio entre trabalho e família apareceu como forte preditor de desordem mental.

Outros resultados interessantes foram quanto ao estado civil dos trabalhadores: os participantes não casados foram os mais dispostos a terem desordem de humor e ansiedade comparados com os participantes casados. Em relação ao sexo, embora os estudos levantados pelo autor apontassem que as mulheres são mais propensas a transtornos depressivos e de ansiedade que os homens, na referida pesquisa não houve diferença entre os sexos, o que denota falta de consenso científico.

Como observado anteriormente, o estresse laboral é um construto importante, presente e relevante na sociedade atual. O trabalho além de ser fonte de prazer, pode favorecer insatisfações ou dificuldades até alcançar situações de estresse, que por sua vez, reflete seu impacto nas relações vivenciadas pelo trabalhador, entre elas, a família ocupa lugar de destaque por exigir demandas do indivíduo e por também sofrer com o impacto do estresse, sem contar que a recíproca pode ser verdadeira, pois a família também pode

promover estresse, que será refletido em outras situações. Diante do exposto, estudos são necessários para ampliar esta inter-relação trabalho-família, de forma que seja possível minimizar as conseqüências e o sofrimento do trabalhador, bem como prevenir aumento no número de casos, por isso, a necessidade de instrumentos de avaliação psicológica que possam ser utilizados tanto no diagnóstico, como na verificação dos tratamentos para o estresse laboral.

Neste sentido e diante da falta de maiores estudos de evidência de validade de suporte familiar, relacionado ao estresse laboral, a presente dissertação visou investigar a percepção de suporte familiar e sua relação com a vulnerabilidade ao estresse laboral. A hipótese central deste estudo é que se existe relação entre a família e o trabalho, acredita-se que o nível de vulnerabilidade ao estresse no trabalho e a percepção de suporte familiar podem apresentar correlação entre si. As hipóteses levantadas para o estudo foram:

### **Hipótese 1**

Espera-se que os resultados da Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho – EVENT se correlacionem negativamente com os dados do Inventário de Percepção de suporte familiar – IPSF, isto é, quanto menor for o nível de vulnerabilidade ao estresse no trabalho, maior deverá ser o nível do suporte familiar.

### **Hipótese 2**

Espera-se que os eventos de vida separados por classes, se correlacionem negativamente com as dimensões do IPSF, de forma que quanto menos eventos de vida, maior será o suporte familiar.

**Hipótese 3**

Espera-se que os eventos de vida se correlacionem positivamente com as dimensões do Inventário de Vulnerabilidade ao Estresse no trabalho, ou seja, quanto mais eventos de vida, maiores seriam os níveis de vulnerabilidade do estresse.

No capítulo seguinte será apresentado o método, com as descrições dos instrumentos, procedimentos e participantes.

## **Método**

### **Participantes**

A coleta de dados foi realizada com 530 estudantes universitários de uma instituição particular da cidade de São Paulo. No entanto, para a análise dos dados foram selecionados para compor a amostra apenas os participantes que se declararam trabalhadores, em virtude de uma das variáveis principais desse estudo ser estresse no trabalho. Foram excluídos ainda, os participantes que não responderam acima de 10% dos instrumentos (EVENT e IPSF). A amostra final foi composta por 414 estudantes, com idade média de 25 anos (DP=6,27), sendo a mínima 17 e a máxima 54 anos, em relação ao sexo, houve predominância feminina correspondendo a 56,8 % ( $n=235$ ) da amostra final. A caracterização completa da amostra encontra-se no capítulo de resultados.

### **Instrumentos**

#### **Questionário de Identificação**

Os participantes responderam a um questionário de identificação (anexo 1), contendo 24 perguntas objetivas acerca da identificação dos mesmos, sexo, idade, estado civil, curso, trabalho, estrutura familiar, bem como características socioeconômicas, com base no Critério de Classificação Econômica Brasil – CCEB (ANEP, 2000), além de informações sobre o tipo de trabalho e jornada semanal de horas de trabalho. A questão de número 24 condensava os eventos de vida (Oliveira, Fonseca & Del Porto, 2002, Savoia, 1999 e Holmes & Rahe, 1967) separados nas dez categorias: trabalho, educação, questões

financeiras, saúde, lutos e perdas, migração ou mudanças, namoro e coabitação, questões legais, família e matrimônio, nas quais o participante assinalava os acontecimentos vividos no último ano. Em virtude da adaptação de Oliveira, Fonseca & Del Porto (2002) ser em forma de entrevista, foi necessário, para esta pesquisa, converter os itens para a forma de auto-relato.

### **Inventário de Percepção de Suporte Familiar – IPSF**

O Inventário de Percepção de Suporte Familiar – IPSF (anexo 2), foi desenvolvido por Baptista (2005), cujo objetivo consiste em construir, validar e fornecer maneiras de mensurar o construto de suporte familiar. Baseado em instrumentos de suporte internacionais como o Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES III) de Olson, Portner e Lavee, Family Assessment Device (FAD) de Epstein, Baldwin e Bishop, o Family Awareness Scale (FAS) de Green, Kolvezon e Vozler, o Parental Bonding Instrument (PBI) de Parker, Tupling e Brown e o Questionário de Estilos Parentais de Gomide (este nacional), realizou-se uma pesquisa com estudantes universitários sobre questões referentes à família ideal. Primeiramente o instrumento foi composto de 192 itens e após análise fatorial, o mesmo foi reduzido para 43 itens.

O instrumento contava inicialmente com quatro dimensões de avaliação denominadas de: Inadaptação Familiar, Afetividade Familiar, Consistência Familiar e Autonomia Familiar e tinha 43 itens. A amostra de Baptista (2005) foi composta por 346 estudantes universitários com idades entre 17 e 55 anos ( $M= 24,67$ ;  $SD= 6,36$  anos), sendo 76,6% do sexo feminino, 85% solteiros, 59,2 % moravam com família nuclear, 26% em repúblicas ou pensionatos e 72,8% com os pais morando juntos.

Para determinar a validade e precisão do construto, foram utilizados: análise dos componentes principais, análise fatorial exploratória com rotação varimax e cálculo do Alfa de Cronbach. Obteve-se o KMO de 0,921 e no teste de esfericidade de Bartlett foi significativo ao nível de 0,0001, com  $\chi^2 = 5178,32$  (df= 903). Os índices de Alfa de Cronbach foram: fator 1= 0,8805, fator 2= 0,8599, fator 3= 0,8254 e fator 4= 0,8046. Para análise de variância, foram considerados os valores acima do eigenvalue 1,5, sendo os índices para dimensão um: 11,538, dimensão dois: 3,042, dimensão três: 2,233 e dimensão quatro: 1,590, explicando a variância total de 42,8% para as quatro dimensões (Baptista, 2005).

Em um segundo estudo de Baptista (2007), com uma ampliação da amostra para 1064 estudantes de ensino médio e universitário, com idades entre 17 e 64 anos (M=23,35 e DP=6,05 anos) sendo 73,7% participantes do sexo feminino, 82,2% solteiros, 9,9% casados, 2,1% viúvos, recasados e divorciados e 5,8% não declararam o estado civil. Os resultados apresentaram algumas mudanças significativas no inventário.

Atualmente são apenas 42 itens, uma vez que o item 18 (“Eu sinto que deveria ter nascido em outra família”) foi excluído, visto que sua carga fatorial ficou abaixo do esperado. O inventário ficou, portanto, dividido em três dimensões, sendo o fator 1 denominado de Afetivo-Consistente, que envolve questões a respeito da expressão de afetividade entre os membros, seja verbal ou não, interesse, simpatia, acolhimento, consistência de comportamentos e habilidades na resolução de problemas. Este fator é composto pelos itens: 2, 3, 4, 5, 9, 11, 15, 17, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 35, 37, 41 e 42.

O segundo fator é denominado de Adaptação Familiar e que pontuado de maneira invertida, questiona os sentimentos negativos em relação ao grupo familiar, como raiva,



isolamento, exclusão, falta de compreensão entre outros, que apontam a ausência de adaptação no grupo. É composta pelos itens: 1, 6, 7, 8, 13, 16, 20, 21, 27, 32, 33, 36 e 39. Para efeitos de correção e análise, este fator tem pontuação invertida, sendo que quando pontuado 0 vale 2, 1 permanece igual e 2 vale 0.

A última dimensão é a Autonomia composta por 8 itens sendo: 10, 12, 14, 18, 19, 34, 38 e 40. Nesta são avaliadas as relações de confiança, liberdade e privacidade entre os membros. (Baptista, 2007, Rigotto, 2006).

A análise fatorial produzida pelo método dos componentes principais com rotação oblíqua, normalizado por Kaiser, índice KMO final foi de 0,95 e o teste de esfericidade de Bartlett foi significativo ao nível de 0,00001 ( $\chi^2=17041,35$ ; gl=861), os *eigenvalues* desta análise permaneceram superiores a 2,5 e a variância total explicada pelo instrumento foi de 41,4% (Baptista, 2007).

As questões são do tipo *likert* de três pontos, nas quais o respondente assinala nunca (0), quase nunca (1) ou quase sempre (2). O fator 1 – Adaptação Familiar é pontuado de maneira inversa aos outros fatores, sendo que ao final da avaliação quanto maior a pontuação, maior o nível de suporte familiar percebido pelo respondente.

### **Escala de Vulnerabilidade ao Estresse do Trabalho – EVENT**

A Escala de Vulnerabilidade ao Estresse (Sisto, Baptista, Noronha & Santos, 2007) foi construída inicialmente com 154 itens de situações estressoras relacionadas ao trabalho. A escala (anexo 3) é do tipo *likert* três pontos, no qual os respondentes assinalam 0 para nunca, 1 para às vezes e 2 para frequentemente. O objetivo da escala é avaliar a vulnerabilidade do indivíduo frente aos estressores no ambiente de trabalho, ou seja, quanto as circunstâncias do cotidiano do trabalho influenciam a conduta da pessoa, a ponto de

caracterizar certa fragilidade. As questões envolvem a percepção do indivíduo frente à instituição organizacional, à filosofia da empresa, relacionamentos interpessoais no ambiente de trabalho e de sentimentos do respondente frente às suas atividades laborais, como motivação e autonomia (Sisto, Baptista, Noronha & Santos, 2007 e Miguel, 2006).

Barbosa, Bigheti, Baptista e Noronha (2006) em análise preliminar do referido instrumento observaram que 73 dos 154 itens apresentados possibilitaram diferenciar os participantes do estudo e denotam que os trabalhadores da saúde estão mais suscetíveis aos eventos estressores quando comparados com outras áreas de atuação. Embora outros estudos fossem necessários com diferentes amostras, nesse mesmo trabalho com estudantes universitários, encontraram-se outros itens que permitem diferenciações quanto ao curso realizado.

A análise fatorial do primeiro estudo (n=388) mostrou um Kaiser-Meyer-Olkin KMO=0,88, considerado bastante satisfatório o que possibilitou a extração dos fatores, segundo o teste de esfericidade de Bartlett ( $\chi^2=4925,88$ ,  $df=780$  e  $p=0,000$ ). No segundo estudo (N=948), os resultados indicaram um KMO=0,92 e o teste de esfericidade de Bartlett ( $\chi^2=10726,77$ ,  $gl=780$  e  $p=0,000$ ) indicaram a possibilidade de extração de mais de um fator, sendo que foi considerado três fatores com grau de variância explicando 37,44% dos resultados (Sisto, Baptista, Noronha & Santos, 2007).

Realizou-se análise fatorial na qual o instrumento passou a 68 itens, divididos em três dimensões, denominadas inicialmente de Sobrecarga; Não reconhecimento e Instabilidade nas condições de trabalho. Em estudos posteriores (Sisto, Baptista, Noronha & Santos, 2007) o instrumento foi estruturado em 40 itens e os fatores foram renomeados, sendo Clima e Funcionamento Organizacional (englobando os itens 3, 4, 5, 6, 11, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 25, 26, 27, 36 e 40). Nesta dimensão são refletidas as situações de ambiente

físico inadequado, chefia despreparada, dificuldades pessoais com a chefia, expectativa excessiva de superiores, falta de oportunidades e de ascensão no trabalho, falta de perspectiva profissional, ausência de plano de cargos e salários, de solidariedade, não ser valorizado, salário inadequado para a função, ter autoridade rejeitada pelos iguais ou superiores, além de tom autoritário de meus superiores. A segunda dimensão foi denominada de Pressão no trabalho (com os itens 1, 2, 12, 17, 24, 28, 29, 30, 33, 34, 35, 38 e 39) englobando os aspectos acúmulo de funções e de trabalho, trabalhos não pertencentes à função exercida, excesso de responsabilidade nas atividades diárias, necessidade fazer o serviço de colegas, prazos para realização de trabalhos, ritmo acelerado e ter mais obrigações que demais colegas. A terceira dimensão, chamada de Infra-estrutura e Rotina (incluindo os itens 7, 8, 9, 10, 20, 21, 22, 23, 31, 32 e 37), compreende os aspectos jornadas dobradas, doença ou acidente pessoal, equipamento precário, licença de saúde recorrente dos colegas, mudança no horário de trabalho, mudança de *status* financeiro, mudanças de chefia, perspectivas de promoção vinculadas à idéia de transferência, escassa cooperação da equipe para trabalhos que deveriam ser feitos em grupo, salários atrasados e problemas no ambiente físico, como iluminação

A pontuação da EVENT se dá pela soma dos itens assinalados pelo respondente sendo sua pontuação mínima de 0 e a máxima de 80. Indicando que quanto maior a pontuação, maior é a vulnerabilidade ao estresse (Sisto, Baptista, Noronha & Santos, 2007 e Miguel, 2006).

### **Procedimentos**

Os instrumentos foram aplicados em estudantes universitários de uma instituição particular da cidade de São Paulo, de vários cursos. Diante da aprovação da Comissão de

Ética (anexo 5), as salas de aula foram escolhidas por conveniência e após a informação aos participantes do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (anexo 4) foi dado início à coleta de dados e aplicação dos instrumentos. A coleta de dados demorou em média 1 hora. A seqüência dos instrumentos foi a mesma em todas as aplicações: TCLE, Questionário de Identificação (anexo 1), IPSF (anexo 2) e EVENT (anexo 3), sendo os horários de aplicação durante as aulas, no período diurno e noturno.

A seguir são apresentados os resultados, discussões e conclusões.

## **Resultados**

### **Análise Descritiva dos Dados**

#### **Caracterização da Amostra**

Conforme já citado, anteriormente, a coleta de dados foi realizada com 530 estudantes universitários de uma instituição particular da cidade de São Paulo. No entanto, para a análise dos dados foram excluídos os participantes que não estavam trabalhando na ocasião do estudo, visto que de uma das variáveis principais é estresse no trabalho. Foram excluídos ainda, os participantes que não responderam acima de 10% dos instrumentos (EVENT e IPSF). A amostra final foi composta por 414 estudantes, com idade média de 25 anos (DP=6,27), sendo a mínima 17 e a máxima 54 anos, em relação ao sexo, houve predominância feminina correspondendo a 56,8 % ( $n=235$ ) da amostra final.

Quanto ao estado civil, observou-se que a maior parte declarou ser solteira 74,6% ( $n=309$ ), conforme pode ser verificado na tabela 1. A porcentagem de participantes que declarou estar casada foi de 20,5% ( $n=85$ ), 2,7% ( $n=11$ ) declarou ser separado ou desquitado, 0,2 ( $n=1$ ) declarou ser viúvo e apenas 0,5% ( $n=2$ ) não responderam. Para a discussão dos dados, o item estado civil foi condensado em dois grupos: casados e não casados, sendo que resultou em 79% ( $n=327$ ) de não casados, incluindo solteiros, desquitados, separados, viúvos e outros e 20,5% ( $n=85$ ) de casados e recasados.

Tabela 1. Frequência da amostra por estado civil

	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Solteiro</b>	309	74,6
<b>Casado</b>	85	20,5
<b>Desquitado/Divorciado</b>	11	2,7
<b>Outros</b>	6	1,4
<b>Viúvo</b>	1	0,2
<b>Total</b>	412	99,5
<b>Não responderam</b>	2	0,5
<b>Total</b>	414	100,0

Da amostra 18,6% ( $n=77$ ) declarou ter filhos enquanto que 81,4% ( $n=337$ ) não possui filhos. Quanto ao número de filhos, observou-se que 11,4% teve filho único, 3,6% teve dois filhos e 1,9% teve três filhos. Apenas 1% declarou ter quatro ou mais filhos e 0,7% não informou o número de filhos. Dos participantes solteiros, 2,3% informaram ter filhos.

Os cursos foram agregados por área de concentração, na qual observou-se predominância da área de Biológicas e da Saúde (Psicologia, Nutrição, Fisioterapia e Enfermagem) correspondendo a 46,1% ( $n=191$ ), Exatas (Engenharia) 28,3% ( $n=117$ ) e Humanas (Administração e Serviço Social) 25,6% ( $n=106$ ) da amostra. A distribuição por curso encontrada foi de que 30,4% ( $n=126$ ) freqüentavam o curso de Psicologia, 28,3% ( $n=117$ ) o curso de Engenharia, 20,5% ( $n=85$ ) o curso de Administração, 8,9% ( $n=37$ ) o curso de Enfermagem, 5,1% ( $n=21$ ) o curso de Serviço Social, 4,8% ( $n=20$ ) o curso de Fisioterapia e 1,9% ( $n=8$ ) o curso de Nutrição. Na tabela 2, são apresentadas as porcentagens por sexo, na divisão por curso.

Tabela 2. Porcentagem das áreas por sexo

	Sexo				Total
	Masculino		Feminino		
	N	%	N	%	
<b>Saúde</b>	27	14,1	164	85,9	191
<b>Exatas</b>	109	93,2	8	6,8	117
<b>Humanas</b>	43	40,6	63	59,4	106
<b>Total</b>	179	43,2	235	56,8	414

No que diz respeito ao exercício de atividades remuneradas, após a exclusão dos participantes que não exerciam nenhuma atividade, verificou-se que 88,9% ( $n=368$ ) dos participantes estavam trabalhando e eram remunerados, 9,2% ( $n=38$ ) realizavam atividades remuneradas e voluntárias e apenas 1,9% ( $n=8$ ) informaram exercer atividades de voluntariado.

Observou-se que 65,9% ( $n=273$ ) encontravam-se trabalhando em regime formal e com contrato de trabalho com prazo indeterminado. Em atividades de trabalho informal foram encontrados 17,1% ( $n=71$ ), em trabalho temporário corresponderam a 8% ( $n=33$ ), autônoma foram 7,2% ( $n=30$ ) e apenas 1,7% ( $n=7$ ) não responderam essa questão.

Ao serem questionados sobre a compatibilidade do cargo e da função exercida 49,5% ( $n=205$ ) informaram ter cargo e função compatíveis, enquanto que 41,3% ( $n=171$ ) alegaram ter mais tarefas a fazer do que o cargo exige. Apenas 5,8% ( $n=24$ ) realizavam menos tarefas do que lhe eram exigidas e 3,4% ( $n=14$ ) não responderam, como pode ser observado na tabela 3.

Tabela 3. Frequência e porcentagem da compatibilidade do cargo e função

	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Cargo e função compatíveis</b>	205	49,5
<b>Mais tarefas</b>	171	41,3
<b>Menos tarefas</b>	24	5,8
<b>Total</b>	400	96,6
<b>Não responderam</b>	14	3,4
<b>Total</b>	414	100,0

Em relação à jornada de trabalho em horas cumpridas pelos participantes, observou-se que o tipo de jornada prevalente foi em regime integral, pois 79,9% ( $n=331$ ) encontrava-se cumprindo jornada de mais de 40 horas semanais, sendo distribuídos em 57,7% ( $n=239$ ) cumpriam de 40 a 44 horas, 22,2% ( $n=92$ ) mais de 44 horas, 11,1% ( $n=46$ ) cumpria entre 21 e 30 horas e 7,5% ( $n=31$ ) cumpria até 20 horas semanais. Apenas 6 participantes (1,4%) não responderam essa questão. Para efeitos de discussão, os participantes foram agrupados por horas de trabalho, sendo que 18,6% dos participantes cumpriam jornada de até 30 horas, 57,7% cumpriam jornada de 40 a 44 horas e 22,2% cumpriam jornada acima de 44 horas.

A respeito da moradia 1,4% ( $n=6$ ) declarou morar sozinho, 69,1% ( $n=286$ ) afirmou morar com pais e irmãos, 20,5% ( $n=85$ ) com esposo (a) e filhos, 1% ( $n=4$ ) apenas com filhos e 8% ( $n=33$ ) em outras situações, como mãe e filhos; esposa, filhos e amiga; apenas irmãos; pais; irmãos e esposo; avós; sobrinhos; namorado; avós e tios entre outros.

O critério econômico foi avaliado segundo a ANEP (2000) e foi encontrado que 2,9% ( $n=12$ ) da amostra pertencia à classe A1, 11,4% ( $n=47$ ) à classe A2, 23,4% ( $n=97$ ) à classe B1, 35% ( $n=145$ ) à B2, 26,3% ( $n=109$ ) à C, 0,7% ( $n=3$ ) à D e 1 participante (0,2%)



não respondeu. Para melhor leitura e discussão, os dados foram agrupados conforme demonstrado na tabela 4.

Tabela 4. Frequência das classes de critério econômico

	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>A1 / A2</b>	59	14,3
<b>B1 / B2</b>	242	58,5
<b>C e D</b>	112	27,1
<b>Não responderam</b>	1	0,2
<b>Total</b>	414	100,0

Sobre o responsável por gerenciar a família financeiramente, observa-se que 46,9% ( $n=194$ ) informaram ser o pai, 14,5% ( $n=60$ ) a mãe, 14% ( $n=58$ ) o próprio respondente, 9,7% ( $n=40$ ) o cônjuge, 8,7% ( $n=36$ ) declarou não ter ninguém em específico, 3,9% ( $n=16$ ) indicaram outras pessoas, compreendendo padrasto, o respondente juntamente com pai e irmão, tio, avós, 1,9% ( $n=8$ ) atribui ao(s) irmão (s), apenas 0,2% ( $n=1$ ) ressaltou pai e mãe juntos e 0,2% não responderam. Na tabela 5 são apresentadas as variáveis para este item.

Tabela 5. Frequência e porcentagem do responsável por gerenciar a família financeiramente

	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>O pai</b>	194	46,9
<b>A mãe</b>	60	14,5
<b>O respondente</b>	58	14,0
<b>O cônjuge</b>	40	9,7
<b>Indefinido</b>	36	8,7
<b>Outros</b>	16	3,9
<b>O irmão (ã)</b>	8	1,9
<b>Pai e mãe</b>	1	0,2
<b>Não responderam</b>	1	0,2
<b>Total</b>	414	100,0

Quanto ao nível de escolaridade dos pais, observa-se que a porcentagem de mães que tem nível superior completo foi maior 11,8% ( $n=49$ ) em relação aos pais que representaram 8,5% ( $n=35$ ). Os pais com nível médio completo e/ou superior incompleto foram 28,3% ( $n=117$ ) para mãe e 27,3% ( $n=113$ ) para o pai. Para o nível fundamental II completo e/ou médio incompleto foi 15,7% ( $n=65$ ) para mãe e 19,8% ( $n=82$ ) para pai. O nível fundamental I completo e/ou fundamental II incompleto foram 31,6% ( $n=131$ ) para mãe e 29,7% ( $n=123$ ) para pai. O nível fundamental incompleto e/ou analfabeto foi 8,7% ( $n=36$ ) para mãe e 10,6% ( $n=44$ ) para pai.

Para facilitar a leitura e discussão dos dados, os níveis de escolaridade dos pais foram agrupados, conforme tabela 6.

Tabela 6. Frequência e porcentagem do nível de escolaridade dos pais

	Frequência		Porcentagem	
	Pai	Mãe	Pai	Mãe
<b>Analfabeto a ensino médio incompleto</b>	249	232	60,1%	56,0%
<b>Médio completo à superior completo</b>	148	166	35,7%	40,1%
<b>Não responderam</b>	17	16	4,1%	3,9%
<b>Total</b>	414	414	100,0	100,0

A respeito da configuração familiar, foi observado que 3,9% ( $n=16$ ) dos participantes declarou ser filho único, 31,6% ( $n=131$ ) tinha um irmão, 33,3% ( $n=138$ ) tinha dois irmãos, 13,3% ( $n=55$ ) tinha três irmãos, 6,8% ( $n=28$ ) e 4,3% ( $n=18$ ) tinham respectivamente quatro e cinco irmãos, 6,5% ( $n=27$ ) tinha mais que cinco irmãos, variando de 6 a 14 e, apenas 0,2% ( $n=1$ ) não respondeu. O número de irmãos também foi agrupado, sendo caracterizado conforme tabela 7.

Tabela 7 . Frequência e porcentagem do número de irmãos dos participantes

	Frequência	Porcentagem
<b>Acima de 4 irmãos</b>	73	17,6
<b>De 1 a 3 irmãos</b>	324	78,3
<b>Filho único</b>	16	3,9
<b>Não respondeu</b>	1	0,2
<b>Total</b>	414	100,0

No que diz respeito ao estado civil dos pais dos participantes, verifica-se que a maior parte 70% ( $n=290$ ) foi indicada como casada, 15,5% ( $n=64$ ) desquitado ou divorciado, 10,1% ( $n=42$ ) viúvo, 2,2% ( $n=9$ ) falecidos, 1% ( $n=4$ ) para recasado, 0,7%

( $n=3$ ) para solteiro, apenas 0,2% ( $n=1$ ) não se encaixou em nenhuma das situações anteriores e 0,2% não respondeu. Essas informações foram agrupadas em família intacta (sem separações, viuvez etc) e não-intacta (com algum tipo de separação, viuvez, recasamento dos pais), conforme pode ser observado na tabela 8.

Tabela 8. Frequência e porcentagem das famílias consideradas intactas e não-intactas

	Frequência	Porcentagem
<b>Intactas</b>	290	70,0%
<b>Não-intactas</b>	123	29,7%
<b>Não respondeu</b>	1	0,2%
<b>Total</b>	414	100,0%

Das famílias em que os pais encontravam-se casados, observa-se que a 19,6% ( $n=81$ ) tinha tempo médio de união acima de 31 anos, 27,1% ( $n=112$ ) entre 26 a 30 anos, 22,7% ( $n=94$ ) tinha entre 21 a 25 anos, 4,3% ( $n=18$ ) tinham entre 16 a 20 anos, 1,4% ( $n=6$ ) até 15 anos de casamento e 24,9% da amostra não respondeu ou não se aplicava este item.

As famílias em que os pais encontravam-se separados, verificou-se que 2,2% ( $n=9$ ) estavam separados há mais de 21 anos, 3,6% ( $n=15$ ) entre 16 e 20 anos de separação, 3,4% ( $n=14$ ) entre 11 e 15 anos, 3,9% ( $n=16$ ) entre 6 e 10 anos e entre 2 e 5 anos, para até um ano de separação foi encontrado 1,6% ( $n=7$ ), 81,4% não respondeu ou não se aplicava.

A respeito da declaração de cor/raça, foi observado que a maioria declarou ser branca 66,4% ( $n=275$ ), 24,2% ( $n=100$ ) declarou ser pardo/mulato, 4,8% ( $n=20$ ) negro, 4,1% ( $n=17$ ) de origem oriental /amarela, apenas um (0,2%) declarou-se de origem indígena e 0,2% ( $n=1$ ) não respondeu.

Em relação aos eventos de vida separados por categoria, no que diz respeito à trabalho, as maiores frequências encontradas foram para promoção ou aumento de salário com 37,9% ( $n=157$ ), 35,7% ( $n=148$ ) mudança de emprego, aumento na jornada de trabalho 32,4% ( $n=134$ ) e 28,3% ( $n=117$ ) para dificuldades nas relações de trabalho, entre outras conforme tabela 9.

Tabela 9. Frequência e porcentagem para eventos de vida relacionados ao trabalho

<b>Trabalho</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Promoção ou aumento de salário</b>	157	37,9
<b>Mudança de emprego</b>	148	35,7
<b>Aumento na jornada de trabalho</b>	134	32,4
<b>Dificuldades nas relações de trabalho</b>	117	28,3
<b>Diminuição na jornada de trabalho</b>	51	12,3
<b>Desempregado por um mês mais</b>	36	8,7
<b>Demissão ou dispensa</b>	33	8,0
<b>Rebaixamento no trabalho</b>	12	2,9
<b>Falência nos negócios</b>	3	0,7
<b>Aposentadoria</b>	0	0

Os eventos de vida relacionados à Educação que foram mais assinalados foram: retorno ou início dos estudos com 33,1% ( $n=137$ ), 5,8% ( $n=24$ ) e 5,1% ( $n=21$ ) para respectivamente fracasso acadêmico importante e mudança de escola. Conforme pode ser verificado na tabela 10.

Tabela 10. Frequência e porcentagem para eventos de vida relacionados à escola

<b>Educação</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Retomou / Iniciou os estudos</b>	137	33,1
<b>Teve fracasso acadêmico importante</b>	24	5,8
<b>Mudança de escola</b>	21	5,1
<b>Interrupção de curso</b>	9	2,2

As questões financeiras foram as mais assinaladas como pode ser observado na tabela 11. Os participantes que apontaram ter vivenciado dificuldades financeiras moderadas, foram 60,9% ( $n=252$ ), melhora nas finanças 23,2% ( $n=96$ ) e dificuldades financeiras grandes 10,6% ( $n=44$ ).

Tabela 11. Frequência e porcentagem para eventos de vida relacionados ao trabalho

<b>Questões financeiras</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Dificuldades financeiras moderadas</b>	252	60,9
<b>Melhora nas finanças</b>	96	23,2
<b>Dificuldades financeiras grandes</b>	44	10,6

Os eventos relacionados à saúde mais assinalados foram considerar-se acima do peso saudável 26,3% ( $n=109$ ) e doença grave de familiar próximo 17,1% ( $n=71$ ), conforme pode ser verificado na tabela 12.

Tabela 12. Frequência e porcentagem para eventos de vida relacionados à saúde

<b>Saúde</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Está acima do peso considerado saudável</b>	109	26,3
<b>Doença grave de familiar próximo</b>	71	17,1
<b>Doença física pessoal grave</b>	12	2,9
<b>Gravidez desejada</b>	9	2,2
<b>Dificuldades sexuais</b>	12	1,9
<b>Gravidez não desejada</b>	6	1,4
<b>Aborto espontâneo, natimorto, aborto</b>	4	1,0
<b>Menopausa</b>	4	1,0

As vivências de luto e/ou perda mais assinaladas foram morte de membro da família 17,4% ( $n=72$ ), morte de amigo íntimo ou parente significativo com 14,7% ( $n=61$ ) perdas ou roubos de objetos de valor com 13,3% ( $n=55$ ), de acordo com os dados da tabela 13.

Tabela 13. Frequência e porcentagem para eventos de vida relacionados à perda / luto

<b>Lutos / Perdas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Morte de membro da família</b>	72	17,4
<b>Morte de amigo íntimo ou parente significativo</b>	61	14,7
<b>Perdas ou roubos de objetos de valor</b>	55	13,3
<b>Morte de filho (adotivo ou não)</b>	2	0,5
<b>Morte de cônjuge</b>	2	0,5

Os eventos relacionados às mudanças dentro da cidade e fora da cidade ou país tiveram respectivamente 6,0% ( $n=25$ ) e 2,2% ( $n=9$ ), conforme pode ser observado na tabela 14.

Tabela 14. Frequência e porcentagem para eventos de vida relacionados à mudança

<b>Migração / Mudanças</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Mudança dentro da mesma cidade</b>	25	6,0
<b>Mudança para outra cidade / país</b>	9	2,2

Os eventos de namoro / coabitação mais assinalados foram encerramento de namoro estável 13,3% ( $n=55$ ), noivado e/ou casamento 9,4% ( $n=39$ ) e briga séria com cônjuge ou parceiro 8,2% ( $n=34$ ), como mostra a tabela 15.

Tabela 15. Frequência e porcentagem para eventos de vida relacionados a namoro

<b>Namoro / Coabitação</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Encerrou namoro estável</b>	55	13,3
<b>Ficou noivo (a) / Casou-se</b>	39	9,4
<b>Briga séria com noivo (a), cônjuge ou parceiro (a)</b>	34	8,2
<b>Rompeu noivado</b>	6	1,4

No que diz respeito aos eventos da categoria de questões legais, o mais assinalado foi receber multas 18,4% ( $n=76$ ) e ir ao tribunal ou fórum com 5,6% ( $n=23$ ), de acordo com a tabela 16.

Tabela 16. Frequência e porcentagem para eventos de vida relacionados às questões legais.

<b>Questões Legais</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Foi multado</b>	76	18,4
<b>Teve que ir ao tribunal / fórum por questão legal</b>	23	5,6
<b>Teve membro da família processado</b>	11	2,7
<b>Foi processado</b>	3	0,7
<b>Teve sentença de prisão</b>	0	0



Os eventos envolvendo questões familiares mais assinalados foram: problemas considerados sérios com familiares que residem com o participante 13,3% ( $n=55$ ), inclusão de pessoa diferente morando na mesma casa 7,2% ( $n=30$ ) e nascimento de filho, adoção ou guarda 5,1% ( $n=21$ ). Na tabela 17, todos os dados desta categoria podem ser observados.

Tabela 17. Frequência e porcentagem para eventos de vida relacionados à Família

<b>Família</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Teve problemas familiares considerados sérios com pessoas que residem com você</b>	55	13,3
<b>Inclusão de uma pessoa diferente morando na mesma casa (exclui-se filhos)</b>	30	7,2
<b>Nascimento de um filho / Adoção ou guarda</b>	21	5,1
<b>Noivado ou Casamento de filhos</b>	11	2,7
<b>Saída de filho de casa</b>	10	2,4

Dos eventos que envolvem o âmbito matrimonial, os mais assinalados foram cônjuge iniciou ou parou de trabalhar 3,6% ( $n=15$ ) e relação extraconjugal ou infidelidade do participante 2,2% ( $n=9$ ), de acordo com a tabela 18.

Tabela 18. Frequência e porcentagem para eventos de vida relacionados ao matrimônio

<b>Matrimônio</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Cônjuge começou ou parou de trabalhar</b>	15	3,6
<b>Relação extraconjugal ou infidelidade</b>	9	2,2
<b>Reconciliação matrimonial</b>	4	1,0
<b>Relação extraconjugal ou infidelidade do parceiro</b>	3	0,7

## **Análise Inferencial dos Dados**

### **Instrumentos**

Os dados do instrumento IPSF foram correlacionados com os da EVENT. Os resultados encontram-se descritos a seguir:

### **Hipótese 1**

Esta hipótese se configurou como a mais importante, aquela que dará credibilidade à evidência de validade baseada na relação com outras variáveis, segundo os *Standards for Educational and Psychological Testing* produzido pela *American Educational Research Association, American Psychological Association e National Council on Measurement in Education* (AERA, APA & NCME, 1999), para a EVENT, utilizando o IPSF.

Esperava-se que os resultados da Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho – EVENT se correlacionem negativamente com os dados do Inventário de Percepção de suporte familiar – IPSF, isto é quanto menor for o nível de vulnerabilidade ao estresse no trabalho, maior deverá ser o nível do suporte familiar.

Conforme era esperado, observa-se na tabela 19 que houve correlação entre as dimensões do IPSF e as dimensões do EVENT, isto é, quanto maior o nível de estresse menor o nível de suporte familiar percebido. A dimensão Clima e Funcionamento Organizacional correlacionou-se negativamente com todas as dimensões do IPSF, sendo com Afetivo-Consistente ( $r_s = -0,18$  e  $p = 0,000$ ), Autonomia familiar ( $r_s = -0,17$  e  $p = 0,001$ ), Adaptação Familiar ( $r_s = -0,27$  e  $p = 0,000$ ) e o Total do Suporte Familiar ( $r_s = -0,24$  e  $p = 0,000$ ).

A dimensão Pressão no trabalho, correlacionou-se apenas com Adaptação Familiar ( $r_s = -0,14$  e  $p=0,005$ ). Infra-estrutura e Rotina correlacionou-se negativamente também, apenas com Adaptação Familiar ( $r_s = -0,17$  e  $p=0,000$ ).

O Estresse total correlacionou-se com todas as dimensões do IPSF: Afetivo-Consistente ( $r_s = -0,12$  e  $p=0,014$ ), Autonomia Familiar ( $r_s = -0,15$  e  $p=0,002$ ), Adaptação Familiar ( $r_s = -0,26$  e  $p=0,000$ ) e o Total do Suporte Familiar ( $r_s = -0,19$  e  $p=0,000$ ).

Tabela 19. Correlação de Spearman para as dimensões do IPSF e EVENT

	Clima e Funcionamento Organizacional		Pressão no Trabalho		Infra-Estrutura e Rotina		EVENT - Total	
	$r_s$	$P$	$r_s$	$P$	$r_s$	$P$	$r_s$	$P$
Afetivo-Consistente	<b>-0,18(**)</b>	<b>0,000</b>	0,02	0,655	-0,05	0,348	<b>-0,12(*)</b>	<b>0,014</b>
Adaptação-familiar	<b>-0,27(**)</b>	<b>0,000</b>	<b>-0,14(**)</b>	<b>0,005</b>	<b>-0,17(**)</b>	<b>0,000</b>	<b>-0,26(**)</b>	<b>0,000</b>
Autonomia Familiar	<b>-0,17(**)</b>	<b>0,001</b>	-0,08	0,121	-0,08	0,096	<b>-0,15(**)</b>	<b>0,002</b>
Suporte Familiar Total	<b>-0,24(**)</b>	<b>0,000</b>	-0,03	0,498	-0,10	0,054	<b>-0,19(**)</b>	<b>0,000</b>

\*\* Correlação é significativa ao nível 0,01.

\* Correlação é significativa ao nível 0,05.

As hipóteses 2 e 3 são consideradas secundárias no estudo em virtude do objetivo deste com a primeira hipótese, no entanto, seus resultados deverão contribuir para o entendimento dos construtos de percepção de suporte familiar e vulnerabilidade ao estresse, associados aos eventos de vida, demonstrando assim, a relevância em testá-las.

## Hipótese 2

Esperava-se que os eventos de vida separados por classes, se correlacionassem negativamente com as dimensões do IPSF, de forma que quanto menos eventos de vida, maior será o suporte familiar.

A hipótese foi confirmada como pode ser observado na Tabela 20, ou seja, quanto mais eventos de vida menor o nível de suporte familiar percebido. Os eventos de vida relacionados às situações saúde correlacionaram-se negativamente com a dimensão de Adaptação Familiar ( $r_s = -0,11$  e  $p=0,029$ ).

Quanto aos eventos de namoro e coabitação, estes se correlacionaram negativamente com as dimensões Afetivo-consistente ( $r_s = -0,16$  e  $p=0,001$ ) e o Suporte Familiar Total ( $r_s = -0,14$  e  $p=0,003$ ).

As situações de família relacionadas aos eventos de vida correlacionaram-se negativamente com três dimensões do suporte familiar, sendo Afetivo-consistente ( $r_s = -0,15$  e  $p=0,002$ ), Adaptação Familiar ( $r_s = -0,24$  e  $p=0,000$ ) e o Suporte Familiar Total ( $r_s = -0,19$  e  $p=0,000$ ).

Por fim, apresentaram correlação negativa também os totais dos eventos de vida e as dimensões do suporte familiar Adaptação Familiar e Total. Para a dimensão Adaptação Familiar o coeficiente encontrado foi de  $r_s = -0,15$  e  $p=0,002$  e Suporte Familiar Total  $r_s = -0,12$  e  $p=0,017$ .

Outro resultado deve ser destacado, pois, embora não seja significativo estatisticamente, observa-se tendência de correlação da dimensão Autonomia Familiar entre Namoro e Coabitação ( $r_s = -0,10$  e  $p=0,051$ ), sugerindo que quanto mais eventos relacionados à namoro e coabitação (noivado, casamentos, brigas e rompimentos) tendem a ser menor a Autonomia Familiar.

Tabela 20. Correlação de Spearman para os Eventos de vida e as dimensões do IPSF

	Afetivo-Consistente		Autonomia Familiar		Adaptação Familiar		Suporte Familiar Total	
	$r_s$	$p$	$r_s$	$p$	$r_s$	$p$	$r_s$	$p$
Trabalho	-0,06	0,210	-0,08	0,129	-0,09	0,086	-0,09	0,072
Educação	0,01	0,812	-0,03	0,498	-0,10	0,850	-0,00	0,958
Questões financeiras	0,02	0,644	0,028	0,709	-0,05	0,294	0,01	0,870
Saúde	-0,06	0,205	-0,08	0,128	<b>-0,11(*)</b>	<b>0,029</b>	-0,08	0,094
Lutos e perdas	0,06	0,241	-0,02	0,626	0,02	0,686	0,05	0,329
Migração/Mudança	0,09	0,072	0,04	0,483	0,05	0,352	0,09	0,073
Namoro/Coabitação	<b>-0,16(**)</b>	<b>0,001</b>	-0,10	0,051	-0,08	0,112	<b>-0,14(**)</b>	<b>0,003</b>
Questões legais	-0,02	0,757	0,01	0,787	-0,05	0,315	-0,02	0,752
Família	<b>-0,15(**)</b>	<b>0,002</b>	-0,04	0,374	<b>-0,24(**)</b>	<b>0,000</b>	<b>-0,18(**)</b>	<b>0,000</b>
Matrimônio	-0,04	0,407	-0,05	0,311	-0,03	0,502	-0,05	0,359
Eventos Totais	-0,09	0,078	-0,09	0,072	<b>-0,15(**)</b>	<b>0,002</b>	<b>-0,12(*)</b>	<b>0,017</b>

\*\* Correlação é significativa ao nível 0,01.

\* Correlação é significativa ao nível 0,05.

### Hipótese 3

Esperava-se que os eventos de vida se correlacionassem positivamente com as dimensões do Inventário de Vulnerabilidade ao Estresse no trabalho, ou seja, quanto mais eventos de vida, maiores seriam os níveis de vulnerabilidade do estresse.

Conforme pode ser observado na tabela 21, a hipótese foi confirmada, pois houve correlação positiva entre as classes dos eventos de vida e as dimensões da EVENT. Os eventos de vida relacionados ao trabalho correlacionaram-se positivamente com a dimensão do Estresse Total ( $r_s= 0,11$  e  $p=0,026$ ).

Os eventos relacionados às situações de Perdas e Lutos correlacionaram-se com duas dimensões do EVENT, sendo Infra-estrutura e Rotina ( $r_s= 0,14$  e  $p=0,005$ ) e o Estresse Total ( $r_s= 0,11$  e  $p=0,027$ ).

Os eventos referentes às Questões Legais correlacionaram-se com duas dimensões do EVENT, Pressão no Trabalho ( $r_s= 0,12$  e  $p=0,012$ ) e Estresse Total ( $r_s= 0,10$  e  $p=0,034$ ).

O total dos Eventos de Vida correlacionou-se com as dimensões Clima e Funcionamento Organizacional ( $r_s = 0,11$  e  $p=0,024$ ), Infra-estrutura e Rotina ( $r_s = 0,13$  e  $p=0,011$ ) e o Estresse Total ( $r_s = 0,14$  e  $p=0,006$ ).

Neste caso, também é importante ressaltar duas tendências de correlação, embora não significativas, aparecem na dimensão Pressão no Trabalho e entre os Eventos de Vida relacionados ao Trabalho ( $r_s = 0,09$  e  $p=0,064$ ) e o total dos Eventos de Vida ( $r_s = 0,09$  e  $p=0,065$ ) sugerem que quanto mais eventos de vida ocorram, maior é a sensação de pressão no trabalho, bem como, quanto mais eventos relacionados ao trabalho a sensação de pressão também é observada.

Tabela 21. Correlação de Spearman para os Eventos de Vida e as dimensões do EVENT

	Clima e Func. Organizacional		Pressão no trabalho		Infra-estrutura e Rotina		Estresse Total	
	$r_s$	$p$	$r_s$	$p$	$r_s$	$P$	$r_s$	$P$
<b>Trabalho</b>	0,09	0,082	0,09	0,064	0,05	0,341	<b>0,11(*)</b>	<b>0,026</b>
<b>Educação</b>	-0,02	0,745	-0,02	0,632	0,07	0,143	0,01	0,924
<b>Questões financeiras</b>	0,07	0,173	0,07	0,166	0,02	0,716	0,06	0,197
<b>Saúde</b>	0,05	0,298	-0,00	0,938	0,05	0,334	0,04	0,413
<b>Lutos e perdas</b>	0,08	0,101	0,08	0,095	<b>0,14(**)</b>	<b>0,005</b>	<b>0,11(*)</b>	<b>0,027</b>
<b>Migração / Mudança</b>	-0,03	0,543	-0,07	0,157	0,03	0,572	-0,02	0,642
<b>Namoro / Coabitação</b>	0,08	0,105	0,02	0,713	0,05	0,323	0,06	0,192
<b>Questões legais</b>	0,07	0,159	<b>0,12(*)</b>	<b>0,012</b>	0,09	0,076	<b>0,10(*)</b>	<b>0,034</b>
<b>Família</b>	0,01	0,808	0,06	0,222	0,08	0,128	0,06	0,235
<b>Matrimônio</b>	0,04	0,410	0,02	0,742	0,07	0,141	0,05	0,272
<b>Eventos Totais</b>	<b>0,11(*)</b>	<b>0,024</b>	0,09	0,065	<b>0,13(*)</b>	<b>0,011</b>	<b>0,14(**)</b>	<b>0,006</b>

\*\* Correlação é significativa ao nível 0,01.

\* Correlação é significativa ao nível 0,05.

### **Análises Secundárias**

As análises secundárias foram feitas no intuito de comparar características da amostra com os resultados dos instrumentos. Em virtude de as variáveis medidas pelos instrumentos (Percepção de Suporte familiar e Vulnerabilidade ao estresse no trabalho) não apresentarem distribuição simétrica, foram utilizados os testes estatísticos não-paramétricos. Para as variáveis envolvendo dois grupos foi utilizado o teste não paramétrico U de Mann-Whitney. Em situações nas quais as variáveis envolverem mais de dois grupos o teste estatístico utilizado foi o Kruskal-Wallis (H) (Filho, 1999 e Levin, 2004).

Os dados encontrados demonstraram não haver diferença significativa quanto ao sexo nas dimensões da EVENT. No entanto, em relação ao sexo e o suporte familiar houve diferença significativa.

A dimensão Autonomia Familiar apresentou diferença significativa quanto ao sexo ( $U=18516,5$  e  $p=0,035$ ), conforme pode ser observado na Tabela 22. O sexo masculino apresentou média superior ao sexo feminino, sendo o resultado encontrado para os homens de 221,56 e para as mulheres de 196,79, ou seja, os homens apresentaram maior percepção de autonomia familiar do que as mulheres. Outro dado que é importante ressaltar é que embora não significativo estatisticamente, os homens tendem a possuírem maior percepção de adaptação familiar que as mulheres, como pode ser observado na Tabela 22.

Tabela 22. Comparações entre as dimensões da EVENT e IPSF e a variável sexo

	<i>Médias</i>		<i>Teste Estatístico</i>	
	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>	<i>U</i>	<i>p</i>
<b>Clima e Func. Organizacional</b>	208,61	206,65	20833,0	0,869
<b>Pressão no trabalho</b>	208,98	206,37	20767,5	0,826
<b>Infra-estrutura e Rotina</b>	199,51	213,59	19601,5	0,234
<b>Estresse Total</b>	205,33	209,15	20644,5	0,748
<b>Afetivo-Consistente</b>	209,03	206,34	20759,5	0,821
<b>Autonomia Familiar</b>	<b>221,56</b>	<b>196,79</b>	<b>18516,5</b>	<b>0,035</b>
<b>Adaptação Familiar</b>	219,79	198,14	18832,0	0,067
<b>Suporte Familiar Total</b>	214,38	202,26	19801,0	0,307

Verificou-se também se havia diferenças quanto ao estado civil dos participantes e os resultados do EVENT e do IPSF. Para isso a amostra foi separada em dois grupos não casados (grupo 1) e casados (grupo 2). Apenas houve diferenças no IPSF como pode ser observada na Tabela 23.

Quanto à percepção de suporte familiar comparado com o estado civil dos participantes, foram encontradas diferenças significativas. Verificou-se que em relação à dimensão Afetivo-Consistente a média do grupo de casados foi maior que a do grupo de não-casados e a diferença foi significativa ( $U=10961,5$  e  $p=0,003$ ), o que indica que os casados possuem mais suporte afetivo consistente do que os não casados (solteiros, viúvos, e divorciados).

Quanto ao Suporte Familiar Total também houve diferença significativa ( $U=11869,5$  e  $p=0,038$ ), novamente o grupo de casados teve média maior do que o grupo dos não casados, também que os casados demonstraram maior suporte familiar total.



Tabela 23. Comparações entre o estado civil e as dimensões do EVENT e do IPSF

	<i>Médias</i>		<i>Teste Estatístico</i>	
	<b>Não - Casados</b>	<b>Casados</b>	<i>U</i>	<i>P</i>
<b>Clima e Func. Organizacional</b>	208,27	199,70	13319,5	0,554
<b>Pressão no trabalho</b>	207,92	201,05	13434,5	0,635
<b>Infra-estrutura e Rotina</b>	201,81	224,54	12364,5	0,116
<b>Estresse Total</b>	207,09	204,23	13704,5	0,844
<b>Afetivo-Consistente</b>	<b>197,52</b>	<b>241,04</b>	<b>10961,5</b>	<b>0,003</b>
<b>Autonomia Familiar</b>	205,77	209,32	13658,0	0,805
<b>Adaptação Familiar</b>	206,72	205,64	13824,0	0,940
<b>Suporte Familiar Total</b>	<b>200,30</b>	<b>230,36</b>	<b>11869,5</b>	<b>0,038</b>

Em relação aos cursos concentrados por áreas não foram encontradas diferenças significativas para o estresse. Apenas foi encontrada diferença significativa na dimensão do IPSF Adaptação Familiar ( $H= 10,555$  e  $p=0,005$ ), como verificado na tabela 24.

Tabela 24. Comparação por curso nos resultados do EVENT e IPSF

	<i>Teste Estatístico</i>			<i>Média</i>		
	<i>H</i>	<i>Df</i>	<i>p</i>	<b>Saúde</b>	<b>Exatas</b>	<b>Humanas</b>
<b>Clima e Funcionamento Organizacional</b>	0,453	2	0,797	204,57	213,74	205,88
<b>Pressão no trabalho</b>	1,638	2	0,441	199,94	217,53	210,05
<b>Infra-estrutura e Rotina</b>	0,801	2	0,670	212,81	200,58	205,58
<b>Estresse Total</b>	0,405	2	0,817	204,80	213,43	205,82
<b>Afetivo-Consistente</b>	4,789	2	0,091	194,16	223,60	213,77
<b>Autonomia Familiar</b>	0,337	2	0,845	206,25	212,70	204,02
<b>Adaptação Familiar</b>	<b>10,555</b>	<b>2</b>	<b>0,005</b>	<b>187,33</b>	<b>229,45</b>	<b>219,61</b>
<b>Suporte Familiar Total</b>	5,817	2	0,055	192,87	225,50	214,00

A fim de verificar qual das três áreas que difere do grupo, foi feito o teste *Mann-Whitney* nos grupos em pares e, observou-se que a área da Saúde é que difere dos grupos em Adaptação Familiar ( $U= 8870,0$  e  $p=0,002$ ), com média de 142,44 para saúde e média de 174,19 para Exatas. Entre Saúde e Humanas, também foi encontrada diferença

significativa ( $U= 8574,5$  e  $p=0,028$ ), sendo a média da saúde (140,89) menor que a de humanas (163,61). Como não houve diferenças entre Exatas e Humanas, verificou-se, portanto que a área da saúde demonstrou menos Adaptação Familiar e Suporte Familiar Total do que as outras áreas em questão. Há uma tendência não significativa estatisticamente, na dimensão Suporte Familiar Total, seguindo a mesma idéia, de que a área da Saúde apresente menor percepção de suporte familiar comparada com as outras áreas.

Em relação ao tipo de trabalho (voluntário e/ou remunerado) não foram verificadas diferenças significativas entre o EVENT. Apenas foi encontrada diferença significativa no IPSF na dimensão Suporte Familiar Total  $U=5466,5$  e  $p=0,027$ , conforme pode ser observado na tabela 25. O que implica, que os participantes que exercem atividades remuneradas e voluntárias, possuem mais suporte familiar do que os que exercem apenas trabalho remunerado. Não foi possível comparar com os participantes que trabalham apenas como voluntários devido ao pequeno número do grupo. Há ainda, nesta comparação, duas tendências a serem ressaltadas, pois embora não significativas, sugerem que os participantes que exercem trabalho remunerado e voluntário apresentam maior percepção Afetivo-Consistente e de Adaptação Familiar.

Tabela 25. Comparação entre atividade remunerada e voluntário com o IPSF e EVENT

	<i>Médias</i>		<i>Teste Estatístico</i>	
	Remunerado	Remunerado e voluntário	<i>U</i>	<i>p</i>
<b>Clima e Funcionamento Organizacional</b>	205,91	180,18	6106,0	0,198
<b>Pressão no trabalho</b>	205,07	188,34	6416,0	0,402
<b>Infra-estrutura e Rotina</b>	204,70	191,87	6550,0	0,520
<b>Estresse Total</b>	205,66	182,55	6196,0	0,248
<b>Afetivo-Consistente</b>	199,89	238,45	5664,0	0,054
<b>Autonomia Familiar</b>	200,26	234,89	5799,0	0,081
<b>Adaptação Familiar</b>	200,16	235,83	5763,5	0,073
<b>Suporte Familiar Total</b>	<b>199,35</b>	<b>243,64</b>	<b>5466,5</b>	<b>0,027</b>

No que diz respeito à quantidade de tarefas e a compatibilidade com a função exercida pelos participantes foram encontradas diferenças significativas apenas nos resultados da EVENT, como pode ser observado na tabela 26. Foram comparados os grupos que tem tarefas compatíveis com o cargo, mais tarefas do que o cargo exige e menos tarefas que o cargo exige.

Tabela 26. Resultados da EVENT e a relação entre tarefas e cargo

	<i>H</i>	<i>df</i>	<i>p</i>	Tarefas compatíveis	<i>Média</i>	
					Exerce mais tarefas	Exerce menos tarefas
<b>Clima e Funcionamento Organizacional</b>	<b>35,590</b>	<b>2</b>	<b>0,000</b>	<b>167,04</b>	<b>237,40</b>	<b>223,40</b>
<b>Pressão no trabalho</b>	<b>72,691</b>	<b>2</b>	<b>0,000</b>	<b>157,28</b>	<b>257,43</b>	<b>164,04</b>
<b>Infra-estrutura e Rotina</b>	<b>12,112</b>	<b>2</b>	<b>0,002</b>	<b>181,96</b>	<b>223,40</b>	<b>195,71</b>
<b>Estresse Total</b>	<b>57,138</b>	<b>2</b>	<b>0,000</b>	<b>159,59</b>	<b>250,06</b>	<b>196,83</b>
<b>Afetivo-Consistente</b>	0,845	2	0,655	204,84	197,49	184,88
<b>Autonomia Familiar</b>	3,514	2	0,173	209,42	194,14	169,58
<b>Adaptação Familiar</b>	2,586	2	0,274	209,31	190,18	198,77
<b>Suporte Familiar Total</b>	1,859	2	0,395	207,55	194,77	181,10

Analisando-os aos pares, conforme pode ser observado na tabela 27 os participantes que declararam exercer mais tarefas do que o cargo exige, apresentaram médias mais altas nas quatro dimensões do estresse comparando com os participantes que declararam possuir cargo e quantidade de tarefas compatíveis, o que demonstra que os que possuem mais tarefas demonstram-se mais vulneráveis ao estresse.

Tabela 27. Comparação dos resultados da EVENT entre tarefas compatíveis e mais tarefas

	U	p	<i>Média</i>	
			Tarefas compatíveis	Exerce mais tarefas
<b>Clima e Funcionamento Organizacional</b>	<b>11402,5</b>	<b>0,000</b>	<b>158,62</b>	<b>224,32</b>
<b>Pressão no trabalho</b>	<b>8840,0</b>	<b>0,000</b>	<b>146,12</b>	<b>239,30</b>
<b>Infra-estrutura e Rotina</b>	<b>13873,5</b>	<b>0,000</b>	<b>170,68</b>	<b>209,87</b>
<b>Estresse Total</b>	<b>9627,5</b>	<b>0,000</b>	<b>149,96</b>	<b>234,70</b>

Verificou-se ainda, que o fato de ter menos tarefas significou maior nível de estresse na dimensão Clima e Funcionamento Organizacional em relação ao grupo que possui cargo e tarefas compatíveis, como pode ser observado na tabela 28.

Tabela 28. EVENT, tarefas compatíveis e menos tarefas

	U	p	<i>Média</i>	
			Tarefas Compatíveis	Menos Tarefas
<b>Clima e Funcionamento Organizacional</b>	<b>1725,5</b>	<b>0,017</b>	<b>111,42</b>	<b>145,60</b>
<b>Pressão no trabalho</b>	2287,5	0,574	114,16	122,19
<b>Infra-estrutura e Rotina</b>	2312,5	0,630	114,28	121,15
<b>Estresse Total</b>	1974,0	0,113	112,63	135,25

Em relação aos grupos que exercem mais tarefas comparado com os que exercem menos tarefas verificou-se diferenças apenas nas dimensões pressão no trabalho ( $U=1004,5$  e  $p=0,000$ ) e estresse total ( $U=1478,0$  e  $p=0,027$ ). Sendo que o grupo que exerce mais tarefas obteve médias maiores do que o que exerce menos tarefas, ou seja, possuem maiores níveis de vulnerabilidade ao estresse nestas dimensões, de acordo com a tabela 29.

Tabela 29. EVENT, mais tarefas e menos tarefas

	U	p	Média	
			Mais Tarefas	Menos Tarefas
<b>Clima e Funcionamento Organizacional</b>	1867,0	0,474	99,08	90,29
<b>Pressão no trabalho</b>	<b>1004,5</b>	<b>0,000</b>	<b>104,13</b>	<b>54,35</b>
<b>Infra-estrutura e Rotina</b>	1789,5	0,309	99,54	87,06
<b>Estresse Total</b>	<b>1478,0</b>	<b>0,027</b>	<b>101,36</b>	<b>74,08</b>

No que diz respeito ao tipo de trabalho exercido (informal, formal e com término indeterminado, temporário e autônomo) verificou-se que todas as dimensões da EVENT apresentaram diferenças significativas com exceção de Infra-estrutura e Rotina, como pode ser observado na tabela 30.

Tabela 30. Tipo de trabalho exercido e EVENT

	Teste Estatístico			Média			
	H	Df	p	Informal	Formal	Temporário	Autônomo
<b>Clima e func. Organizacional</b>	<b>12,162.</b>	<b>3</b>	<b>0,007</b>	<b>204,34</b>	<b>214,46</b>	<b>167,91</b>	<b>147,68</b>
<b>Pressão no trabalho</b>	<b>21,758</b>	<b>3</b>	<b>0,000</b>	<b>195,20</b>	<b>219,99</b>	<b>138,00</b>	<b>151,95</b>
<b>Infra-Estr. e rotina</b>	4,524	3	0,210	194,33	212,08	176,11	184,00
<b>Estresse Total</b>	<b>14,905</b>	<b>3</b>	<b>0,002</b>	<b>199,11</b>	<b>216,87</b>	<b>154,65</b>	<b>152,73</b>

Comparando os resultados aos pares, não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos Informal e formal; e entre temporário e autônomo. No

entanto, entre Informal e temporário, houve diferença na dimensão Pressão no Trabalho. Conforme observado na tabela 31, o trabalho informal apresentou média maior do que o grupo de trabalho temporário, indicando que o grupo informal é mais vulnerável a pressão no trabalho. Ainda nesta análise, o grupo informal tende, embora o resultado não deu significativo do ponto de vista estatístico, a ser mais vulnerável ao estresse total comparado também com o grupo de trabalhadores temporário.

Tabela 31. Comparação entre os grupos informal e temporário e a EVENT

	<i>Teste Estatístico</i>		<i>Média</i>	
	<i>U</i>	<i>p</i>	<b>Informal</b>	<b>Temporário</b>
<b>Clima e Func. Organizacional</b>	954,5	0,129	55,56	45,92
<b>Pressão no trabalho</b>	<b>843,5</b>	<b>0,022</b>	<b>57,12</b>	<b>42,56</b>
<b>Infra-estrutura e Rotina</b>	1059,5	0,432	54,08	49,11
<b>Estresse Total</b>	904,0	0,062	56,27	44,39

Comparando-se as médias dos grupos informal e autônomo, verificou-se que também apenas para o item pressão no trabalho apresentou diferença significativa, conforme pode ser visto na tabela 32, o grupo informal também apresentou maior vulnerabilidade à pressão no trabalho do que o grupo autônomo.

Tabela 32. Comparação entre os grupos informal e autônomo

	<i>Teste Estatístico</i>		<i>Média</i>	
	<i>U</i>	<i>p</i>	<b>Informal</b>	<b>Autônomo</b>
<b>Clima e Func. Organizacional</b>	<b>752,0</b>	<b>0,020</b>	<b>55,41</b>	<b>40,57</b>
<b>Pressão no trabalho</b>	<b>827,5</b>	<b>0,077</b>	<b>54,35</b>	<b>43,08</b>
<b>Infra-estrutura e Rotina</b>	977,0	0,511	52,24	48,07
<b>Estresse Total</b>	<b>807,5</b>	<b>0,056</b>	<b>54,63</b>	<b>42,42</b>

Entre os grupos formal e temporário, foram encontradas diferenças significativas em todas as dimensões da EVENT, com exceção da Infra-estrutura e Rotina, conforme pode ser observado na tabela 33. As médias encontradas demonstram que o grupo de trabalho temporário apresentou-se mais vulnerável ao estresse em Clima e Funcionamento Organizacional, Pressão no Trabalho e Estresse total.

Tabela 33. Comparações entre os grupos de trabalho formal e temporário e a EVENT

	<i>Teste Estatístico</i>		<i>Média</i>	
	<b>U</b>	<b>p</b>	<b>Formal</b>	<b>Temporário</b>
<b>Clima e Func. Organizacional</b>	<b>3484,5</b>	<b>0,033</b>	<b>157,24</b>	<b>122,59</b>
<b>Pressão no trabalho</b>	<b>2683,0</b>	<b>0,000</b>	<b>160,17</b>	<b>98,30</b>
<b>Infra-estrutura e Rotina</b>	3729,0	0,105	156,34	130,00
<b>Estresse Total</b>	<b>3150,5</b>	<b>0,005</b>	<b>158,46</b>	<b>112,47</b>

Analisando os grupos formal e autônomo, verificou-se que todas as dimensões foram significativas, exceto para Infra-estrutura e Rotina. Na tabela 34, estão demonstrados os resultados em que se pode destacar que o grupo de trabalho formal foi mais vulnerável ao estresse nas dimensões Clima e Funcionamento Organizacional, pressão no trabalho e estresse total. Entre os grupos temporário e autônomo não foram encontradas diferenças em nenhuma dimensão da EVENT.

Tabela 34. Comparações entre os grupos formal e autônomo e a EVENT

	<i>Teste Estatístico</i>		<i>Média</i>	
	<b>U</b>	<b>p</b>	<b>Formal</b>	<b>Autônomo</b>
<b>Clima e Func. Organizacional</b>	<b>2764,5</b>	<b>0,003</b>	<b>156,87</b>	<b>107,65</b>
<b>Pressão no trabalho</b>	<b>2742,5</b>	<b>0,003</b>	<b>156,95</b>	<b>106,92</b>
<b>Infra-estrutura e Rotina</b>	3550,0	0,230	154,00	133,83
<b>Estresse Total</b>	<b>2807,5</b>	<b>0,005</b>	<b>156,72</b>	<b>109,08</b>

No que tange à jornada de trabalho foram analisados os grupos que trabalham até 30 horas, de 30 a 40/44 horas e acima de 44 horas. Foram encontradas diferenças significativas entre as dimensões: Clima e Funcionamento Organizacional, Pressão no Trabalho e Estresse total, sendo que quanto maior a carga horária, maior a vulnerabilidade ao estresse. Verifica-se também que há uma tendência na dimensão Infra-Estrutura e rotina, sugerindo também diferença entre os grupos, conforme pode ser observado na tabela 35.

Tabela 35. Comparação entre a Carga horária de trabalho e a EVENT

	<b>H</b>	<b>df</b>	<b>p</b>	<b>Média</b>		
				<b>Até 30 horas</b>	<b>De 31 a 40/44 hrs</b>	<b>Acima de 44 horas</b>
<b>Clima e Func. Organizacional</b>	<b>10,959</b>	<b>2</b>	<b>0,004</b>	<b>167,07</b>	<b>208,48</b>	<b>225,48</b>
<b>Pressão no trabalho</b>	<b>16,232</b>	<b>2</b>	<b>0,000</b>	<b>170,09</b>	<b>201,05</b>	<b>242,25</b>
<b>Infra-estrutura e Rotina</b>	5,246	2	0,073	209,81	194,26	226,66
<b>Estresse Total</b>	<b>14,261</b>	<b>2</b>	<b>0,001</b>	<b>171,06</b>	<b>201,93</b>	<b>239,16</b>

Analisando aos pares, o grupo que trabalhava até 30 horas e os que trabalhavam até 40/44, verificou-se que Clima e Funcionamento Organizacional ( $U=7353,0$  e  $p=0,008$ ), Pressão no Trabalho ( $U=7766,5$  e  $p=0,039$ ) e Estresse Total ( $U=7801,0$  e  $p=0,045$ ) apresentaram diferenças significativas. O grupo que cumpre jornada de trabalho maior apresentou maior nível de estresse, como pode ser verificado na tabela 36.

Tabela 36. Comparações entre carga horária até 30 horas e de 30 até 40/44 com EVENT

	<b>Teste Estatístico</b>		<b>Média</b>	
	<b>U</b>	<b>p</b>	<b>Até 30 horas</b>	<b>De 31 a 40/44 horas</b>
<b>Clima e Funcionamento Organizacional</b>	<b>7353,0</b>	<b>0,008</b>	<b>134,49</b>	<b>166,23</b>
<b>Pressão no trabalho</b>	<b>7766,5</b>	<b>0,039</b>	<b>139,86</b>	<b>164,50</b>
<b>Infra-estrutura e Rotina</b>	8498,5	0,311	167,63	155,56
<b>Estresse Total</b>	<b>7801,0</b>	<b>0,045</b>	<b>140,31</b>	<b>164,36</b>



Entre os grupos que cumpriam jornada de 31 até 44 horas e acima de 44 horas, também apresentaram diferenças significativas para as dimensões de Pressão no trabalho ( $U=8735,5$  e  $p=0,004$ ), Infra-estrutura e Rotina ( $U=92249,0$  e  $p=0,025$ ) e Estresse total ( $U=8979,0$  e  $p=0,010$ ). Nas três dimensões, os trabalhadores com maior carga horária de trabalho (acima de 44), apresentaram médias maiores do que o grupo com carga horária entre 31 e 40/44 horas, confirmando a tendência citada anteriormente. De acordo com os dados apresentados na tabela 37, quanto maior a jornada de horário cumprida, maior foi a vulnerabilidade ao estresse.

Tabela 37. Comparações entre a carga horária de 31 a 44 horas e acima de 44 horas com a EVENT

	<i>Teste Estatístico</i>		<i>Média</i>	
	<i>U</i>	<i>p</i>	De 31 a 40/44 horas	Acima de 44 horas
<b>Clima e Funcionamento Organizacional</b>	10097,5	0,250	162,25	175,74
<b>Pressão no trabalho</b>	<b>8735,5</b>	<b>0,004</b>	<b>156,55</b>	<b>190,55</b>
<b>Infra-estrutura e Rotina</b>	<b>9249,0</b>	<b>0,025</b>	<b>158,70</b>	<b>184,97</b>
<b>Estresse Total</b>	<b>8979,0</b>	<b>0,010</b>	<b>157,57</b>	<b>187,90</b>

Por fim, analisaram-se também as médias do grupo com carga horária até 30 horas com o grupo com carga acima de 44 horas. Os resultados confirmaram que quanto maior a carga horária, mais vulnerabilidade de estresse nas dimensões Clima e Funcionamento Organizacional, Pressão no Trabalho e Estresse Total, como pode ser visto na tabela 38.

Tabela 38. EVENT e jornada de trabalho até 30 e acima de 44 horas.

	<i>Teste Estatístico</i>		<i>Média</i>	
	<i>U</i>	<i>p</i>	Até 30 horas	Acima de 44
			horas	
<b>Clima e Funcionamento Organizacional</b>	<b>2508,5</b>	<b>0,001</b>	<b>71,58</b>	<b>96,23</b>
<b>Pressão no trabalho</b>	<b>2327,5</b>	<b>0,000</b>	<b>69,23</b>	<b>98,20</b>
<b>Infra-estrutura e Rotina</b>	3248,0	0,352	81,18	88,20
<b>Estresse Total</b>	<b>2368,0</b>	<b>0,000</b>	<b>69,75</b>	<b>97,76</b>

Foram analisados os resultados de EVENT e do IPSF comparando com as situações de moradia (com pais e irmãos, com esposa (o) e /ou filhos e com outros – tios, avós, sobrinhos, amigos, etc.) e verificou-se que na EVENT, apenas na dimensão Infra-Estrutura e Rotina há diferença entre os grupos ( $H=9,978$  e  $p=0,0007$ ). No IPSF, apenas na dimensão Autonomia Familiar, houve diferença significativa ( $H=7,318$  e  $p=0,026$ ). Sendo necessário, portanto, analisar aos pares. Há ainda que se destacar que na EVENT duas tendências sugerem diferenças entre as dimensões Clima e Funcionamento Organizacional e entre o Total do Estresse, e no IPSF a tendência aparece na dimensão Afetivo-Consistente conforme pode ser observado na tabela 39. Para esta análise, não foram considerados os grupos de pessoas que moram sozinho e apenas com filhos, pois o número amostral de pessoas nessas situações é muito pequeno.

Tabela 39. Comparações entre EVENT e IPSF entre as situações de moradia

	<i>Média</i>					
	<b>H</b>	<b>df</b>	<b>p</b>	<b>Pais e irmãos</b>	<b>Esposa (o) e filhos</b>	<b>Outros</b>
<b>Clima e Func. Organizacional</b>	5,051	2	0,080	202,57	187,29	241,08
<b>Pressão no trabalho</b>	2,122	2	0,346	203,78	189,94	223,80
<b>Infra-estrutura e Rotina</b>	<b>9,978</b>	<b>2</b>	<b>0,007</b>	<b>192,14</b>	<b>217,66</b>	<b>253,21</b>
<b>Estresse Total</b>	5,386	2	0,068	200,52	192,16	246,26
<b>Afetivo Consistente</b>	5,801	2	0,055	195,31	229,59	195,02
<b>Adaptação Familiar</b>	0,325	2	0,850	204,47	196,35	201,26
<b>Autonomia Familiar</b>	<b>7,318</b>	<b>2</b>	<b>0,026</b>	<b>197,03</b>	<b>200,72</b>	<b>254,52</b>
<b>Suporte Familiar</b>	2,380	2	0,304	196,98	218,81	208,32

Analisando aos pares, foram comparados os participantes que moravam com os pais e irmãos e os que moravam com esposa (a) e/ou filhos. Nessa análise não houve diferenças para Autonomia Familiar ( $U=11911,5$  e  $p=0,777$ ) e para Infra-estrutura e Rotina ( $U=10608,5$  e  $p=0,074$ ). Entre os participantes que moram com esposa (o) e /ou filhos e os que moram com outras pessoas (irmãos, tios, avós, sobrinhos etc), só houve diferença na dimensão autonomia familiar do IPSF ( $U=1007,5$  e  $p=0,017$ ). Por fim, ao comparar apenas os participantes que moram com outros familiares e os que moram com os pais, verificou-se que o primeiro grupo possui média maior (200,05) e significativa ( $U=3397,5$  e  $p=0,008$ ) para Autonomia Familiar, ou seja, eles possuem maior nível de autonomia no grupo familiar quando comparado com aqueles que moram com os pais (média: 155,38). Em relação ao estresse verificou-se, que em contrapartida, o grupo de pessoas que moram com outras pessoas são mais vulneráveis a problemas de Infra-estrutura e Rotina ( $U=3303,0$  e

$p=0,005$ ), com média 202,91 enquanto que os participantes que moram com a família de origem (pais e/ou irmãos) apresentam média 155,05.

Foram comparados o nível econômico e os resultados obtidos no IPSF e EVENT. Como pode ser verificado na tabela 40, não houve diferença significativa entre o nível econômico e o estresse no trabalho. Em relação ao IPSF, houve diferença apenas na dimensão Afetivo-Consistente ( $H=7,317$  e  $p=0,026$ ), na qual as médias foram 240,12 para classe alta e média-alta, 207,60 para classe média e 188,26 para classe média-baixa e baixa. Embora não significativo, há na dimensão do suporte familiar total, tendência que sugere diferença entre os três grupos.

Tabela 40. IPSF e EVENT por nível econômico

	H	df	p	Médias		
				Alta e Média Alta	Média	Média Baixa e Baixa
<b>Clima e Funcionamento Organizacional</b>	2,614	2	0,271	196,42	202,55	222,18
<b>Pressão no trabalho</b>	1,975	2	0,372	225,05	206,71	198,13
<b>Infra-estrutura e Rotina</b>	0,904	2	0,636	219,19	203,14	208,92
<b>Estresse Total</b>	0,792	2	0,673	213,86	202,61	212,87
<b>Afetivo-Consistente</b>	<b>7,317</b>	<b>2</b>	<b>0,026</b>	<b>240,12</b>	<b>207,60</b>	<b>188,26</b>
<b>Autonomia Familiar</b>	3,309	2	0,191	229,79	199,48	211,24
<b>Adaptação Familiar</b>	0,263	2	0,877	214,04	206,45	204,49
<b>Suporte Familiar Total</b>	4,926	2	0,085	235,91	206,24	193,41

Com o objetivo de comparar quais grupos apresentaram diferenças entre si, apenas foi encontrada diferença entre as classes alta e média-alta e média-baixa e baixa, conforme a tabela 41. Os dados demonstram que os participantes que pertencem às classes alta e

média alta demonstraram possuir maior suporte familiar tipo afetivo-consistente, do que os participantes do critério econômico médio baixo e baixo. Ainda nesta comparação, a tendência sugerida anteriormente também se confirma, apontando que famílias de classes alta e média-alta percebem suporte familiar total maior do que as famílias de classe média-baixa e baixa.

Tabela 41. Comparação de média entre as Classes Alta e Média-Alta e Média Baixa e Baixa

	U	p	Médias	
			Alta / M. Alta	Média Baixa e Baixa
<b>Afetivo-Consistente</b>	<b>2473,500</b>	<b>0,007</b>	<b>100,08</b>	<b>78,58</b>
<b>Autonomia Familiar</b>	2996,000	0,638	88,44	84,71
<b>Adaptação Familiar</b>	3160,000	0,312	91,22	83,25
<b>Suporte Familiar Total</b>	<b>2637,000</b>	<b>0,030</b>	<b>97,31</b>	<b>80,04</b>

Os níveis de escolaridade dos pais foram correlacionados com as dimensões do EVENT e do IPSF, no entanto os resultados encontrados não apresentaram correlação entre si. Foi interessante observar que entre o nível de escolaridade do pai correlacionou-se com o da mãe ( $r_s = 0,475$  e  $p = 0,000$ ), ou seja, o nível de escolaridade do pai e da mãe, caminham juntos.

Comparando os resultados do IPSF e EVENT com a estrutura familiar (intacta e não-intacta), verificou-se (tabela 42) que apenas o suporte familiar apresentou diferença significativa na dimensão Adaptação Familiar ( $U = 14488,5$  e  $p = 0,002$ ), sendo que a média para famílias intactas foi de 218,54 e para as não-intactas foi de 179,79, o que indica que quanto à adaptação familiar, esta é maior nas famílias sem rupturas e separações quando comparadas com famílias que em sua estrutura não houveram rupturas. Na EVENT foi encontrada uma tendência, embora não significativa estatisticamente ( $p = 0,059$ ), observa-se

que na dimensão Infra-Estrutura e Rotina, a média dos participantes cujas famílias não são intactas foi maior (223,96) do que os participantes com famílias sem rupturas (199,81).

Em relação ao número de irmãos dos participantes, não foram encontradas diferenças quanto ao suporte familiar, pelos resultados do IPSF e de vulnerabilidade ao estresse, com a EVENT.

Tabela 42. Comparação entre as famílias intactas e não-intactas e o EVENT e o IPSF

	U	p	Médias	
			Intactas	Não-Intactas
<b>Afetivo-Consistente</b>	16967,5	0,434	209,99	199,95
<b>Autonomia Familiar</b>	16336,5	0,173	201,83	219,18
<b>Adaptação Familiar</b>	<b>14488,5</b>	<b>0,002</b>	<b>218,54</b>	<b>179,79</b>
<b>Suporte Familiar Total</b>	16563,5	0,252	211,38	196,66
<b>Clima e Funcionamento Organizacional</b>	17220,0	0,579	209,12	202,00
<b>Pressão no trabalho</b>	17062,0	0,485	209,67	200,72
<b>Infra-estrutura e Rotina</b>	15748,5	0,059	199,81	223,96
<b>Estresse Total</b>	17834,5	1,000	207,00	207,00

Após a apresentação dos resultados aqui expostos, as discussões dos mesmos serão feitas no próximo capítulo.

## Discussão

A seguir serão discutidos os resultados encontrados e a relação com os já apontados na literatura. Primeiramente serão apresentadas as correlações entre os instrumentos, privilegiadas pelas hipóteses levantadas e a seguir as análises secundárias.

De acordo com os resultados (hipótese 1) verificou-se que quanto maior o nível de vulnerabilidade ao estresse menor o nível de suporte percebido. Isto pode ser afirmado uma vez que houve correlação negativa e significativa com quase todas as dimensões da EVENT com todas as dimensões do IPSF. O que significa afirmar que conforme aumentariam os resultados na dimensão Clima e Funcionamento Organizacional, representada pelo ambiente físico inadequado, como despreparo da chefia, falta de oportunidades no trabalho e solidariedade, diminuiriam os resultados nas dimensões IPSF Afetivo-Consistente, calcada na forma como são representadas as relações afetivas no ambiente familiar, Autonomia Familiar que representa o quanto a independência e autonomia é exercitada na família, bem como a Adaptação Familiar que se relaciona como quanto o indivíduo sente-se adaptado, aceito e querido no grupo familiar, além da dimensão Suporte Total.

Este resultado converge com o ressaltado por Abreu e cols. (2002) que apontaram o papel central do trabalho e a necessidade da existência de suporte afetivo e social de forma que possam contribuir para a segurança, conforto e confiança no exercício da atividade laboral. Stacciarini e Tróccoli (2000) haviam encontrado que as relações interpessoais podem promover suporte adequado ou contribuir com as dificuldades e que, a falta de reconhecimento e de impotência no trabalho, função, carga horária e recursos inadequados contribuem para o aparecimento do estresse. Levantamento este, corroborado por Arantes e

Vieira (2002) que ressaltaram o papel da organização e a qualidade do clima nas empresas como potencializador do estresse.

A dimensão Pressão no Trabalho correlacionou-se negativamente com Adaptação Familiar, indicando que quanto maiores as sobrecargas laborais (de chefia, colegas, prazos etc.), menor é a percepção de que o indivíduo está adaptado ao seu grupo familiar, o que reforça os apontamentos de que o desgaste da organização aumenta o potencial para gerar conflitos (Mallar & Capitão, 2004), que o excesso de pressão tornam as pessoas vulneráveis (Heloani & Capitão, 2003), além de sentir o ambiente como hostil (Maslach & Leiter, 1999).

A dimensão Adaptação Familiar correlacionou-se negativamente com todas da EVENT, enquanto que a dimensão Total de Vulnerabilidade ao Estresse, também se correlacionou negativamente com todas do IPSF. Os dados encontrados estão de acordo com o discutido na literatura, em que o suporte favorece níveis de saúde e protege o indivíduo das situações estressantes, enquanto que a falta de suporte contribui para o aumento da vulnerabilidade (Castro, Campero & Hernández, 1997). Alchaer-Alchaer e cols. (1994) já destacaram que indivíduos com maiores níveis de estresse apresentavam maiores níveis de disfunção familiar. Grazzoti e Menezes (1999), ressaltaram que a falta de suporte afetivo oferecido pelas pessoas queridas e próximas, provocava fragilidade emocional, uma vez que a presença de suporte social pode atenuar o desenvolvimento do estresse (Morais & cols., 2004) e mais recentemente, Baptista (2005, 2007) ressaltou o papel do suporte familiar como amortecedor dos efeitos estressantes.

Como já citado por Edwards e Rothbard (2000) a família e o trabalho estão sim relacionados e vivências difíceis e estressantes num domínio, são refletidas no outro e na saúde mental do indivíduo, já que as demandas continuam sendo solicitadas. Se o ambiente



familiar puder ser um ambiente acolhedor, estimular o nível de autonomia, segurança e assertividade nos indivíduos (Olson, 1986; Olson, Russel & Sprenkle, 1983) esta experiência pode ser ampliada para outras situações em que as relações sociais também são valorizadas. O que por outro lado, deveria promover que o indivíduo que sofre de estresse possa ter a possibilidade de buscar no suporte recursos para favorecer seu bem estar (Cooke & cols., 1988), visto que os benefícios do suporte adequado tem sido discutidos, reconhecidos e valorizados na literatura como moderador de crises (Cobb, 1976). A família tem sido apontada como contribuição potencial, no sentido que oferecendo maior auto-estima, protegendo o indivíduo, promovendo os comportamentos saudáveis e a expressão de carinho é possível estender esses modelos para outros setores da vida (Olstad, Sexton & Sogaard, 2001; Cooke & cols., 2001; McFarlane, Belíssimo & Norman, 1995; Krahn, 1993).

Os resultados das correlações dos dois instrumentos também são consistentes para a validação da EVENT, já que o IPSF possui outros estudos de validade citados anteriormente (Santos 2006; Rigotto 2006; Dias, 2005). De acordo com as definições de evidência de validade, este estudo correlacional pode ser considerado uma consistente evidência baseada em outras variáveis, pois os dois instrumentos possuem construtos diferentes, mas que estão relacionados (AERA, APA & NCME, 1999).

A hipótese 2 também foi confirmada, indicando que o suporte familiar correlacionou-se negativamente com os eventos de vida, o que sugere novamente o fator protetivo. As correlações encontradas entre a dimensão Afetivo-Consistente e os eventos de Namoro/Coabitação e Família, indicaram que quando faltam interesse afetivo pelos outros, proximidade, ou quanto o ambiente não permite expressar o afeto tampouco uma comunicação assertiva, as áreas de Namoro/Coabitação e Familiar são sentidas como

estressantes, pois nestas duas, as relações afetivas são muito importantes, principalmente porque segundo os relatos dos participantes, os eventos vividos, envolveram situações de rompimentos afetivos em relações importantes (namoro e/ou noivado), problemas com familiares e conflitos de adaptação na família.

A dimensão Adaptação Familiar correlacionou-se negativamente com Saúde, com Família e com o Total dos Eventos, sugerindo que não se sentir adaptado, compreendido e possuir sentimentos de vergonha, irritação e perceber as relações afetivas como agressivas, estão relacionados com problemas de saúde vivenciados e com situações estressantes no âmbito familiar, como conflito entre os membros, mudanças na rotina e adaptação às novas demandas. De fato, quando o indivíduo sente que pertence a um grupo que o aceita e está disponível para apoiá-lo, isso se torna um fator de proteção contra situações estressantes. A dimensão Suporte Familiar Total, correlacionou-se com as áreas de namoro, família e eventos totais, confirmando os dados encontrados.

Estes resultados corroboram os achados em que os eventos de vida agem como estressores que interagem com o nível de saúde mental e na ausência de fatores protetivos presentes no suporte e a rede social, podem ser agravados, uma vez que receber suporte pode ser fundamental nas situações de enfrentamento (Elloy & Mackie, 2002; Olstad Sexton & Sogaard, 2001; Alchaer-Alchaer & cols., 1994; Holmes & Rahe, 1967; Cobb, 1976). Rigotto (2006) destacou em seu estudo que quando há suporte familiar, a expressão de afeto, carinho e enfrentamento de problemas, favorece a superação de medos e inseguranças. Outro estudo observou que crianças que recebem menos suporte familiar apresentam mais problemas de comportamento (Kashani & cols., 1994), o que permite hipotetizar que esta idéia se reflita na vida adulta, visto que os problemas enfrentados nessa faixa etária são outros, no entanto os modelos podem ser repetidos..

Nas correlações positivas encontradas entre os Eventos de Vida e a Escala de Vulnerabilidade ao Estresse, indicaram que quanto mais eventos de vida ocorrem, maior é a vulnerabilidade sentida. Selye (1982) já discutia o papel dos estressores e estes foram enfatizados nos eventos de vida propostos por Holmes e Rahe (1967), que sugeriam que se adaptar à sociedade e enfrentar o desgaste provocado pelos eventos poderia gerar algum nível de estresse. Na pesquisa de Hammer e cols. (2004) sobre conflito trabalho-família e o ambiente psicossocial, apontaram que dificuldades vividas como fontes de estresse no trabalho e/ou pelo desempenho na vida familiar, interferem na habilidade do funcionário. Além do que Edwards e Cooper (1990) o estresse ocupacional envolve pessoa e ambiente e, este ocorre quando não há correspondência entre as características pessoais (habilidades e valores) no atendimento à demanda.

A correlação positiva encontrada entre Clima e Funcionamento Organizacional (EVENT) e os Totais dos Eventos de Vida, indicam que há correlação entre a ocorrência dos eventos e a falta de suporte por parte da organização. Pois as tarefas no trabalho não exigem apenas atividades mecânicas, mas também relações sociais, possibilidades de crescimento e apoio, além do que possuir relação saudável com superiores, facilita a saúde do ambiente laboral e o bem estar dos trabalhadores (Fox & Dwyer, 1999; Zegans, 1982). Mesmo considerando que a atividade laboral é geradora de satisfação, as mudanças enfrentadas se não apoiadas podem refletir negativamente (Murta & Tróccoli, 2004).

A dimensão Pressão no Trabalho se correlacionou positivamente apenas com Questões Legais, assinaladas pelos participantes por itens como ser multado, ter que ir ao tribunal por questões pessoais ou familiares. Judge e Colquitt (2004) em seu trabalho assinalaram a importância do funcionário ter controle sobre suas tarefas e informações sobre suas atividades, sendo que quando a empresa apoia o trabalhador em situações extras

ao trabalho, contribui para aumentar o nível de saúde mental dos indivíduos. Embora os autores discutiram o conceito de justiça organizacional, o importante a ser destacado é o papel que os supervisores tem na vida dos funcionários, fora inclusive do ambiente laboral.

O Fator da EVENT denominado de Infra-Estrutura e Rotina se correlacionou com Lutos e Perdas e com os Totais dos Eventos de Vida. As questões de Lutos envolveram desde mortes de parentes e amigos próximos a perdas de objetos de valor, o que denota fragilidade diante de situações de lutos significativas, vulnerabilidade associada com a falta de estrutura da organização com as condições de trabalho, como excesso de jornada, equipamento precário, mudanças de *status* financeiro, de setor, enfim, situações de instabilidade no ambiente organizacional. Estas dificuldades podem ser relacionadas com as já apontadas por Arantes e Vieira (2002) sobre o papel da organização e por Holt (1982) que apontou que os conflitos na divisão do trabalho podem gerar estresse. No entanto é necessário ressaltar que alguns autores destacam que não apenas o evento pode ser estressante, mas depende também da leitura feita pelo indivíduo, ou seja, a avaliação individual pode contribuir ou não com a sensação de estresse (Campos, 2004; Tasman & Schrod, 2002; Castro, Campero & Hernández 1997; Krahn, 1993; Folkman & Lazarus, 1985; Prociado & Heller 1983).

Os Totais da EVENT se correlacionaram positivamente com Trabalho, Lutos e Perdas, Questões Legais e Eventos Totais, além de confirmar os dados já discutidos, estes índices correlacionais, contribuem também para a evidência de validade (AERA, APA & NCME, 1999) da escala, que se trata de vulnerabilidade ao estresse no trabalho e que esteve associada aos eventos laborais como mudanças de emprego, de jornada, dificuldades no trabalho, desemprego ou demissão. O evento de vida relacionado ao trabalho mais apontado foi promoção ou aumento de salário que, apesar de ser algo valorizado socialmente e

considerado positivo, envolve mudanças e adaptações, por ser uma situação nova a ser vivenciada e que poder gerar certo nível de estresse (Lipp, 1996; Savoia, 1998; França & Rodrigues; 1999; Lopes & Farestein, 2001; Sparrenberger, Santos & Lima, 2004).

Sobre as análises secundárias, os resultados encontrados demonstram não haver diferença significativa quanto ao sexo nas dimensões da EVENT. Esses resultados divergem dos levantados na literatura como os de Schwartzberg e Dytell (1996) que citaram as diferenças quanto às expectativas em relação ao trabalho para homens e mulheres ou ainda os estudos que indicam que as mulheres apresentam níveis maiores de estresse do que os homens, principalmente porque mulheres desempenham dupla jornada e os homens possuem maiores níveis de saúde mental (Areias & Guimarães, 2004; Fleck & Wagner, 2003; Matsukara, Marturano e Oishi, 2002; Rocha e Dibert-Ribeiro, 2001). Esta divergência, talvez, ocorreu pelo fato de que nesta amostra 73,5% das mulheres se declararam solteiras, o que diverge dos estudos levantados (Ystgaard, Tambs & Dalgard, 1999; Gonzáles-Forteza, Palo e Tapia, 1997). Apenas nas pesquisas de Wang (2006), Elloy e Mackie (2002) e Schwartzberg e Dytell (1996) não foram encontradas diferenças quanto ao sexo.

Apenas em relação ao suporte familiar houve diferença significativa quanto ao sexo na dimensão de autonomia familiar. Sendo que o sexo masculino apresentou média superior ao sexo feminino, indicando que os homens apresentam mais autonomia familiar do que as mulheres, isto é sentem-se mais confiantes, independentes e exercem mais a privacidade no grupo familiar do que o sexo feminino. Ystgaard, Tambs e Dalgard (1999) destacaram que as meninas percebem o suporte familiar como menor, embora nos meninos o estresse seja mais intenso. A este resultado é atribuída a questão cultural, pois as mulheres seriam mais vulneráveis à dinâmica familiar, pela educação que receberam, sendo estimuladas a

cuidarem dos outros membros e das tarefas domésticas enquanto que os homens são mais estimulados a ser independente emocionalmente, o que contribui para aumentar seu nível de saúde mental, além do que a tendência é de que mulheres são mais propensas a apresentarem transtornos depressivos e de ansiedade (Wang, 2006; Rigotto, 2006; Areias & Guimarães, 2004; Gonzáles-Forteza, Palo & Tapia, 1997).

Quanto à percepção de suporte familiar comparado com o estado civil dos participantes, foram encontradas diferenças significativas entre os grupos não casados e os casados. Verificou-se que em relação à dimensão Afetivo-Consistente a média do grupo de casados foi maior, indicando que estes possuem mais suporte afetivo-consistente do que os não casados (solteiros, viúvos, e divorciados). Dados esses corroborados pela literatura (Wang, 2006; Carvalho & Almeida, 2003; Cooke & Rousseau, 1997; Olson, Russel & Sprenkle, 1983), indicando possivelmente que o suporte oferecido pelo cônjuge, reforçado pela habilidade do casal e responsabilidade diante das situações de estresse protege de situações adversas, ou ainda que pessoas casadas possuem maior rede de suporte. Nas pesquisas com o IPSF, Dias (2005) encontrou que mulheres casadas possuem maior nível de suporte do que as solteiras, embora seu estudo tenha um número amostral pequeno, os resultados são bem parecidos com os encontrados neste trabalho, apenas Santos (2006) em sua pesquisa não encontrou diferenças entre solteiros e casados.

Em relação aos cursos concentrados por áreas não foram encontradas diferenças significativas para o estresse. Apenas foi encontrada diferença significativa na dimensão do IPSF Adaptação Familiar, indicando que a área da Saúde apresenta menor Adaptação Familiar, do que as áreas de Exatas e de Humanas. Resultados estes semelhantes com Rigotto (2006) e Santos (2006), indicando que cursos que lidam com o sofrimento e o cuidado, tendem a ser realizados por indivíduos mais sensíveis e que valorizam questões

subjetivas, diferentes de indivíduos da área de exatas, que tendem a ser mais concretos e valorizando mais o desempenho intelectual. No entanto, no presente resultado há um fator confundidor, visto que a área da saúde foi composta por 85,9% de mulheres, enquanto que a área de exatas por 93,2% de homens, o que não permite concluir se a diferença está relacionada apenas ao curso escolhido e às características da população (mais cuidador, subjetivo ou mais concreto) ou se está relacionado com o sexo, já que homens têm mais autonomia familiar, como visto anteriormente.

Em relação ao tipo de trabalho (voluntário e/ou remunerado) apenas foi encontrada diferença significativa no IPSF na dimensão Suporte Familiar Total, significando que os participantes que exercem atividades remuneradas e voluntárias, possuem mais suporte familiar do que os que exercem apenas trabalho remunerado. Embora faltem estudos comparando esse dado, levanta-se a hipótese de que pelo fato do suporte familiar promover cuidados físicos, materiais e pessoais, além de estar mais capacitada para o enfrentamento do que aquelas que possuem menos suporte, essas pessoas se sentiriam aptas a contribuir com outras em situação menos favorecida, compartilhando ajuda e trocas, repetindo com aqueles que necessitam, os cuidados remetidos a elas anteriormente (Caldas, 2003; Carvalho & Almeida, 2003; Mota, Franco & Motta, 1999).

Sobre a quantidade de tarefas e a compatibilidade com a função exercida pelos participantes foram encontradas diferenças significativas apenas nos resultados da EVENT. Foi encontrado que aqueles que possuem mais tarefas demonstraram-se mais vulneráveis ao estresse, enquanto que o fato de ter tarefas compatíveis com o cargo, não foi indicativo de vulnerabilidade. Os participantes que declararam possuir excesso de tarefas apresentaram em Clima e Funcionamento organizacional, Pressão no Trabalho, Infra-Estrutura e Rotina e EVENT total médias maiores do que os que não possuem essa queixa. O grupo com mais

funções, quando comparado com aqueles que possuem menos tarefas também tiveram médias maiores em pressão no trabalho e EVENT total. Ao contrário do que se poderia imaginar, ter menos tarefas também é indicativo de vulnerabilidade, pois foi encontrado que em Clima e funcionamento organizacional a média desse grupo foi maior daqueles que tem tarefas compatíveis. Esse último dado é explicado pela própria dimensão, que envolve a falta de oportunidade, falta de perspectiva profissional, solidariedade e não ser valorizado, o que remete à baixa auto-estima e indica que relação entre pressão no trabalho e condições desfavoráveis de segurança se relaciona com estresse (Murta & Tróccoli, 2004).

Judge e Colquitt (2004) também ressaltaram que problemas organizacionais de Infra-estrutura e falta de sensação de controle no trabalho aumentam o conflito no trabalho e o nível de estresse. Entretanto, este resultado deve ser visto com cautela, uma vez que esse item no questionário de identificação possui limitações consideráveis, pois igualou função com quantidade de tarefas, reduzindo cargo a número de tarefas, o que sugere viés.

No que diz respeito ao tipo de trabalho exercido (informal, formal e com término indeterminado, temporário e autônomo) e a relação com a vulnerabilidade ao estresse, os resultados foram que para o grupo formal as médias em Clima e funcionamento organizacional, pressão no trabalho e Total da EVENT foram maiores do que os grupos temporário e autônomo, o que reflete que os trabalhadores com contrato de trabalho formal sentem-se mais pressionados pela organização, mais cobrados e com mais responsabilidades do que trabalhadores temporários, talvez porque estes últimos estejam em cargos que de fato possuem menos responsabilidades e os autônomos possuem configuração de trabalho diferente, no qual muitos exercem atividades em que não dependem exclusivamente de chefia, lidam na maioria das vezes com os clientes e não vivem no ambiente organizacional o tempo todo. Estes resultados corroboram os achados



de Lapierre e Allen (2006) que apontam a importância do horário flexível e da possibilidade em realizar algumas tarefas de trabalho em casa diminuindo o conflito entre o trabalho e a família e, com isso, promovendo o bem-estar. Os autores ressaltaram a importância do apoio organizacional e da flexibilidade no trabalho como fator que eleva a saúde mental dos trabalhadores.

No grupo de participantes com atividades informais, as médias foram maiores em pressão no trabalho do que o grupo temporário e autônomo, o que denota que o trabalho informal de fato, favorece maior vulnerabilidade ao indivíduo, não só em aspectos legais, por não ter seus direitos trabalhistas e garantias previstas na legislação, como pode sentir-se muito mais pressionado em sua atividade, tendo que resolver demandas em menos tempo ou em produzir mais atividades, para sair da informalidade ou vir a ter compensações futuras (Heloani & Capitão 2004, Karasek, 1979).

Os resultados encontrados a respeito do tempo gasto no trabalho, refletem que quanto mais tempo dedicado ao trabalho, mais vulnerável está o indivíduo ao estresse. Foi encontrado que os trabalhadores que cumprem carga horária de trabalho maiores que 44 horas semanais, tiveram médias maiores do que aqueles com carga horária de 30 a 44 horas nas dimensões pressão no trabalho, infra-estrutura e rotina e EVENT total, indicando que sentem mais o impacto das horas de trabalho e das cobranças e pressões institucionais.

O grupo com carga horária intermediária de (31 a 44 horas semanais) tiveram médias maiores do que os trabalhadores com até 30 horas semanais, nas dimensões clima e funcionamento organizacional, pressão no trabalho e EVENT total, indicando que menos tempo na organização, diminuem as sensações desagradáveis que envolvem cobranças, falta de suporte, de apoio, prazos apertados e responsabilidade excessiva. Wharton e Blair-Loy (2006), Major, Klein e Ehrhart (2002) e Schwab, Stephenson e Ice (1993) ressaltaram

o fato de que longas horas de trabalho estão associadas com aumento de estresse, dado este corroborado por este estudo, pois foi observado que quanto mais horas dedicadas ao trabalho, maior a vulnerabilidade ao estresse. Wharton e Blair-Loy (2006) destacaram que as longas horas de trabalho afetam ainda mais as mulheres, por serem freqüentemente responsáveis pelo cuidado da casa e dos filhos na maioria das vezes. Major, Klein e Ehrhart (2002) reforçaram que as horas devotadas ao trabalho, além do estresse causado pela sobrecarga já destacada por outros autores (Elloy & Mackie, 2002; Edwards & Rothbard, 2000), dificulta o tempo disponível para outras atividades, inclusive o tempo a ser devotado à família, que exige demandas ao indivíduo (Karasek, 1979).

O Conflito trabalho-família discutido por Lapierre e Allen (2006) e Edwards e Rothbard (2000) é enfatizado principalmente baseado no tempo, referindo a dificuldade quanto o excesso de tempo devotado a um domínio, impede e prejudica o tempo gasto em outro. O conflito baseado na tensão sugere que quando um domínio tem conflitos e tensões, impede também a dedicação e disponibilidade inclusive afetiva para outras situações. Além do que família e trabalho estão interconectados e assume-se que seja uma relação mútua e que conflitos na família reflitam na organização, na forma de baixo desempenho no ambiente organizacional.

Comparando os resultados do suporte familiar e a situação de moradia (com pais e irmãos, com esposa (o) e /ou filhos e com outros – tios, avós, sobrinhos, amigos, etc.), observou-se que na dimensão autonomia familiar, os resultados indicaram que aqueles que moram com pais e irmãos apresentaram menos autonomia do que aqueles que moram com esposo (a) e filhos ou outros que não pais. Esses dados corroboram com os encontrados por Santos (2006), indicando que aqueles que não moram mais com a família nuclear, vivenciam situação de independência, sendo mais responsáveis e maduros. À isso

provavelmente a família dita sadia, contribuiu para o desenvolvimento de seus filhos, favorecendo sua autonomia e senso de responsabilidade. Ackerman (1978) e Féres-Carneiro (1983) também apontaram que a família prepara o indivíduo para as situações externas, contribuindo com sua expansão e saúde mental.

Foram correlacionados o nível de escolaridade dos pais com os resultados da EVENT e do IPSF, embora entre os instrumentos não houve correlações significativas, mas foi interessantes observar que houve correlação entre o nível de escolaridade do pai e da mãe, indicando que estas duas variáveis tendem a caminhar juntas.

Foram comparados o nível econômico e os resultados obtidos no IPSF e EVENT. Apenas houve diferença no suporte familiar, indicando que os participantes que pertencem às classes alta e média alta demonstraram possuir maior suporte familiar tipo afetivo-consistente, do que os participantes do critério econômico médio-baixo e baixo. Embora Matsukara, Marturano e Oishi (2002) também encontraram resultados parecidos, Dias (2005) mais recentemente, não encontrou esse tipo de diferença. No entanto, faz-se necessário destacar que para essa análise, o resultado de Dias (2005) deva ser visto com cautela em virtude do número pequeno da amostra (N=14).

Apesar da estrutura familiar ter impacto no desenvolvimento de seus membros, mais importante que esta, são as formas de relacionamento, a maneira empática e protetora com as quais os membros se tratam (Mc Farlane, Belíssimo & Norman, 1995; Olson, Russel & Sprenkle, 1983). Neste sentido, foi encontrada diferença significativa apenas na dimensão Adaptação Familiar, na comparação com os grupos de família intacta e não-intacta, apontando que famílias sem rupturas e separações possuem maior adaptação familiar, quando comparadas com famílias que em sua estrutura houve rupturas. Embora faça questão se ressaltar a importância do funcionamento familiar, sabe-se que rupturas deixam

marcas, que podem refletir na saúde mental e na estabilidade oferecida aos seus membros (Baptista, Baptista & Dias, 2001; Kashani & cols. 1994).

## Conclusões

O presente estudo buscou evidências de validades baseadas em outras variáveis para o IPSF e a EVENT, por meio de hipóteses principais e de análises secundárias com itens presentes no questionário de identificação. As correlações encontradas para as principais hipóteses foram:

### **Hipótese 1**

Correlação negativa entre os fatores Clima e Funcionamento Organizacional (EVENT) com Afetivo-Consistente, Autonomia Familiar, Adaptação Familiar e Suporte Familiar Total (IPSF); Pressão no trabalho e Infra-estrutura e Rotina com Adaptação Familiar e o Total da EVENT com todas as dimensões do IPSF.

### **Hipótese 2**

Encontrou-se correlação negativa entre os eventos de vida Saúde e Adaptação Familiar (IPSF); Namoro e Coabitação entre Afetivo-Consistente e Suporte Familiar Total; Família com Afetivo-Consistente; Adaptação e Suporte Familiar e o total dos eventos de vida com Adaptação Familiar e Suporte Familiar Total.

### **Hipótese 3**

Encontrou-se correlação positiva entre os eventos de vida lutos e perdas com Infra-estrutura e Rotina e Estresse Total (EVENT); Questões legais com Pressão no Trabalho e Estresse total; Eventos de vida total e Clima e Funcionamento Organizacional, Infra-estrutura e Rotina e Estresse Total.

Os resultados encontrados nas três hipóteses principais foram considerados satisfatórios, pois as correlações encontradas entre a EVENT e o IPSF apontam que de fato, o suporte familiar relaciona-se com a vulnerabilidade ao estresse no trabalho. A idéia principal levantada na literatura é de que o suporte possa agir como protetor de estresse e outras situações que envolvam adaptação frente às dificuldades.

Sobre os eventos de vida, embora não sendo avaliados em termos de intensidade, relacionados com o IPSF observou-se que áreas que exigem manifestações afetivas, como namoro, família ou ainda, a área da saúde que engloba as vivências e os impactos das situações enfrentadas, quando fragilizadas apresentam relação com menor Suporte Familiar percebido. É interessante observar a ligação entre esses setores da vida das pessoas e constatar que como já levantado anteriormente, a família representa grande importância na saúde de seus membros e é o ambiente no qual são vivenciadas as primeiras emoções, que serão ampliadas em outros momentos.

Sobre as correlações encontradas entre EVENT e Eventos de vida, os resultados reforçam que o trabalho não apenas pode ser fonte de estresse, mas em situações que são vivenciadas fora (lutos, perdas e questões legais) os indivíduos necessitariam também de apoio das organizações. De fato a saúde mental do trabalhador vai além de suas tarefas laborais, mas reflete inclusive, em suas atividades e vivências do cotidiano.

Os resultados das correlações entre os instrumentos contribuem ainda, para evidência de validade para a EVENT baseada na relação com outras variáveis, uma vez que o IPSF já possui parâmetros psicométricos e estudos de validade consistentes. As correlações entre a EVENT e os Eventos de vida também contribuem para evidenciar as relações entre a Escala e eventos estressantes no trabalho, lutos e perdas, questões legais e de eventos totais.

Analisando os outros dados secundários, a maioria dos resultados corroborou outras pesquisas. Apenas em relação à vulnerabilidade ao estresse, nesta amostra, não foram encontradas diferenças entre homens e mulheres, o que contraria estudos levantados. Este dado pode estar relacionado a uma das limitações deste estudo, em virtude de características específicas desta amostra (estudantes universitários trabalhadores, em sua maioria solteira e sem filhos). Estudos sobre estresse discutem que as diferenças entre os sexos são refletidas pela dupla jornada, cuidado com filhos e tarefas domésticas que ficam a cargo das mulheres e, isto não foi encontrado nesta população especificamente.

O suporte familiar apresentou diferença de gênero em que homens apresentam mais autonomia do que as mulheres e também diferença nos cursos, sendo que os participantes da área da Saúde (maioria feminina), percebem o suporte familiar como inferior aos da área de Exatas principalmente. Este dado ainda necessita ser confirmado por estudos com amostras maiores no caso de realmente haver diferença entre as áreas, em termos inclusive de saúde mental e suporte familiar.

A questão econômica também merece destaque, visto que houve diferença entre o poder econômico das famílias estudadas, com o nível de percepção de suporte. Embora esse assunto possua divergências na literatura, deve ser estudado com mais atenção, até porque sugere que famílias com rendas menores tenham menor suporte familiar. A isso, soma-se a necessidade de maiores estudos e de melhores condições a essas famílias, por meio de políticas públicas e sociais, para minimizar esses efeitos no desenvolvimento de seus membros.

Embora estrutura familiar e suporte são considerados diferentes, famílias que apresentaram rupturas, separações tiveram média no IPSF inferior àquelas que não vivenciaram estas situações. O que indica que as vivências familiares estão presentes no

suporte e são percebidas. Além do que casados apresentam maior suporte familiar do que os solteiros.

Em relação ao estresse foi observado que a maneira como o indivíduo percebe suas tarefas relaciona-se com o seu nível de vulnerabilidade, como sentimentos de pressão no trabalho que elevam o nível de estresse. Em relação ao tipo de trabalho as atividades formais e informal se mostraram mais estressantes que as temporárias e autônomas. Novamente verificaram-se sensações desagradáveis vividas no ambiente laboral.

As longas horas dedicadas ao trabalho tiveram seus impactos no estresse, reforçando os achados na literatura. Tem-se tornado grande dificuldade dos trabalhadores adequarem suas horas e outras tarefas diárias, dado esse confirmado pelos trabalhadores com mais de 44 horas semanais.

É necessário destacar que esse estudo tem suas limitações, devendo ser aplicado inclusive para outras amostras. No entanto, espera-se que seus resultados possam contribuir para a evidência de validade para a EVETN e que possa subsidiar outras pesquisas, não apenas para os instrumentos que em breve poderão ser utilizados na prática do psicólogo, mas também contribuindo com outras áreas como saúde, educação e social, visando promover o desenvolvimento saudável e minimizar o impacto de alguns riscos conhecidos, além de outras pesquisas que possam sanar as carências deixadas.



## Referências

- Abreu, K. L., Stoll, I., Ramos, L. S. Baumgardt, R. A. & Kristensen, C. H. (2002). Estresse Ocupacional e Síndrome de Burnout no Exercício Profissional de Psicologia. *Psicologia Ciência e Profissão*. 22 (2): 22-29.
- Ackerman, N. W. (1978). *Diagnóstico y tratamiento de las relaciones familiares: Psicodinamismos de la vida familiar*. 6. ed. Buenos Aires: Hormé.
- American Educational Research Association, American Psychological Association & National Council On Measurement In Education. (1999). Standards for Educational and Psychological Testing. New York: American Educational Research Association.
- Alchaer-Alchaer, J. R.; Bahsas-Bahsas, F.; Hernández-Nieto, R. & Salinas, P. J. (1994). Relación entre el funcionalismo familiar: el estrés y la ansiedad. *Medula* 3 (3/4) 81-6.
- Alves, M. G. M.; Chor, D.; Faerstein E.; Lopes, C. L. & Werneck, G. L. (2004). Versão resumida da “job stress scale”: adaptação para o português. *Rev. Saúde Pública* 38 (2) 164-171.
- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). Testagem Psicológica. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Arantes, M. A. A. C. & Vieira, M. J. F. (2002). *Estresse*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Araújo, T. M., Graça, C. C. & Araújo, E. (2003). Estresse ocupacional e saúde: contribuições do Modelo Demanda-Controle. *Ciência e Saúde Coletiva*, 8 (4): 991-1003.
- Areias, M. E. Q. & Guimarães, L. A. M. (2004) Gênero e estresse em trabalhadores de uma universidade pública do estado de São Paulo. *Psicologia em Estudo*, 9 (2): 255-262.
- Arice, G., Baptista M. N., Morais, P. R., Souza, F. G. & Reis, M. R. (2004) Correlação entre sintomatologia depressiva e Burnout em grupo de servidores públicos. *Psicologia Argumento* 22 (37) 53-62.
- Associação Nacional de Equipes de Pesquisa - ANEP (2000) *Critério de Classificação Econômica Brasil – CCEB*. Disponível em <[www.anep.orb.br](http://www.anep.orb.br)> acessado em 23/03/05.
- Barbosa, M. A.; Bighetti, C. A. Baptista, M. N. & Noronha, A. P. P. (2005). *Eventos estressores relacionados ao trabalho: um estudo com universitários*. Anais do Encontro Mineiro de Avaliação Psicológica.
- Baptista, M. N. (2007). Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF): estudo componencial em duas configurações. *Psicologia: Ciência e Profissão*.
- Baptista, M. N. (2005). Desenvolvimento do Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF): estudos psicométricos preliminares. *Psico-USF* 10 (1): 11-19.

- Baptista, M. N. (1998). Sintomas depressivos em adolescentes e a percepção da estrutura familiar. *Infanto-Rev. Neuropsiq.da Inf. e Adol.* 6 (1): 34-40.
- Baptista, M. N., Baptista, A. S. D. & Dias, R. R. (2001). Estrutura e Suporte Familiar como Fatores de Risco na Depressão de Adolescentes. *Psicologia Ciência e Profissão*, 21(2) 52-61.
- Baptista, M. N. & Oliveira, A. A. (2004). Sintomatologia de depressão e suporte familiar em adolescentes: um estudo de correlação. *Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum.* 14 (3): p. 58-67.
- Baum, A. & Posluszny (1999). Health Psychology: Mapping Biobehavioral Contributions to Health and Illness. *Annu. Rev. Psychol.* 50: 137-163.
- Benevides-Pereira, A. M. T. (2002). *Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Caldas, C. P. (2003). Envelhecimento com dependência: responsabilidades e demandas da família. Rio de Janeiro: *Cad. Saúde Pública*, 19 (3): 773-781.
- Calnan, M., Wadsworth, E., May, M., Smith, A. & Wainwright, D. (2004). Job strain, effort – reward imbalance, and stress at work: competing or complementary models? *Scand J Public Health* 32: 84-93
- Campos, E. P. (2004). Suporte Social e Família In J. Mello Filho & M. Burd (orgs). *Doença e Família*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Castro, R.; Campero, L & Hernández, B. (1997). La investigación sobre apoyo social en salud: situación actual y nuevos desafíos. *Rev. Saúde Pública*, 31 (4): 425-435.
- Carvalho, I. M. M. & Almeida, P. H. (2003). Família e Proteção Social. *São Paulo em Perspectiva*, 17(2): 109-122.
- Cobb, S. (1976). Social support as a Moderator of Life Stress. *Psychosomatic Medicine* 38 (5) 300-313.
- Codo, W. & Jacques, M. G. (2002). *Saúde mental & trabalho: leituras*. Petrópolis: Vozes.
- Cooke, B. D.; Rossmann, M. M.; McCubbin, H. I. & Patterson, J. M. (1988). Examining the Definition and Assessment of Social Support: A Resource for Individuals and Families. *Family Relations*, 37: 221-216.
- Cooke, R. A. & Rousseau, D. M. (1984). Stress and Strain from Family Roles and Work-Role Expectations. *Journal of Applied Psychology*, 69 (2) 252-260.
- Dejours, C. (1992). *A loucura do trabalho: um estudo de psicopatologia do trabalho*. 5. ed. São Paulo: Cortez.

- Derogatis, L. R. (1982). Self-report Measures of Stress. In: Goldberg, L & Brenznit, S. *Handbook of Stress: Theoretical and Clinical Aspects*. The Fress Press: New York.
- Dias, R. R. (2005). *Mães de Crianças hospitalizadas em UTI: Percepção de suporte familiar e saúde mental*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, p. 157.
- Edwards, J. R. & Rothbard, N. P. (2000). Mechanisms Linking Work and Family: Clarifying the Relationship Between Work and Family Constructs. *Academy of Management Review* 25(1) 178-199.
- Edwards, J. R.; Cooper, C. L. (1990). The person-environment fit approach to stress: recurring problems and some suggested solutions. *Journal of Organizational Behavior*, 11:293-307.
- Elloy, D. F. & Mackie, B. (2002). Overload and work-family conflict among australian dual career families: moderating effects of support. *Psychological Reports.*, 91: 907-913.
- Farber, S. L. (1982). Genetic Diversity and Differing Reactions to Stress. In: Goldberg, L & Brenznit, S. *Handbook of Stress: Theoretical and Clinical Aspects*. The Fress Press: New York.
- Féres-Carneiro, T. (1983). *Família: Diagnóstico e Terapia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fleck, A. C. & Wagner, A. (2003). A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo* 8: 31-38.
- França, A. C. L. & Rodrigues, A. L. (1999). *Stress e Trabalho: uma abordagem psicossomática*. 2.ed. São Paulo: Atlas.
- Freudenberger, H. J. (1974). Staff Burn-Out. *Journal of Social Issues* 30 (1): 159-165.
- Folkman, S. & Lazarus, R. S. (1985). If It Change It Must Be a Process: Study of Emotion and Coping During Three Stages or a College Examination. *Journal of Personality and Social Psychology* 48 (1):150-170.
- Fox, M. L. & Dwyer, D. J. (1999). An Investigation of the Effects of Time and Involvement in the Relationship Between Stressors and Work-Family Conflict. *Journal of Occupational Health Psychology*. 4 (2): 164-174.
- Grazzotti, A. A. & Vasques-Menezes, I. (1999). Suporte Afetivo e o sofrimento psíquico em burnout. In: Codo, W. (coord.) *Educação: carinho e trabalho*. 3.ed. Petrópolis: Vozes.

- González-Forteza, C., Palos, P. A. & Tapia, A. J. (1997). Estresores cotidianos familiares, sintomatología depresiva e ideación suicida en adolescentes mexicanos. *Acta psiquiátrica Am lat.* 43 (4): 319-326.
- Hammer, T. H.; Saksvik, P. O.; Nytro, K.; Torvatn, H. & Bayazit, M. (2004). Expanding the Psychosocial Work Environment: Workplace Norms and Work-Family Conflict as Correlates of Stress and Health. *Journal of Occupational Health Psychology* 9 (1): 83-97.
- Heloani, J. R. & Capitão, C. G. (2003). Saúde Mental e Psicologia do Trabalho. *São Paulo Perspec.* 17 (2): 102-108.
- Holmes, T. H. & Rahe, R. H. (1967). The social readjustment rating scale. *Journal of Psychosomatic Research, II:* 213-218.
- Holt, R. R. (1982). Occupational Stress. In: Goldberg, L & Brenznit, S. *Handbook of Stress: Theoretical and Clinical Aspects*. The Fress Press: New York.
- Holroyd, K. A. & Lazarus, R. S. (1982). Stress, Coping, and Somatic Adaptation. In: Goldberg, L & Brenznit, S. *Handbook of Stress: Theoretical and Clinical Aspects*. The Fress Press: New York.
- Judge, T. A. & Colquitt, J. A. (2004). Organizational Justice and Stress: The Mediating Role of Work-Family Conflict. *Journal of Applied Psychology* 89 (3): 395-404.
- Karasek, R. A. (1979). Job Demand, job decision latitude, and mental strain: implications for job redesign. *Administrative Science Quarterly* 24: 285-308.
- Kashani, J. H., Canfield, L. A., Borduin, C. M.; Soltys, S. M. & Reid, J. C. (1994). Perceived Family and Social Support: Impact on Children. *J. Am. Acad. Child Adolesc. Psychiatry*, 33 (6) 819-823.
- Krahn, G. L. (1993). Conceptualizing Social Support in Families of Children with Special Health Needs. *Family Process* 32 (2): 235-248.
- Lapierre, L. M. & Allen, T. D. (2006). Work-Supportive Family, Family-Supportive Supervision, Use of Organizational Benefits, and Problem-Focused Coping: Implications for Work-Family Conflict and Employee Well-Being. *Journal of Occupational Health Psychology* 11 (2):169-181.
- Lipp, M. N. (2000). *Manual do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp* (ISSL). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lipp, M. (1996). *Stress, hipertensão arterial e qualidade de vida: Um guia de tratamento para o hipertenso*. 2. ed. Campinas: Papirus.

- Lopes, C. S & Farestein, E. (2001). Confiabilidade do relato de eventos de vida estressantes em um questionário autopreenchido: Estudo Pró-Saúde. *Rev. Bras. Psiquiatr.* 23 (3) São Paulo.
- Major, V. S., Klein, K. J. & Ehrhart, M. G. (2002). Work time, Work Interference With family, and Psychological distress. *Journal Of Applied Psychology* 87 (30): 427-436.
- Mallar, S. C. & Capitão, C. G. (2004). Burnout e hardiness: um estudo de evidência de validade. *Psico-USF* 9 (1): 19-29.
- Maslach, C. & Leiter, M. P. (1999). *Trabalho: Fonte de prazer ou desgaste? Guia para vencer o estresse na empresa*. Campinas: Papirus.
- Maslach, C & Jackson, S. E. (1981). The measurement of experienced burnout. *Journal of Occupational Behavior*, 2: 99-113.
- Matsukara, T. S., Marturano, E. M. & Oishi, J. (2002). O questionário de suporte social (SSQ): Estudos da adaptação para o português. *Rev. Latino-am Enfermagem* 10 (5): 675-81.
- Mauno, S., Kinnunem, U. & Pyykkö, M. (2005). Does Work-Family conflict mediate the relationship between work-family culture and self-reported distress? Evidence from five Finnish organizations. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*. 78: 509,530.
- McFarlane, A. H., Bellissimo, A. & Norman, R. (1995). Family Structure, Family Functioning and Adolescent Well-Being: the Transcendent Influence of Parental Style. *J. Child Psychol. Psychiat.* 36 (5): 847-864.
- Miguel, F. K. (2006). *Estresse e Inteligência Emocional: Evidências de Validade. Dissertação de Mestrado*, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba.
- Morais, P. R., Baptista, M. N., Calais, S. L. & Inocente, N. J. (2004). Psicobiologia do estresse e da síndrome de *burnout*. In: Brandão, M. Z. et al. *Sobre Comportamento e Cognição: Contribuições para a Construção da Teoria do Comportamento*. Santo André: ESETec.
- Moreno-Jiménez, B. (2000). Olvido y recuperación de los factores psicosociales en la salud laboral. *Archivos de Prevención de Riesgos laborales*, 3 (1), 3-4.
- Mota, E. L. A, Franco, A. L. S. & Motta, M. C. (1999). Migração, estresse e fatores psicossociais na determinação da saúde da criança. *Psicol. Reflex. Crit.* 12 (1): 119-132.
- Murta, S. G. & Tróccoli, B. T. (2004). Avaliação de intervenção em estresse ocupacional. *Psic. Teor. E Pesq.* 20 (1): 39-47.

- Myers, H. L. & Myers L. B. (2004). A Study of the work stress and health of GDPs. *British Dental Journal*, 197 (2): 83.
- Noor, N. M. (2002). Work-Family Conflict, Locus of Control, and Women's Well-Being: Tests of Alternative Pathways. *The Journal of Social Psychology*, 142 (5) 645-662.
- Noronha, A. P. P. (2002). Os Problemas Mais Graves e Mais Frequentes no Uso dos Testes Psicológicos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1): 135-142.
- Oliveira, M. G. Fonseca, P. P. & Del Porto, J. A. (2002). Versão brasileira da entrevista de Paykel para eventos de vida recentes. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. IV (1): 47-61.
- Olson, D. H. (1986). Circumplex Model VII: Validation Studies and FACES III. *Family Process* 25 (3): 337-351.
- Olson, D. H., Russell, C. S. & Sprenkle, D. H. (1983). Circumplex Model of Marital and Family Systems: VI. Theoretical Update. *Family Process* 22: 69-83.
- Olstad, R. Sexton, H & Sogaard, A. J. (2001). The Finnmark Study. A prospective population study of the social support buffer hypothesis, specific stressors and mental distress. *Soc. Psychiatry Psychiatr Epidemiol.* 36: 582-589
- OPS (2003). Organización Panamericana de La Salud. 44º Consejo directivo e 55ª Sesión del Comité Regional. Washington.
- Pasquali, L. (2001). *Técnicas de Exame Psicológico – TEP: manual*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- Pasquali, L. & Araújo, J. M. A. (1986). Questionário de Percepção dos Pais – Q. P. P. *Psicol. Teori.Pesqui.* 2(1):56-72.
- Pearlin, L. I. (1982). The Social Contexts of Stress. In: Goldberg, L & Brenznit, S. *Handbook of Stress: Theoretical and Clinical Aspects*. The Fress Press: New York.
- Procidano, M. E. & Heller, K. (1983). Measures of perceived Social support from friends and from family: Three Validation Studies. *American Journal of Community Psychology*. 11 (1) 1:23.
- Rigotto, D. M. (2006). *Evidências de Validade entre suporte familiar, suporte social e autoconceito*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba, p.105.
- Rocha, L. E. & Debert-Ribeiro, M. (2001). Trabalho, saúde e gênero: estudo comparativo sobre analistas de sistemas. *Rev Saúde Pública* 35 (6) 539-547.
- Salmond, S. & Ropis, P. E. (2005). Job Stress and General Well-being: A Comparative Study of Medical-Surgical and Home Care Nurses. *Medsurg Nursing*, 14 (5): 301-309

- Santos, T. M. M. (2006). *Evidência de Validade entre Percepção de Suporte Familiar e Traços de Personalidade*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco Itatiba, 97p.
- Savoia, M. G. (1999). Instrumentos para Avaliação de Eventos Vitais e de Estratégia de Enfrentamento (Coping) em Situações de Estresse. *Escalas de Avaliação Clínica em Psiquiatria e Psicofarmacologia*. 377-386.
- Schwab, J. J.; Stephenson, J. J. & Ice, J. F. (1993). Family Research. In *Evaluation family mental health: history, epidemiology, and treatment issues*. Plenum Press, New York.
- Schwartzberg, N. S.; Dytell, R. S (1996). Dual-Earner Families: The Importance of Work Stress and Family Stress for Psychological Well-Being. *Journal of Occupational Health Psychology* 1 (2): 211-223.
- Selye, H. (1982). History and Present Status of the Stress Concept. In: Goldberg, L & Brenznit, S. *Handbook of Stress: Theoretical and Clinical Aspects*. The Fress Press: New York.
- Sisto, F. F., Baptista, M. N., Noronha, A. P. & Santos, A. A. A. (2006) *Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho – EVENT*. Manual Técnico não publicado.
- Sparrenberger, F. Santos, I. & Lima, R. C. (2004). Associação de eventos de vida produtores de estresse e mal-estar psicológico: um estudo de base populacional. *Cad. de Saúde Pública* 20 (1): 249-258.
- Souza, F. G., Baptista, M. N. & Xidieh (2001). Burnout: definição e características. *Infanto Rev. Neuropsiq. da Inf. e Adol.* 9 (3): 100-102.
- Stacciarini, J. M. R. & Trócolli, B. T. (2001). O Estresse na Atividade Ocupacional do Enfermeiro. *Rev. Latino-am Enfermagem* 9 (2): 17-25.
- Stacciarini, J. M. R. & Trócolli, B. T. (2000). Instrumento para mensurar o estresse ocupacional: inventário de estresse em enfermeiros (IEE). *Rev.latino-am.enfermagem. Ribeirão Preto*, 8 (6): 40-49.
- Tasman, A. & Schrod Jr, G. A. (2002). Medicina Comportamental. In: Tasman, A. & Kay, G. *Psiquiatria: Ciência Comportamental e Fundamentos Clínicos*. São Paulo: Manole. 576-584.
- Trindade, Z. A.; Andrade, C. A. & Souza, J. Q. (1997). Papéis Parentais e Representações da Paternidade: a Perspectiva do Pai. *PSICO* 28 (1): 207-222.
- Wang, J. L. (2006). Perceived work stress, imbalance between work and family/personal lives, and mental disorders. *Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol.* 41:541-548.

- Wharton, A. S. & Blair-Loy, M. (2006). Long Work Hours and Family Life. *Journal of Family Issues* 27 (3) 415-436.
- Ystgaard, M., K. Tambs & Dalgard O. S. (1999). Life stress, social support and psychological distress in late adolescence: a longitudinal study. *Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol.* 34:12-19
- Zegans, L. S. (1982). Stress and the Development of Somatic Disorders. In: Goldberg, L & Brenznit, S. *Handbook of Stress: Theoretical and Clinical Aspects*. The Fress Press: New York.



## **ANEXOS**

### Questionário de Identificação

**Iniciais:** \_\_\_\_\_

**2 - Sexo:**  
<sup>1</sup>  Masculino      <sup>2</sup>  Feminino

**3 - Idade:** \_\_\_\_\_

**4 - Estado Civil:**  
<sup>1</sup>  Solteiro  
<sup>2</sup>  Casado  
<sup>3</sup>  Viúvo  
<sup>4</sup>  Desquitado / Divorciado  
<sup>5</sup>  Recasado  
<sup>6</sup>  Outros \_\_\_\_\_

**5 - Possui Filhos:**  
<sup>0</sup>  não  
<sup>1</sup>  sim. Quantos? \_\_\_\_\_

**6 - Curso:** \_\_\_\_\_

**7 - Semestre:** \_\_\_\_\_

**8 – Exerce atualmente que tipo de trabalho (atividade)?**  
<sup>0</sup>  não trabalho.  
<sup>1</sup>  sim apenas trabalho remunerado  
<sup>2</sup>  sim apenas trabalho voluntário  
<sup>3</sup>  sim, exerce trabalho remunerado e voluntário

**9 – Caso exerça trabalho remunerado, responda abaixo:**  
<sup>1</sup>  Meu cargo e minha função são compatíveis  
<sup>2</sup>  Tenho mais tarefas a fazer além das que compõem o meu cargo.  
<sup>3</sup>  Realizo menos tarefas do que o meu cargo de fato exige.

**10 - O seu contrato de trabalho é:**  
<sup>1</sup>  Informal (não tenho carteira assinada)  
<sup>2</sup>  Formal e com término indeterminado  
<sup>3</sup>  Temporário  
<sup>4</sup>  Autônomo

**11 – Quantas horas por semana exerce atividade remunerada:**  
<sup>1</sup>  Até 20 horas  
<sup>2</sup>  De 21 a 30 horas  
<sup>3</sup>  Até 40 / 44 horas  
<sup>4</sup>  Mais de 44 horas

**12 – Com quem mora atualmente?**  
<sup>1</sup>  Sozinho  
<sup>2</sup>  República / pensionato de estudantes  
<sup>3</sup>  Com meus pais e irmãos.  
<sup>4</sup>  Com meu esposo (a) e filhos.  
<sup>5</sup>  Apenas com meus filhos  
<sup>6</sup>  Outros \_\_\_\_\_

**13- Quem é considerado o “chefe da família” (quem gerencia a família financeiramente)?**  
<sup>1</sup>  Você  
<sup>2</sup>  Cônjuge  
<sup>3</sup>  Pai  
<sup>4</sup>  Mãe

**Data:** \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

<sup>5</sup>  irmão (ã)  
<sup>6</sup>  Não tem ninguém em específico.  
<sup>7</sup>  Outros: \_\_\_\_\_

**14 – Qual o grau de escolaridade da pessoa considerada chefe da família?**  
<sup>0</sup>  Analfabeto / Fundamental incompleto  
<sup>1</sup>  Fundamental I (1ª a 4ª) completo / Fundamental II (5ª a 8ª) incompleto  
<sup>2</sup>  Fundamental II (5ª a 8ª) completo / Médio Incompleto  
<sup>3</sup>  Médio Completo / Superior incompleto  
<sup>4</sup>  Superior completo

**15– Indique o nível de escolaridade seus pais:**

PAI		MÃE	
Escolaridade		Escolaridade	
<sup>0</sup> Analfabeto / Fundamental incompleto		<sup>0</sup> Analfabeto / Fundamental incompleto	
<sup>1</sup> Fundamental I (1ª a 4ª) completo / Fundamental II (5ª a 8ª) incompleto		<sup>1</sup> Fundamental I (1ª a 4ª) completo / Fundamental II (5ª a 8ª) incompleto	
<sup>2</sup> Fundamental II (5ª a 8ª) completo / Médio Incompleto		<sup>2</sup> Fundamental II (5ª a 8ª) completo / Médio Incompleto	
<sup>3</sup> Médio Completo / Superior incompleto		<sup>3</sup> Médio Completo / Superior incompleto	
<sup>5</sup> Superior completo		<sup>5</sup> Superior completo	

**16- Assinale com um X a quantidade dos itens que você possui em casa:**

Item	Não tem	1	2	3	4 ou mais	
Televisão em cores						
Rádio						
Banheiro						
Automóvel						
Empregada Mensalista						
Aspirador de pó						
Máquina de lavar						
Videocassete e/ou DVD						
Geladeira						
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)						

De acordo com sua família, responda a seguir:

**17- Quantos irmãos você tem:**  
<sup>0</sup>  0      <sup>1</sup>  1      <sup>2</sup>  2      <sup>3</sup>  3  
<sup>4</sup>  4      <sup>5</sup>  5      <sup>6</sup>  mais de 5. Quantos? \_\_\_\_\_

**18- Situação dos pais:**

- Solteiro  
 Casado  
 Viúvo  
 Desquitado / Divorciado  
 Recasado  
 Outros \_\_\_\_\_

**19- Caso seus pais estejam casados, especifique aproximadamente o tempo de união:**

- Até 15 anos  
 De 16 a 20 anos  
 De 21 a 25 anos  
 De 26 a 30 anos  
 Mais de 31 anos

**20- Caso seus pais estejam separados, especifique aproximadamente o tempo de separação:**

- Até 1 ano  
 De 2 a 5 anos  
 De 6 a 10 anos  
 De 11 a 15 anos  
 De 16 a 20 anos  
 Mais de 21 anos.

**21- Você tem algum membro próximo da família falecido?**

- Não  
 Sim, meu pai e minha mãe  
 Sim, meu irmão (ou irmã)  
 Sim, meu pai  
 Sim, minha mãe  
 Sim, outra(s) pessoa (s) \_\_\_\_\_

**22- Se você tem algum membro próximo da família falecido, quanto tempo faz?**

- Até 2 anos  
 De 2 a 3 anos  
 De 3 a 4 anos  
 De 4 a 5 anos  
 Mais de cinco anos. Quantos? \_\_\_\_\_?

**23 - Declaração de cor / Raça:**

- Negro  
 Branco  
 Pardo / Mulato  
 Amarela (de origem oriental)  
 Indígena (de origem indígena)

**24 - Assinale a seguir, os acontecimentos vividos por você, no último ano.****Trabalho**

<input type="checkbox"/>	Mudança de emprego
<input type="checkbox"/>	Aumento na jornada de trabalho
<input type="checkbox"/>	Diminuição na jornada de trabalho
<input type="checkbox"/>	Dificuldades nas relações de trabalho
<input type="checkbox"/>	Promoção ou aumento de salário
<input type="checkbox"/>	Rebaixamento no trabalho
<input type="checkbox"/>	Demissão ou dispensa
<input type="checkbox"/>	Aposentadoria
<input type="checkbox"/>	Desempregado por um mês mais
<input type="checkbox"/>	Falência nos negócios

**Educação**

<input type="checkbox"/>	Retomou / Iniciou os estudos
<input type="checkbox"/>	Mudança de escola
<input type="checkbox"/>	Interrupção de curso (desistência ou grade)
<input type="checkbox"/>	Teve fracasso acadêmico importante

**Questões financeiras**

<input type="checkbox"/>	Dificuldades financeiras moderadas
<input type="checkbox"/>	Dificuldades financeiras grandes
<input type="checkbox"/>	Melhora nas finanças

**Saúde**

<input type="checkbox"/>	Doença física pessoal grave
<input type="checkbox"/>	Doença grave de familiar próximo
<input type="checkbox"/>	Gravidez desejada
<input type="checkbox"/>	Gravidez não desejada
<input type="checkbox"/>	Aborto espontâneo, natimorto, aborto
<input type="checkbox"/>	Menopausa
<input type="checkbox"/>	Dificuldades sexuais
<input type="checkbox"/>	Está acima do peso considerado saudável

**Lutos / Perdas**

<input type="checkbox"/>	Morte de amigo íntimo ou parente significativo
<input type="checkbox"/>	Morte de membro da família
<input type="checkbox"/>	Morte de filho (adotivo ou não)
<input type="checkbox"/>	Morte de cônjuge
<input type="checkbox"/>	Perdas ou roubos de objetos de valor

**Migração Mudanças**

<input type="checkbox"/>	Mudança dentro da mesma cidade
<input type="checkbox"/>	Mudança para outra cidade / país

**Namoro / Coabitação**

<input type="checkbox"/>	Ficou noivo (a) / Casou-se
<input type="checkbox"/>	Rompeu noivado
<input type="checkbox"/>	Encerrou namoro estável
<input type="checkbox"/>	Briga séria com noivo (a), cônjuge ou parceiro (a)

**Questões Legais**

<input type="checkbox"/>	Foi multado
<input type="checkbox"/>	Teve que ir ao tribunal / fórum por alguma questão legal
<input type="checkbox"/>	Teve sentença de prisão
<input type="checkbox"/>	Foi processado
<input type="checkbox"/>	Teve membro da família processado

**Família**

<input type="checkbox"/>	Nascimento de um filho / Adoção ou guarda
<input type="checkbox"/>	Inclusão de uma pessoa diferente morando na mesma casa (exclui-se filhos)
<input type="checkbox"/>	Noivado ou Casamento de filhos
<input type="checkbox"/>	Saída de filho de casa
<input type="checkbox"/>	Teve problemas familiares considerados sérios com pessoas que residem com você

**Matrimônio**

<input type="checkbox"/>	Relação extraconjugal ou infidelidade
<input type="checkbox"/>	Relação extraconjugal ou infidelidade do parceiro
<input type="checkbox"/>	Reconciliação matrimonial
<input type="checkbox"/>	Cônjuge começou ou parou de trabalhar

## Anexo 2

**INVENTÁRIO DE PERCEPÇÃO DE SUPORTE FAMILIAR - IPSF**

Neste questionário é apresentada uma série de 43 afirmações sobre a sua compreensão a respeito da percepção sobre o suporte ou assistência familiar recebido por você. É necessário por gentileza, que você responda a todas as questões assinalando com um **X** a alternativa que melhor se aplica a você e, se por acaso, nenhuma das opções estiverem de acordo com a sua resposta, por favor, escolha aquela que mais se aproxime do que você percebe.

Nº	AFIRMAÇÕES	<u>“QUASE NUNCA”</u> OU <u>“NUNCA”</u>	<u>“AS VEZES”</u>	<u>“QUASE SEMPRE”</u> OU <u>“SEMPRE”</u>
01	Acredito que minha família tenha mais problemas emocionais do que as outras famílias.			
02	As pessoas na minha família seguem as regras estabelecidas entre eles.			
03	Há regras sobre diversas situações na minha família.			
04	Meus familiares me elogiam.			
05	Cada um em minha família tem deveres e responsabilidades específicas.			
06	Meus familiares só mostram interesse uns pelos outros quando podem ter vantagens.			
07	Eu sinto raiva da minha família.			
08	Em minha família brigamos e gritamos uns com os outros.			
09	Os membros da minha família expressam claramente pensamentos e emoções uns com os outros.			
10	Minha família permite que eu me vista do jeito que eu quero.			
11	Minha família discute seus medos e preocupações.			
12	Minha família me faz sentir que posso cuidar de mim, mesmo quando estou sozinho(a).			
13	Eu me sinto como um estranho na minha família.			
14	Meus familiares me deixam sair o tanto quanto quero.			
15	As pessoas da minha família gostam de passar o tempo juntas.			
16	Meus familiares geralmente culpam alguém da família quando as coisas não estão indo bem.			
17	Minha família discute junto antes de tomar uma decisão importante.			
18	Em minha família tem privacidade.			
19	Minha família permite que eu seja do jeito que eu quero ser.			
20	Há ódio em minha família.			
21	Eu sinto que minha família não me compreende.			
22	Na solução de problemas, a opinião de todos na família é levado em consideração.			
23	As pessoas da minha família sabem quando alguma coisa ruim aconteceu comigo, mesmo eu não falando.			
24	Os membros de minha família se tocam e se abraçam.			
25	Minha família me proporciona muito conforto emocional.			
26	Minha família me faz sentir melhor quando eu estou aborrecido(a).			
27	Viver com minha família é desagradável.			
28	Em minha família opinamos o que é certo/errado buscando o bem estar de cada um.			
29	Em minha família as tarefas são distribuídas adequadamente.			
30	Em minha família há uma coerência entre as palavras e os comportamentos.			
31	Minha família sabe o que fazer quando surge uma emergência.			
32	Em minha família há competitividade entre os membros.			
33	Eu sinto vergonha da minha família.			
34	Em minha família é permitido que eu faça as coisas que gosto de fazer.			
35	Em minha família demonstramos carinho através das palavras.			
36	Minha família me irrita.			
37	Os membros da minha família expressam interesse e carinho uns com os outros.			
38	Minha família me dá tanta liberdade quanto quero.			
39	Eu me sinto excluído da família.			
40	Meus familiares me permitem decidir coisas sobre mim.			
41	Meus familiares servem como bons modelos em minha vida.			
42	As pessoas da minha família se sentem próximas umas das outras.			

Anexo 3

**Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho**

Encontram-se abaixo relacionadas 40 situações de trabalho. Assinale dentre as alternativas propostas, o quanto cada uma delas o **incomoda**. No caso de uma determinada situação não se aplicar ao seu ambiente de trabalho, assinale a alternativa *nunca* como a opção de resposta. Não existem respostas certas ou erradas.

① Nunca	② Às vezes	③ Frequentemente
---------	------------	------------------

	①	②	③
1. Acúmulo de funções	①	②	③
2. Acúmulo de trabalho	①	②	③
3. Ambiente físico inadequado	①	②	③
4. Ter autoridade rejeitada pelos iguais ou superiores	①	②	③
5. Chefes despreparados	①	②	③
6. Dificuldades pessoais com o chefe	①	②	③
7. Dobrar jornadas	①	②	③
8. Doença ou acidente pessoal	①	②	③
9. Equipamento precário	①	②	③
10. Problemas com a iluminação do ambiente	①	②	③
11. Expectativa excessiva da chefia	①	②	③
12. Faço trabalhos que não pertencem à minha função	①	②	③
13. Falta de oportunidades de progresso no meu trabalho	①	②	③
14. Falta de perspectiva profissional	①	②	③
15. Falta de plano de cargos e salários	①	②	③
16. Falta de solidariedade	①	②	③
17. Fazer o trabalho do outro	①	②	③
18. Função pouco conhecida	①	②	③
19. Impossibilidade de dialogar com a chefia	①	②	③
20. Licença de saúde recorrente dos colegas	①	②	③
21. Mudança nas horas de trabalho	①	②	③
22. Mudança no status financeiro	①	②	③
23. Mudanças de chefias	①	②	③
24. Muita responsabilidade no trabalho diário	①	②	③
25. Não saber como sou avaliado	①	②	③
26. Não saber quem manda realmente no meu trabalho	①	②	③
27. Não ser valorizado	①	②	③
28. Necessidade de ajudar colegas para fazer o serviço deles	①	②	③
29. Novas obrigações	①	②	③
30. O meu erro afeta o trabalho dos outros	①	②	③
31. Perspectivas de ascensão vinculadas à idéia de transferência	①	②	③
32. Pouca cooperação da equipe para trabalhos que deveriam ser feitos em conjunto	①	②	③
33. Prazos para realização de trabalhos	①	②	③
34. Ritmo acelerado de trabalho	①	②	③
35. Responsabilidade excessiva	①	②	③
36. Salário inadequado para a função	①	②	③
37. Salários atrasados	①	②	③
38. Ter mais obrigações que os demais colegas	①	②	③
39. Tenho que atender a muitas pessoas de uma só vez	①	②	③
40. Tom autoritário de meus superiores	①	②	③

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**  
**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE**

**SUPORTE FAMILIAR, ESTRESSE E SAÚDE: EVIDÊNCIAS DE VALIDADE.**

Responsáveis: Regiane Ribeiro de Aquino (mestranda em Avaliação Psicológica) e  
Prof. Dr. Makilim Nunes Baptista (orientador)

O abaixo-assinado declara que é de livre e espontânea vontade que está participando como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, de responsabilidade do pesquisador. O abaixo-assinado está ciente que:

- i - O objetivo da pesquisa é buscar evidências de validade entre o suporte familiar, estresse e saúde.
- ii. - Durante o estudo, responderá a um questionário de identificação, um inventário de percepção familiar, um inventário de sensibilidade ao estresse e um questionário de saúde.
- iii – As respostas aos instrumentos poderão causar constrangimento.
- iv - A participação neste estudo não lhe acarretará nenhum prejuízo / benefício terapêutico.
- v - Obteve todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a participação do referido estudo.
- vi - Está livre para interromper a participação no estudo a qualquer momento.
- vii - Os resultados obtidos durante este estudo serão mantidos em sigilo, e os pesquisadores não identificarão o voluntário por ocasião da exposição e/ou publicação dos mesmos.
- viii - Poderá contatar o Comitê de Ética em Pesquisa para apresentar recursos ou reclamações em relação ao estudo.
- iv - Poderá compactar o responsável pelo estudo, sempre que necessário pelo telefone (fone 11 - 4034-8028).

**I- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA**

Nome: \_\_\_\_\_

Declaro que concordo em participar da presente pesquisa.

São Paulo, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Assinatura

**II- DADOS DO PESQUISADOR**

Nome: Regiane Ribeiro de Aquino – CRP: 06 /65.359

Mestranda em Avaliação Psicológica pela USF - Universidade São Francisco.

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**  
**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE**

**SUORTE FAMILIAR, ESTRESSE E SAÚDE: EVIDÊNCIAS DE VALIDADE.**

Responsáveis: Regiane Ribeiro de Aquino (mestranda em Avaliação Psicológica) e  
Prof. Dr. Makilim Nunes Baptista (orientador)

O abaixo-assinado declara que é de livre e espontânea vontade que está participando como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, de responsabilidade do pesquisador. O abaixo-assinado está ciente que:

- i - O objetivo da pesquisa é buscar evidências de validade entre o suporte familiar, estresse e saúde.
- ii. - Durante o estudo, responderá a um questionário de identificação, um inventário de percepção familiar, um inventário de sensibilidade ao estresse e um questionário de saúde.
- iii – As respostas aos instrumentos poderão causar constrangimento.
- iv - A participação neste estudo não lhe acarretará nenhum prejuízo / benefício terapêutico.
- v - Obteve todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a participação do referido estudo.
- vi - Está livre para interromper a participação no estudo a qualquer momento.
- vii - Os resultados obtidos durante este estudo serão mantidos em sigilo, e os pesquisadores não identificarão o voluntário por ocasião da exposição e/ou publicação dos mesmos.
- viii - Poderá compactar o Comitê de Ética em Pesquisa para apresentar recursos ou reclamações em relação ao estudo.
- iv - Poderá compactar o responsável pelo estudo, sempre que necessário pelo telefone (fone 11 - 4034-8028).

**I- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA**

Nome: \_\_\_\_\_

Declaro que concordo em participar da presente pesquisa.

São Paulo, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Assinatura

**II- DADOS DO PESQUISADOR**

Nome: Regiane Ribeiro de Aquino – CRP: 06 /65.359

Mestranda em Avaliação Psicológica pela USF - Universidade São Francisco.

2ª VIA.